



Organizador

Rogério Humberto Zeferino Nascimento

Crianças e Jovens na Imprensa Operária (1903 – 1935)



Coleção Pensamento Social Anarquista - Vol 6



Rogério Humberto Zeferino Nascimento
(org.)

Crianças e Jovens **na Imprensa Operária** **(1903 – 1935)**

Coleção Pensamento Social Anarquista - Vol 6

Campina Grande- PB

2025

Os direitos desta edição são reservados à EDUFMG
EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE – EDUFMG
atendimento@editora.ufcg.edu.br

Camilo Allyson Simões de Farias

Reitor

Fernanda de Lourdes Almeida Leal

Vice-Reitora

Mário de Sousa Araújo Filho

Diretor EDUFMG

Everton Avelino

Revisão

Thiago Almeida

Diagramação e Capa

CONSELHO EDITORIAL

Adriano Azevedo de Mello (CCBS)
Andréa Maria Brandão Mendes de Oliveira (CCTA)
Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)
Janiro Costa Rego (CTRN)
José Wanderley Alves de Sousa (CFP)
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)
Marisa de Oliveira Apolinário (CES)
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)
Rogério Humberto Zeferino (CH)
Ronimack Trajano de Souza (CEEI)
Valéria Andrade (CDSA)



Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Sistema de Bibliotecas - SISTEMOTECA
Catalogação de Publicação na Fonte. UFCG - Biblioteca Central

C928 Crianças e jovens na imprensa operária (1903-1935) [recurso eletrônico] / Rogério Humberto Zeferino Nascimento (organizador); Edson Passetti (apresentação); Everton Avelino (revisor); Thiago Almeida (diagramador). – Campina Grande: EDUFMG, 2026.
221 p. : il. color. (Coleção Pensamento Social Anarquista; v. 6).

E-book (PDF)
ISBN 978-85-8001-339-9

1. História do Brasil. 2. Movimento Operário. 3. Anarquismo. 4. Crianças e Adolescentes – Sociedade. 5. Jovens e Juventudes. 6. Trabalho e Trabalhadores. 7. Infância e Religião. I. Nascimento, Rogério Humberto Zeferino. II. Passetti, Edson. III. Avelino, Everton. IV. Almeida, Thiago. V. Coleção Pensamento Social Anarquista; v. 6. VI. Título.

UFCG/BC

CDU 94:327.323(81)

FICHA CATALOGráfICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA SEVERINA SUELI DA SILVA OLIVEIRA CRB-15/225

Sumário

<i>Apresentação – as crianças e os jovens são perigosos, sim. Edson Passetti</i>	7
01 – <i>A infância – Soledad Gustavo</i>	19
02 – <i>As Crianças na Indústria – (Não assinado)</i>	21
03 – <i>A Escola Livre (A propósito do projeto da E. L. em Portugal) – Ana de Castro Osório</i>	23
04 – <i>O trabalho das crianças – C. R.</i>	27
05 – <i>Salada de frutas – Mestre Cuca</i>	29
06 – <i>O trabalho das crianças – (Não assinado)</i>	31
07 – <i>Crônica de S. Paulo – L. Mascoto</i>	34
08 – <i>O ensino: Liberdade ou monopólio – Sebastian Faure</i>	37
09 – <i>12 de março – Eduardo Vital</i>	40
10 – <i>A Religião e a Criança – (Não assinado)</i>	43
11 – <i>Episódios do Sagrado Coração de Jesus – Recordações de outrora – João Crispim</i>	45
12 – <i>Dúvidas – J. Massena</i>	47
13 – <i>Cartas aos trabalhadores III – Alfredo Villa-Seca</i>	50
14 – <i>As manifestações dos acadêmicos – (Não assinado)</i>	55
15 – <i>Pobres crianças – (Não assinado)</i>	57
16 – <i>Rápida – Antônio F. Vieytes</i>	58
17 – <i>Não maltrate os animais – Anargiro Sbadiglia</i>	59
18 – <i>O direito à paternidade – Flor de los Andes</i>	62
19 – <i>Os pequenos larápios – (Não assinado)</i>	65
20 – <i>Apelo aos generosos – (Não assinado)</i>	66
21 – <i>O Chamusco Militarista I – Florentino de Carvalho</i>	68
22 – <i>Em Defesa Dos Menores Martirizados – Florentino de Carvalho</i>	73
23 – <i>Salvemos as crianças! – F. C.</i>	77
24 – <i>A agitação contra a infame exploração de menores – Florentino de Carvalho</i>	79
25 – <i>Continua com êxito a campanha contra a revoltante exploração de menores – Florentino de Carvalho</i>	83
26 – <i>Agitação contra a exploração de menores – (Não assinado)</i>	86
27 – <i>Da palavra aos documentos – Angelina Soares</i>	95
28 – <i>O trabalho dos menores no Rio de Janeiro – Do “Estado”</i>	102
29 – <i>Epístola de Anargiro à Sociedade Protetora dos Animais – Anargiro Sbadiglia</i>	103
30 – <i>A infância e seus direitos – William Headford</i>	106
31 – <i>Aos libertários e simpatizantes – Vincenzo Anódio, et ali</i>	111
32 – <i>Ao Povo: Contra a exploração da infância proletária – Comitê Popular contra a Exploração dos Menores Operários</i>	113
33 – <i>Comitê Popular de Agitação contra a exploração dos menores operários – O Comitê</i>	119
34 – <i>Pela criança, pela mulher e pela humanidade – Maria Antônia Soares</i>	120
35 – <i>Aos anarquistas – Margarida Paula</i>	125
36 – <i>Belicosidades – (Não assinado)</i>	127

37 – <i>Um grande crime da burguesia – Elmano de Andrade</i>	129
38 – <i>Uma grande causa Pela infância proletária Arranquemo-la das garras do capitalismo! – Elmano de Andrade</i>	131
39 – <i>Salve 1º de maio – Edmundo de Amicis</i>	133
40 – <i>Novos horizontes, novas esperanças – Adelino de Pinho</i>	137
41 – <i>O trabalho dos menores – (Não assinado)</i>	140
42 – <i>Filhos? – G. Santos</i>	141
43 – <i>Amor de pai – Rocha Moreira</i>	143
44 – <i>Os horrores do cárcere Os pequenos “criminosos”, na escola do crime – (Não assinado)</i>	147
45 – <i>Palavras a um Escoteiro – (Não assinado)</i>	149
46 – <i>Aos filhos do trabalho denominados obreiros – José F. de Lima</i>	151
47 – <i>As leis sociais – (Não assinado)</i>	152
48 – <i>Pelas criancinhas – Dário Velloso</i>	153
49 – <i>Grave e imoral – (Não assinado)</i>	155
50 – <i>O conto da revista – José Bacelar</i>	156
51 – <i>Consequências da guerra. O martírio da infância – Arquimedes</i>	157
52 – <i>Pelo futuro das crianças do povo – E. Marinho</i>	159
53 – <i>Em pós o Oriente social – Angelina Soares</i>	162
54 – <i>Cães! – (Não assinado)</i>	164
55 – <i>Devorado pelos cães – Umbelina Malhadas</i>	166
56 – <i>Para crianças... – (Não assinado)</i>	168
57 – <i>Novo ano – Angelina Soares</i>	170
58 – <i>Carta do Meu “vovô” – Criança</i>	172
59 – <i>Uma “enquete” sobre o trabalho dos menores – Da secretária do L. E. G.</i>	174
60 – <i>Comentários... Infeliz criancinha! – Atom</i>	176
61 – <i>Eu penso assim – José Maria Pereira</i>	178
62 – <i>Coisas da arte. O aprendiz – (Não assinado)</i>	182
63 – <i>“Sou anarquista” – Isabel Cerruti</i>	184
64 – <i>Profilaxia racional – J. Bóscolo</i>	187
65 – <i>O nosso conto Súplica inútil – Matilde Soares</i>	191
66 – <i>Memórias de Luiza – Raul Brandão</i>	194
67 – <i>Aos jovens anarquistas Pela organização das juventudes libertárias – Grupo Ação Libertária</i>	198
68 – <i>“O século da criança” – Campos de Carvalho</i>	200
69 – <i>A devassidão revoltante de um padre – Menoti de O.</i>	204
70 – <i>Crianças vítimas de torturas inquisitoriais – (Não assinado)</i>	206
71 – <i>Impróprio para menores – F. Aroca</i>	207
72 – <i>Jovens, o coração aberto! – Pedro Catalo</i>	209
73 – <i>Complicações do ensino religioso – (Não assinado)</i>	213
74 – <i>Pontos de vista... – Alba Moscalega</i>	215
<i>Plano inicial da coleção pensamento social anarquista palavras explicativas</i>	217

VOLUME 7
CRIANÇAS E JOVENS NA IMPRENSA OPERÁRIA SUMÁRIO
PARTE I (continuação do volume 6 – 1946 – 1968)

Apresentação – inevitável revolta. Edson Passetti.

- 75 – *Educação cristã – (Não assinado).*
- 76 – *Os companheiros de Campinas, São Paulo, distribuíram o seguinte manifesto: Um brado de alerta contra o clericalismo – (Não assinado).*
- 77 – *“Esta Faculdade está em greve no uso de um direito!” - (Não assinado).*
- 78 – *Uma lágrima e um grito de revolta. Minha filha morreu!... Manoel Peres.*
- 79 – *Ponto 32. Histórias. Folclore. Narrativas infantis.*
- Curso de literatura. Prof. José Oiticica*
(Catedrático do Colégio Pedro II) – José Oiticica.
- 80 – *Sobre a educação social dos jovens – J. Cortés.*
- 81 – *Mais sobre a orientação juvenil – A. Gonzalez.*
- 82 – ★ – *S. P.*
- 83 – *Defendamos as Crianças e seus Direitos – (Não assinado).*
- 84 – *Inquietudes juvenis – Yara Leu-Sou.*
- 85 – *Grêmio juvenil – (Não assinado).*
- 86 – *Ser jovem é... ser jovem, bolas – Felício Senigaglia.*
- 87 – *O menor abandonado – Costa.*
- 88 – *Página juvenil. Hora de realizações – (Não assinado).*
- 89 – *Nova mensagem à juventude – C. Parra.*
- 90 – *Mãe e filho. Por uma infância feliz – Um professor rural.*
- 91 – *Subversão e subversivos – H. Puig.*
- 92 – *Apelo aos jovens – C. Rey.*
- 93 – *Os estudantes e sua rebeldia – F. Torres.*
- 94 – *Página estudantil. Encontro nacional de estudantes libertários – (Não assinado).*
- 95 – *Não uniformizemos a infância – M. P.*
- 96 – *Página juvenil. O jovem e o militarismo – (Não assinado).*
- 97 – *A rebelião da juventude – (Não assinado).*
- 98 – *Porque lutamos – Chico.*
- 99 – *Os acordos MEC-USAID e os estudantes – Sérgio Leitão.*
- 100 – *O Movimento Libertário Estudantil ante o acordo MEC-USAID – Movimento Libertário Estudantil.*
- 101 – *Gerações e problemas – Pedro Catallo.*
- 102 – *Caráter social do problema do menor abandonado – Jaime R. Rolland.*
- 103 – *A juventude e a realidade brasileira – Ida Rego.*

104 – *Arquivo do vovô – Yara Leuenroth Soubihe.*

PARTE II – (artigos em série temática – 1909 – 1948)

Sobre Idalina

105 – *Um ajuste de contas – (Não assinado).*

106 – *E a Idalina? – (Não assinado).*

107 – *Estuprada e assassinada (Não assinado).*

108 – *O caso Idalina. Continua o mistério.*

Os padres não respondem – (Não assinado).

109 – *Onde está Idalina? (Não assinado).*

110 – *O caso Idalina. As nossas pesquisas continuam.*

Idalina está na Europa. Crescei e multiplicai... – (Não assinado).

111 – *Mistério desvelado – (Não assinado).*

112 – *Orfanato sinistro – (Não assinado).*

113 – *Paulistas! Cidadãos! – (Não assinado).*

114 – *Estrangulando um mistério... – (Não assinado).*

115 – *Um viveiro de criminosos – (Não assinado).*

116 – *Do Rio. Onde está Idalina? – D. O. R.*

117 – *Onde está Idalina? – (Não assinado).*

Sobre a criança operária

118 – *Capital e trabalho – A exploração de mulheres e crianças nas fábricas. R.*

119 – *Capital e trabalho. Instrução dos filhos dos proletários – R.*

120 – *Capital e trabalho. As crianças nas fábricas. R.*

121 – *A exploração da infância – Maximalista.*

122 – *A exploração da infância – Maximalista.*

Sobre Genny Gleizer

123 – *Genny Gleizer – (Não assinado).*

124 – *Uma inominável arbitrariedade - (Não assinado).*

125 – *O caso Genny Gleizer – (Não assinado).*

126 – *O caso da jovem Genny Gleizer – Pedro Catallo.*

127 – *Solidariedade a Genny Gleizer – (Não assinado).*

128 – *Afinal, quem são os extremistas? – Xisto Leão.*

129 – *Em defesa de Genny Gleizer! – O Secretário.*

130 – *Reação e romanticismo – (Não assinado).*

Recordações de Liberto Lemos Reis (1922 – 2000)

131 – *Meu caderno de Criança. Carta a um menino mau – Liberto.*

132 – *Meu caderno de Criança. Pássaros na gaiola – Liberto.*

133 – *Meu caderno de Criança. Um menino infeliz I. Liberto.*

134 – *Meu caderno de Criança. Um menino infeliz II. Liberto.*

135 – *Meu caderno de Criança. Um menino infeliz III. Liberto.*

Apresentação



As crianças e os jovens são perigosos, sim

Edson Passetti¹

A imaginação consiste em expulsar da realidade várias pessoas incompletas para, aproveitando os poderes mágicos e subversivos do desejo, obter seu retorno na forma de uma presença inteiramente satisfatória. É então o inextinguível real incriado.²

René Char

CRIANÇAS E JOVENS NA IMPRENSA OPERÁRIA (1903-1968) É MAIS uma obra da coleção de artigos que se soma às muitas visitas, hospedagens e registros de Rogério Nascimento em periódicos operários, principalmente anarquistas. Esta não é uma frase formal redigida para abrir e enaltecer uma antologia. Quem conhece e quem não conhece Rogério Nascimento sabe e saberá que ele é o principal pesquisador libertário contemporâneo voltado para a memória e as práticas anarquistas no Brasil.

Anarquista é avesso a elogios e às baboseiras acadêmicas burocráticas, em especial, quando está fora do circuito dos alpinistas universitários que pretendem obter respeito e salários em cima dos ombros de anarquistas e falando por eles e elas como sua consciência superior. Rogério se lixa para se é ou não o principal em alguma coisa.

Rara é a pesquisa voltada para a criança operária que não esteja relacionada com a história das internações de crianças e jovens

1 - edson passetti é livre docente e coordenador do nu-sol núcleo de sociabilidade libertária www.nu-sol.org Contato: edson.passetti@uol.com.br

2 - “Compartilhamento formal”. Em *Fúria e Mistério*.

pobres e considerados infratores. A sociedade republicana no Brasil se dizia capaz de educar e cuidar destes filhos de operários sem trabalho e na pobreza irreversível, entretanto produziu edifícios, burocracia e sobretudo molinetes mentais e físicos para adestrá-las com o título de educação e de melhorias nas condições de vida e educação. Direto e contundente estava Sébastien Faure, repercutindo a análise de Mikhail Bakunin no século anterior e citado na presente coletânea em artigo de 1910: “a quem pertence a criança? Respondo resolutamente: nem à família, nem ao Estado, mas a si mesma”. Para os anarquistas o direito da criança não é formado de palavras endurecidas ou lustradas pelas leis e procedimentos burocráticos. Não se trata de direito universal, mas de direito à existência, onde vivem e em constante crescimento.

Nas pesquisas ou na vida regular e medíocre, em nome da sociedade, dos direitos, dos direitos humanos e da segurança, as crianças e os jovens são sempre vistos como perigosos. O critério da definição está na descrição arbitrária de sua vida na pobreza física e intelectual, sempre à espera das justas políticas públicas, e de variações nas formas de prisão (fechada, semiaberta, a céu aberto). Nas prisões, as tentativas de pacificação e subordinação, neste século XXI, se dão mais coladas, por meio de organizações dos ilegalismos como CV – Comando Vermelho, PCC – Primeiro Comando da Capital, e outras empresas deste naipe. Mesmo assim, os jovens provocam revoltas nas chamadas *unidades educativas*, que são, antes de qualquer coisa, prisões para jovens.

A formatação jurídica do atendimento da correção à sua condição de condenado à pobreza passa por vários Códigos de Menores (CM) no século passado até chegar ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, depois da nova Constituição do Brasil de 1988. As instituições de Estado perseguem reformas para *melhorias* caracterizadas, desde a ditadura civil-militar como biopsicossociais, com

as devidas compensações escolares e nas obrigações de obediências.

Xs anarquistas foram xs primeirxs, desde Pierre-Joseph Proudhon, a sublinhar os efeitos da redação e de destinação do direito aos que governam: os proprietários, os soberanos, modernamente os herdeiros da Revolução Francesa. Também foram os parceiros de Proudhon que elaboraram a primeira e radical crítica à revolução como a forma moderna de reposição do soberano e suas instituições, acertadamente endereçada à revolução socialista. A revolução anarquista, nesta perspectiva, é *permanente*: federativa e mutualista. É para hoje, não está sob condicionantes dos proprietários da consciência superior. É para uma escola livre da educação estatal, como foi o Orfanato Prévost de Cempuis, no século XIX, com Paul Robin; a La Ruche [(A Colmeia)] de Sébastien Faure, no início do século XX (UEHARA, 2010), as escolas modernas no sul e sudeste do Brasil, tratando a alfabetização e as matérias, segundo a imprensa operária e libertária (PASSETTI & AUGUSTO, 2008). E tudo isso era possível por haver jornais operários como *La Ruche Populaire*, *La Fraternité*, *Pauvre Jacques* (VIEIRA, 2008), mostrando a construção da delinquência pela moralmente podre burguesia. Todo criminoso, para os anarquistas, era e é um prisioneiro político. O que chamam delinquência, levando a luta para dentro das classes populares, era somente o grande disfarce do que Proudhon chamou a propriedade: *um roubo!*

Até o ECA, o tratamento jurídico, social, assistencial, psicológico e econômico a este grande contingente, tido nas palavras demagógicas de governantes como a melhor herança da nação era de *menor*. Menor inimputável, portanto, “fora” do direito penal; *menor* diferente da criança e do adolescente vindo de “situações irregulares”, com “família desestruturada”, defasagem “moral”, criados em meio à “violência social”, com discrepância “emocional”, etc. e tal, na pobreza com a falta de valores respeitáveis e higiene. *Menor* também

como modo de discriminação de raça e etnia. *Menor* identificando e localizando crianças e jovens nas zonas periféricas de moradias, de presença assídua ou inconstante na escola, mas regular na vadiagem, nas violências domésticas, escolares e nas cidades; *menores* vivendo no desleixo, no abandono, escorrendo pelas ruas, catando migalhas, doentes, empesteados, usados e abusados. Então, se com a reforma de vocabulário deixaram de ser juridicamente e socialmente menores com a promulgação do ECA, ao mesmo tempo não deixaram de ser vistos como perigosos, pequenos anormais e bandidos, potenciais rebeldes sob conceitos mais *humanizados*.

Desde Max Stirner, xs anarquistas constatam que a escola foi feita para obedecer. Esta é sua principal tarefa. Se as pessoas, pais ou não, pedirão políticas para que todas as crianças estejam na escola (fator de inclusão), pedirão sempre mais e melhor educação para obediência, com a escola exercendo uma função de punidora, pacificadora e de alimentadora e a saciar a fome de crianças e jovens nos refeitórios escolares. Educação escolarizada generalizada com base no castigo e na recompensa, como na família, na fábrica sob o regime moderno das disciplinas. De tempos em tempos, a escola exercerá a função de ensino identitário justificado em eventual reparação da dívida estatal histórica com negros, indígenas, meninas e mulheres, deficientes, optantes sexuais e mais alguns elementos identitários, no sentido de levar adiante a decolonização e a formar uma nova população de futuros adultos com uma *nova* cultura identitária e inclusiva. Faz parte do vaivém histórico na formação obediente escolar rotulado como parte da evolução do ensino para a democracia e a liberdade. O cancelamento ou a censura são normalizados.

A modulação recente dos controles prossegue acompanhando os imperativos de cada momento pretendendo alcançar sua meta: estancar as prováveis rebeldias. Assim sendo, nada como distribuir direitos

identitários a minorias quantificáveis que deverão compor com os direitos majoritários na democracia. Se o ensino anteriormente era medíocre com base na regulamentação meritocrática, agora é antálgico com base em direitos minoritários. Nos dois casos, justificam-se as escolas para os pobres e os segmentos médios que devem, preferencialmente, aprender a mandar e a obedecer. São os mesmos segmentos sociais que difundem a criminalização de costumes e condutas, formalizando novas acusações seletivas. A escola se apresenta como defensora e educadora para a vida sem violências, para o conformismo, hoje em dia em nome da *governança* quando todos e todas devem colaborar. Quase nada se altera: permanecem pobres, menores, sujeitos de direito do ECA, condenados, advertidos, visados e perigosos sob qualquer regime de obediência, pleiteando e recebendo uma quase mesquinha vantagem e *melhoria*.

A incumbência atual de Estado, o também monopólio legítimo da educação escolar, por um bom tempo foi tarefa levada adiante pelos empresários, posto não haver legislação trabalhista e escolar, muito menos uma regulação sobre o trabalho infantil, e uma irrisória caridade das igrejas. Não é necessário remontar à revolução industrial na Europa para indicar a situação das crianças e jovens proletárias no Brasil, na América do Sul. Sabemos que lhes restavam três possibilidades: serem incluídas como empregadas temporárias em épocas de expansão; voltarem às ruas em épocas de crise capitalista; ou serem polícia. Mas sempre como corpos disponíveis para o uso e o abuso. Ou podiam pretender a liberdade como os filhos e as filhas de anarquistas.

Os empresários foram construindo vilas operárias, com casas e escolas, para os operários de desempenho obediente e não contestador, sem produzir greves e paralisações; os empresários formaram times de futebol para adestrar o operariado (branco ou negro) fabril com benefícios a quem representasse bem a fábrica nos campos de futebol;

com recreações e escolas aos filhos dentro ou próximo ao prédio da fábrica. Era o trabalhador como peça da empresa estimulado a ficar ali e ali encontrar sua *esposa* e à fábrica destinar sua prole habilitada. Vida moral reta, familiar, educadora: parecer ser patrão sendo empregado. Vida para fortalecer a estratificação dentro da fábrica, com o comando dos contramestres (algo similar em ordens ao capitão do mato durante a escravidão) sobre os operários, operárias e as crianças. Esta criançada ficava horas a fio na labuta, bêbadas de sono, “pegando” pesado, sob condições indescritíveis de falta de higiene, atenção e cuidados, despertando bêbadas de sono com os tabefes no rosto pela mão pesada do contramestre.

A escola era tida como a solução *civilizada*. Adotou-se a parte constitutiva da civilidade difusora do temor e dona do refrão dos educadores da época: “a criança e o pepino, torce-se desde pequenino”. A criança é legume, peça de máquina, emudecida, algo a ser moldado à imagem do adulto, uma coisa, resultante do sexo e do “pecado”, filhos e filhas de mães e putas. Era assim na escola quando havia escola no bairro; era assim na fábrica quando havia emprego. Escola e empresa que se apresentavam descaradamente como o antônimo de presídios (onde as crianças e jovens ficavam com adultos nas mesmas celas) orientadas para a prevenção geral. Por isso mesmo, *menor* era e é sempre tido como perigoso; mais tarde com as assistências sociais, psicológicas e sociológicas, passou a ser visto como delinquente, ou seja, resultado do uso de saberes específicos para *identificar* crianças e jovens como infratoras ou possíveis infratores, como menores, perigosos, sem moral, família e escola, como pobres, sujos, abandonados, carenciados, infratores, “criminosos”.

Dentro ou fora da fábrica eles e elas compõem o conjunto de perigosos para a sociedade. Programas de esterilização de mulheres sempre foram aventados para melhorar a higienização e governar a

família a não ter mais filhos do que, supostamente, ela consegue educar com cuidado e saúde. Entretanto, pais e mães eram obrigados a buscar sustento em variados empregos para sobreviverem. Quando existiam; quando existem. Assim como as crianças e os jovens foram elevados à categoria de aprendizes para legalização de parte da mão-de-obra nos empregos. A lei, sabiam e sabem os trabalhadores, é uma idealização universal e uma realidade brutal imediata. No cotidiano os alunos e alunas, os aprendizes precisam estar normalizados para se sustentarem, ampliarem os ramos do consumo da produção capitalista, consumirem diversões e *ilegalismos*, etc. E, ainda, resta-lhes ser polícia, o exército de reserva de poder da sociedade (FOUCAULT, 1975), criado com a finalidade de confrontar pobres contra pobres, pobres famélicos contra pobres uniformizados (e vice-versa) e criar o conjunto de trabalhadores para o direito e a ordem, para a propriedade, matar, exercer a segurança e morrer.

A polícia não só é a de combate ao chamado *crime* como também é a proveniência das chamadas políticas públicas desde quando o Estado prussiano iniciou o controle de saúde e moradia sobre a população no século XVIII (FOUCAULT, 2003). A noção moderna de polícia acopla direito social e penal. A população sob o governo do Estado está sob duas jurisdições e a mesma política no Estado moderno. Os filhos das populações pobres são o alvo preferencial. Cabe ao Estado o controle biopolítico da espécie, combinando segurança, moradia, transportes e deslocamentos, escola e saúde e, nesta, incluindo pandemias, endemias, anormalidades e loucura, doença mental e saúde mental, a segurança da vida física de cada um por meio da polícia, zelando pelas mercadorias, produtos e vida da pessoa ameaçada de homicídio. Com polícia civil, comunitária, militar e outras. Nada é só para adultos e pais de famílias na gestão da vida dos filhos menores de idade; antes de tudo são moldes e modulações de garantias de obediência às autoridades superiores. Foi

assim na república brasileira de onde emergiram os jornais operários e anarquistas. E permanece assim.

A rebeldia aparecerá como patologia entre os pobres e sintoma a ser suprimido pelos saberes *psi* aos demais dos estratos médios e superiores. Em outras palavras, vinga o velho ditado popular: jovens incendiários serão no futuro os melhores bombeiros.

A coleção preparada por Rogério Nascimento pega, neste volume, o momento de formação e consolidação destas relações de poder sobre crianças e jovens no Brasil pela imprensa operária e libertária. É uma perspectiva a ser notada e anotada.

Um acontecimento fundamental ocorreu em julho de 1917 para produzir reviravoltas até mesmo jurídicas: a greve geral em São Paulo e depois no Rio de Janeiro. Há sem dúvida um tantão de lamentações sobre as péssimas condições de trabalho por operários e operárias e pela ausência de vida livre. Sob o regime de melhorias tópicas ou gerais, homens, mulheres e jovens que publicam nestes periódicos sabem que estão sob o domínio burguês da propriedade, da lei e da segurança e que isto é incontornável, sob as propositais vigilâncias religiosas.

A revolta se coloca não como meta, mas decorrente desta vida brutalizada. Assim como a revolução. Os (As) trabalhadores(as) produzem instabilidades nos governos e geram inventivos costumes que abalam os conformismos, a consolação. Xs anarquistas não se assemelharão aos sociais-democratas e liberais que se contentam e elogiam as melhorias produzidas pelas políticas de Estado e as políticas públicas. E muito menos com a retórica comunista que procura alijar os anarquistas do confronto em nome de sua superioridade em elaborar acordo com os governos, visando a delimitar as fronteiras de uma consciência superior. Como xs anarquistas são nômades, dispensam-se de condutores e pastores.

Os escritos deste volume situam a distinção entre diferença

e contraste, entre a potência libertária e as medidas comunistas. Comunistas que participarão do acordo com a ditadura do Estado Novo e apoiarão Vargas, o tirano que, anteriormente, endereçou os mesmos comunistas aos calabouços e torturas.

A criança e o jovem estão com seus corpos disponíveis ao castigo de pais e chefetes designados pelos patrões, padres e pastores a consumir seus corpos em produtividades quando despertos e no roubo de seus descansos. Corpos apropriados para produção e doenças como a tuberculose, anemia, naturalmente próximos à morte, longe da medicina e, em breve, disponíveis à seguridade burocrática estatal ou privada da saúde. Não há sequer um asilo para crianças tuberculosas, muito menos vacinação, higiene nas moradias, tampouco escolas suficientes a quem tem vontade.

Não causa sobressalto que as crianças provoquem revoltas nas ruas, nas fábricas, nas instituições. Hoje em dia, como certas vacinações, escolas e refeitórios para driblar a fome, para as acostumarem a obedecer e a comer um tanto de obrigações e alimentos industrializados, recomendam que não se deve esperar mais por revoltas, somente pelos exercícios de valentias individuais ou grupais reduzidos com ou sem acompanhamento musical de *raiz* (como hip-hop, funk e descolonizados, ops!) vindos das periferias. E direitos ancorados em criminalizações, punições e recompensas: na vida nem tudo é reto e previsível. Muito menos crianças.

Em 1923³ apareceu pela primeira vez, uma legislação trabalhista de previdência. Estava relacionada à estrada de ferro e regulamentava a contribuição mensal compartilhada entre trabalhador e empresário. E com esta prática compartilhada surgiu a previdência estatal que assim ficou até hoje, desde A Lei Orgânica da Previdência Social, de

3 - DECRETO Nº 4.682, DE 24 DE JANEIRO DE 1923. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4682-24-janeiro-1923-538815-publicacaooriginal-90368-pl.html>

1960. Na Alemanha o primeiro sistema de seguro social (Código de Seguro Social Alemão) veio com Bismarck, em 1883, com o seguro-doença; os beneficiários (patrões e empregados) eram somente os que contribuía; na Inglaterra, em 1897, para acidentes de trabalho promulgou-se o Workmen's Compensation Act, e, em 1908, vieram as regulamentações de pensões a idosos (foi somente com o Plano Beveridge⁴ de 1946, apresentado em 1942, e um dos pilares do Welfare State, que se estabeleceu o direito à assistência médica como medida contra a pobreza de modo diferente ao modelo bismarckiano); no México a revolução de 1917 consagrou na Constituição a previdência no artigo 123⁵; a Constituição Russa⁶, após a revolução, como direitos previdenciários; em Weimar, Alemanha em 1919⁷; nos EUA o Social Security Act⁸, a partir do New Deal; finalmente, em 1952, a OIT promulgou a convenção 102⁹ com as normas mínimas para seguridade. No Brasil os direitos previdenciários apareceram na Constituição de 1934¹⁰, mas foi na Constituição de 1946 que a previdência social, enfim, substituirá o seguro social¹¹. Como vimos, a Previdência Social, decorrente do seguro social voltado para doenças e pagamento de modo compartilhado por patrões e empregados encontraram seu apogeu no Welfare State. Considerando que a revolução, segundo Lenin, é a ampliação do direito burguês, os revolucionários ainda tratam os

4 - Em especial ver a tese de doutorado de Salette Magda de Oliveira. Política e Peste: Crueldade, Plano Beveridge e Abolicionismo Penal, PUCSP-Ciências Sociais, 2002.

5 - <https://web.archive.org/web/20110723210409/http://constitucion.rediris.es/principal/constituciones-mexico1917.htm>

6 - <https://www.marxists.org/history/ussr/government/constitution/1918/>

7 - <https://www.verfassungen.de/de19-33/verf19-i.htm>

8 - <https://www.ssa.gov/history/35act.html>

9 - https://dcjri.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/convencao_102_oit_norma_minima_ssocial.pdf

10 - Constituição de 16 de julho de 1934. Disponível em : <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=COF&numero=&ano=1934&ato=42b0TSE1EMRpXT5e1>

11 - Constituição de 18 de setembro de 1946. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao46.htm

proletários como classe a ser comandada pela consciência superior e tutorada pelo Estado.

Neste volume, ainda, há o intenso, brutal e controvertido caso Idalina, envolvendo igreja, crianças, autoridades estatais e policiais. Havia ainda uma certa crença nos operários, principalmente a acompanhada por *A Lanterna*, de que a punição deveria funcionar de mão invertida para a efetiva reparação das injustiças. Até hoje? Era um tempo em que se acreditava na universalidade no Estado, em suas instituições e principalmente nos costumes em que tudo de *justo* dependia da mera inversão de sinais no direito penal para consolidar a justiça social. Xs anarquistas aprenderam rápido que isso é reforma, continuidade do Estado, da propriedade e massacre pastoral dos trabalhadores.

Este volume se encerra com as palavras de um rapaz de 12 anos: “só com a destruição dos privilégios burgueses teremos a tão desejada liberdade. Abaixo a guerra! Viva Liberdade!”.

Bibliografia Citada

Luiza Uehara. A Presença de *La Ruche*: Experiências Anarquistas. São Paulo: Nu-Sol, 2010, pp 93-107. Disponível em: https://www.nu-sol.org/blog/dt_portfolios/v-e-r-v-e-18/

Edson Passetti & Acácio Augusto. *Anarquismos e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

____ (coord). *Ecopolítica*. São Paulo: Hedra, 2019.

Michel Foucault. *Vigiar e Punir*. Tradução de Maria Ligia Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1975.

____ “Omnes et Singulatim”: uma crítica da razão política. In Manoel Barrios da Motta (org). *Michel Foucault. Estratégia Poder-Saber*. Coleção Ditos e Escritos IV. Tradução de Vera Lucia A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

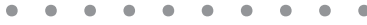
Salete Oliveira. Política e peste: crueldade, Plano Beveridge, abolicionismo penal. Tese de Doutorado. São Paulo: PEPG-CSO/PUC-SP, 2002.

Priscila P. Vieira. Pensar diferentemente a história: o olhar genealógico de Michel Foucault. Dissertação em História. Campinas: IFCH-UNICAMP, 2008.

ESCRITOS

01

*A infância*¹²



Hoje quero dedicar um repto de expansão aos meninos; esses seres queridos que tantas vezes com as suas chalras e gracejos alegam a vivenda do pobre e fazem olvidar por uns momentos as pessoas que produz a brutal luta da existência.

Devido às condições anti-higiênicas em que vive o obreiro das grandes capitais, faltos de luz e ar que senéam nas habitações, e da alimentação acondicionada, o desenrolar da meninez se verifica amiudadamente, na anemia predominando nela, se vicia o sangue, e, como consequência, sobrevêm na escrófula e um sem fim de infecções cutâneas, que muitas vezes, ao alterar a constituição interna, degenera a tuberculose.

Assim podemos contar sempre nas estatísticas, um aterrador número, de criaturinhas que sucumbem pôr a insalubridade das grandes povoações e pôr a pouca ou nenhuma precaução dos pais.

Convém, portanto, já que não é possível subtrair-se à multiplicação das causas que obrigam a viver nos centros industriais, verdadeiros focos pestilentos, arranjar a vida de maneira que apartemos o mais possível da infância as infecções próprias dos lugares que se habitam.

A higiene do corpo é a base do cérebro. Homem sujo é homem ruim, torpe e fanatizado na religião, que só se cuida na limpeza da alma. Nenhuma pessoa suja está sã nem ciente da alegria do viver.

Alimpeza, pois, há de ser o ponto de partida de onde desenvolvemos nossas canseiras de trabalhar para uma humanidade livre e feliz. Já sabemos que antes de tudo nós precisamos cultivar a meninez, que é o

12 - GUSTAVO, Soledad. **A Greve** Rio de Janeiro – RJ – Ano 01 – Nº 10 – Página 04 – 10.10.1903.

Nota do editor: Tradução de *Tierra e Libertad*, por Antônio Félix Pereira.

que amanhã poderá pôr em prática nossos formosos ideais. Temos que procurar que à raça que confiemos tão sublime missão, seja vigorosa, forte, cheia de vida, para que possa cumprir com consciência o labor que lhe encomendamos.

Dê-se à meninez banhos de sol, ar, água todos os dias. Aparte-a dos lugares tristes, obscuros, cerrados.

Ensinemo-la a amar a luz, a sentir o bem, a dizer verdade sempre.

Procure-se que o menino aspire antes todo o ser bom, e veremos logrados os nossos mais intensos desejos.

De que serve ao menino ou à menina (sempre nos referimos a ambos os sexos) das grandes capitais ter a picardia de um golfilo que se tem educado com o arrojo entre as palavras secas do beodo, aos pontapés de um guarda de segurança nas investidas de todo o mundo? Poderá ser para alguns muito gracioso; mas, no fundo de uma desgraça. Sempre é preferido e encantador um menino de aldeia.

O menino há de ser menino e não um aborto da natureza; há de pensar como menino; há de sentir como menino.

O menino são, pelos banhos do sol, do ar e da água, que a Natureza nos dá de graça e em abundância, é o menino a quem confiemos a relação dos ideais do porvir.

02

*As Crianças na Indústria*¹³



Transcrevemos estas impressionantes informações de *La Battaglia*:

Onde o suplício dos *operários-crianças* atingiu o cúmulo inquisitorial é nas fábricas de tecidos de S. Paulo e, entre estas, onde se faz maior devastação é na FIAÇÃO E TECELAGEM MARIA ÂNGELA, dos srs. Matarazzo & C. Neste ergástulo, os teares e as máquinas nunca param, nem de noite nem de dia.

Eis as condições de trabalho nesta penitenciária:

Os homens, encarregados das várias máquinas (por exemplo, os cardadores), trabalham 16 horas por dia – das 05 da manhã às 10 da noite, com um descanso de uma hora, para a refeição – e ganham 3\$500 a 4\$000; as mulheres, ocupadas na limpeza do algodão, no enfusamento, no encolamento dos urdumes, trabalham, segundo os ramos, 14, 12 e 11 horas por dia, com salários que vão de 2\$ a 2\$500. As tecedeiras ganham 2\$000; com dois teares, 3\$500; com três, 5\$000; com seis... mas, estas últimas tiveram que desistir, esmagadas pela fadiga.

As crianças das lançadeiras, DE AMBOS OS SEXOS, de 08 a 12 anos, ganham, por 12 HORAS DE TRABALHO, de 800 a 1\$200 POR DIA.

Mas, agora os dignos capitalistas, tendo estendido o raio dos seus negócios, fazem trabalhar as suas fábricas, de noite e de dia, e as **crianças trabalham das 05 da tarde às 06 da manhã, com 01 hora de intervalo, sob a vigilância dos guardas.**

A certa altura da noite, quase todas estas **crianças, de 08 a 12**

13 - (Não assinado). *A Terra Livre*. Periódico anarquista. São Paulo – SP. – Ano 02 – Nº 27 – Página 01 – 23.02.1907.

anos, meio mortas de fadiga e de fome, caem a dormir; então, o encarregado acorda-as e manda-as retomar o trabalho. Mas, os pobres pequenos tornam a cair; então o CONTRAMESTRE DESPERTA-OS À BOFETADA, e eles, soluçando, retomam o trabalho.

A refeição noturna destas crianças compõe-se de pão e banana.

Os contramestres, na fábrica, têm carta branca, podem bater nos seus subordinados, ou despedi-los. Há uns 15 dias (o artigo foi publicado no dia 10 do corrente), um destes brutos, cujo nome estamos prontos a dar, sovou ferozmente uma menina, e foi, pelos pais desta, chamado à polícia, onde o sr. delegado lhe fez saber que *se a menina morresse, era responsável por isso, mas se não morresse, não era nada*. Alguns dias depois, não restabelecida de todo ainda, esta desgraçada voltou ao trabalho e foi despedida pelo seu algoz.

(*La Battaglia* ocupa-se ainda de outras fábricas, onde a situação das crianças é igual, se não pior).

03

*A Escola Livre*¹⁴

(A propósito do projeto da E. L. em Portugal)

• • • • • • • • •

Eis um título que há de surpreender muita gente no nosso país, para quem a escola é sinônimo de prisão e de castigo.

A Escola Livre!... Mas isto deve ser para a maior parte uma utopia de poeta e, para o resto, um disparate que nem merece discussão.

Crianças, doidos, mulheres e criminosos, têm merecido o soberbo desprezo do homem, que se julga superior e desdenha de ter a sua atenção no estudo das condições morais e materiais em que vive essa grande multidão humana, que são como os párias duma sociedade em que ele só é a classe dirigente e pensante, nem sempre equivalendo ao seu orgulho, e muitas menos vezes, correspondendo à justiça, que se arrogou como distribuidor.

Para a grande maioria dos homens, ainda hoje, apesar do muito que a consciência humana tem melhorado na sua relatividade social, – quanto mais apertadas forem as prisões materiais e morais, onde se guardam essas criaturas inferiores, melhores resultados futuros ele julgaria tirar para a própria felicidade.

Por isso a criança tem o colégio com todos os seus horrores e, entre os colégios, é tido com modelar aquele em que a disciplina e a vigilância são mais completadas pelo terror material, como pelo terror religioso.

Os doidos, pobres doentes, cuja irresponsabilidade devia inspirar respeito e comiseração, ainda sofrem maus tratos e escárnios, e não vai longe o tempo em que o hospital não era a casa de saúde, mas a casa

14 - OSÓRIO, Ana de Castro. *A Terra Livre*. São Paulo – SP – Ano 02 – Nº 30 – Páginas 01 e 02 – 02.04.1907.

dos suplícios.

As mulheres, que ele na sua soberania de macho não escolhesse para o seu gozo material, não tinham outro emprego senão o convento, a prisão, a vigilância.

As que no casamento tinham acolhida, encontravam no lar (no gineceu), uma prisão pouco menos asfixiante e muito mais trabalhosa do que a claustral.

E para todas as religiões, ainda hoje tida, não como uma aspiração superior da alma, não como uma necessidade íntima de certos temperamentos ideológicos, mas como um *freio*, uma sujeição moral a juntar a todas as outras que fazem da mulher uma criatura irresponsável. Inútil *freio*, tantas vezes tomado nos dentes e não obstando às desvairadas fugas para fora do caminho direito! ...

Os criminosos, como todo o peso do crime, que degenerescências sucessivas lhes trouxeram por fatalidade de temperamento, tinham que sofrer porque fizeram sofrer, serem torturados porque torturaram; vingança odiosa de toda uma sociedade que se ofendera no seu comodismo.

Mas... os doidos, graças aos sábios e médicos especialistas, vão tendo um mais consciencioso tratamento.

Os criminosos também vão tendo muito quem por eles se interesse e tente mostrar que a sociedade não tem o direito repugnante do castigo, mas tão somente o direito de se defender e preservar os fracos da companhia perniciosa desses *atrasados*, desses doentes morais, que se hão de curar uns, melhorar outros, e outros por incuráveis ser utilizados assim, mas dando-lhes a maior soma de felicidade compatível com o seu estado de *vigiados*.

As mulheres também lá vão protestando, ainda timidamente, como coletividade. Mas, enfim, uma parte consegue já libertar-se da rotina e, embora menores e tuteladas perante o código, colocadas segundo a

lei civil no plano inferior dos irresponsáveis, o que é certo é que vão progredindo e impondo-se à consideração irmanada do homem.

Só a criança é que continua a ser, salvo as exceções, educada como nos velhos tempos dogmáticos em que a vontade individual era tida como um defeito que, a todo transe, era necessário expurgar.

Lá diz o velho refrão: – “a criança e o pepino, torce-se de pequenino”. E as crianças, torcidas e retorcidas nas mãos inábeis dos educadores, seguem fatalmente dois caminhos – ou se submetem, se aleijam e deformam moralmente até chegar à hipocrisia mole das centenas de criaturas que, a cada passo topamos por aí, ou se tornam uns revoltados para os quais a vida só traz pesares e atritos.

Para o critério português, educar não é tornar a criança amável, alegre, feliz e expansiva. Não é!

Para grande parte dos educadores, ainda hoje, educar é aborrecer, contrariar, tornar bem patente o despotismo autoritário. O ideal da educação tem sido convencer a criança que o estudo é um castigo que Deus põe nas mãos dos pais e dos professores, como lhes pôs a palmatória. É a velha teoria teocrática de que o homem vem ao mundo para pagar culpas que não cometeu. E assim, o trabalho foi convertido em condenação e expiação, em vez de ser transformado em pura fonte de gozo e alegrias saudáveis.

A criança pergunta, na sua insaciável sede de tudo aprender; ela, coitada, que nada sabe e nada compreende!

— A criança é considerada maçadora e curiosa, incorrigível, e mandada fechar no mais absoluto silêncio!

A criança gosta de ler coisas que lhe prendam a imaginação mal desperta; ver ilustrações que lhe falem aos olhos e ao espírito; rabiscar os desenhos que realizam o sonho das suas almas ingênuas e primitivas?!

— O professor e os pais retiram-lhes logo, com enfado, esses

motivos de alegria espiritual e mandam-nas, autoritariamente, para o livro de leituras oficial, para o caderno da escrita e dos problemas, para o desenho do compêndio, — necessários para o exame!

Porque o exame, o terrível exame, está sempre suspenso sobre a cabeça da criança como uma ameaça terrível... como o dia do julgamento para o criminoso. Vai-se para lá um pouco inconscientemente e sem se saber bem o que vão procurar, e volta-se de lá, “se calhou bem”, com o alívio de quem tomou um remédio e com a ideia firme de fechar os livros sobre estudos que já não são precisos — porque o exame está passado.

E assim, de disciplina em disciplina, a criança vai fechando com raiva, a cada exame feito, a matéria estudada “para cumprir”, chegando-se, por este modo, ao fim do curso sem nada saber do princípio.

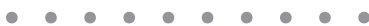
E como não há de existir o horror ao estudo se a criança tem como pronta a ameaça quando faz qualquer maldade, o colégio e a escola?! ...

Foi assim que a escola se converteu ... em presídio.

Parece que a alma negra de uma legião de inquisidores anda por aí encarnada nas pessoas dos pais e dos mestres, a torturar e a aleijar as pequenas almas em formação.

04

*O trabalho das crianças*¹⁵



Quaisquer que sejam os comentários que possamos fazer, a respeito do trabalho das crianças, outros não podem ser senão o da mais absoluta revolta contra o que, diariamente, se pratica por essas oficinas, onde falta o mais mezinho sentimento de humanidade para com a vida de entes apenas no desabrocho das existências.

O regime de completa exploração, mantido pelo capital contra o trabalho, toma, nessa questão, proporções verdadeiramente abomináveis que, doutra espécie, não podem ser as intenções dessa gente.

Há bem poucos dias ainda, falava certo jornalista sobre as proporções de crianças tuberculosas, encontradas entre os pequeninos operários da Imprensa Nacional e Casa da Moeda. Os algarismos, que apresentam as estatísticas dos dois estabelecimentos do governo, são um testemunho eloquente da nenhuma atenção que se liga às boas condições sanitárias dos operários do Estado, que são condições idênticas às de todos os operários. Mas, se no caso presente muito se tem a dizer contra a mentira dos governos, quando procuram fazer crer que são bem remunerados os seus obreiros, maior vulto assume quando consideram o caso afeto às crianças. Mais alto do que as nossas palavras, fala a eloquência destes algarismos, que aqui reproduzimos.

Num exame que fez nas crianças operárias das duas repartições, notou, certo médico, diretor de um estabelecimento de assistência à infância, estas proporções: 71 tuberculosos em 85, na Imprensa Nacional, e 18 em 25, na Casa da Moeda.

É espantoso! Essas crianças, quando entraram para o serviço do

15 - C. R. **A Terra Livre**. Rio de Janeiro – RJ. – Ano 02 – Nº 37 – Página 01 –15.06.1907.

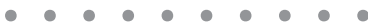
Estado, não se achavam, certamente, em tais condições. Adquiriram a moléstia durante o trabalho, sacrificaram as suas existências tenras, a troco de pingues remunerações, em favor dos celerados oficiais... E essa situação, criada pelo regime de franca subserviência que querem implantar, tem como causa a tremenda exploração, de que são vítimas os pais, sem recursos para manter a família. Vão, então, as crianças de dez e doze anos se gastar nas oficinas, para que haja em casa um naco de pão! Simplesmente bruto!

E é nos estabelecimentos do libérrimo governo brasileiro que nós vamos presenciar estas cenas!

Que se esbanjem os canalhas, enquanto é tempo. Não nos responsabilizamos pelo que vier...

05

*Salada de frutas*¹⁶



Eu tenho andado como o diabo quando era criança, cheio de tédio e vazio de ideias. Os assuntos, também têm andado escassos, isto é, os que merecem uma alusão.

Na falta, porém, de casos risíveis, não há remédio senão procurar entreter o tempo e ocupar espaço com coisas sérias.



Não posso suportar, por mais que queira, a Associação de Proteção à Infância.

As burguesas e os burgueses empenhados em praticar a humilhante e mentirosa caridade, fazem dela o instrumento da sua vaidade, o portavoz das suas virtudes altruísticas.

Ora, não há altruísmo nem há, tampouco, abnegação, na gente rica, na prática desse bem que exercem, da maneira mais revoltante, para com os pobres.

Todos os operários, todos os anônimos deserdados, todos os que sofrem as agruras de uma vida sem confortos, levados por uma cegueira que não é, senão, o fruto de uma grande ignorância, vêm a instituição salvadora da saúde e do bem estar dos seus pequenos – e vêm através do erro, da falsa compreensão do que os cerca.

É tempo já de fazer sentir, aos que trabalham, que tais associações são vazadas na exploração das consciências simples, e que, se os ricos atiram aos pobres, e aos filhos destes, algumas migalhas de dinheiro, remédios e roupas, nada mais fazem com isso do que procurar calar a revolta que nele pode sugerir a miséria moral e material da vida. O

16 - MESTRE CUCA. *A Terra Livre*. Rio de Janeiro – RJ. – Ano 02 – Nº 41 – Página 03 – 14.07.1907.

que os ricos dão, pode-se dizer, é uma parte ínfima do que roubam aos trabalhadores, e dão com o fim de sustentar o estado de coisas que lhes proporciona o gozo e o bem estar.

Que compreendam, os trabalhadores, que não devem gratidão às burguesas e burgueses, que exploram, com os seus sentimentos, dando a seus filhos remédios e roupinhas. Saibam, os que trabalham, manter-se em atitude de indiferença para com toda essa gente que socorre, ostensivamente, aqueles a quem rouba para se ver elogiada.

06

*O trabalho das crianças*¹⁷



O “Correio da Manhã”, num dos seus últimos números ilustrados, publicou o relatório do diretor do Instituto de Assistência à Infância, acerca do inquérito por ele aberto a respeito das condições em que trabalham as crianças nas oficinas do Estado.

Fala, nesse relatório, a eloquência dos algarismos, que é bem a verdade nua e desabusada, a revelação completa de quanto se passa no trabalho infantil. O diretor do Instituto só deu conta, por enquanto, do que colheu nas oficinas da Imprensa Nacional.

O seu exame foi minucioso, e a exposição que dele faz é detalhada. Raras são as crianças que não apresentam o organismo definhado, seja pela rudeza do serviço, seja pela deficiência de alimentação.

A tuberculose oporá, livremente, e o seu campo de ação é dos mais propícios.

Constituições novas, vidas que apenas começam, os pequeninos trabalhadores estão expostos, a cada passo e a todo momento, à contaminação do terrível morbos, que é, desgraçadamente, o flagelo de todas as oficinas.

Asseveram, profissionais da matéria, que é na infância o período da tuberculose mais susceptível de cura. Asseveram isto, e, nem por eles asseverarem, se toma uma providência a respeito. Os patrões são inexoráveis. E o patrão Estado não escapa também.

Não se pense que, verificada a moléstia nas crianças operárias, abandonem elas o trabalho, ou procurem os proprietários da oficina onde perdem a saúde, proporcionar-lhes os meios necessários para um

17 - (Não assinado). **A Terra Livre**. Rio de Janeiro – RJ. – Ano 02 – Nº 44 – Página 01 – 18.08.1907.

tratamento eficaz.

Em se tratando de casos de invalidez para o serviço, a ganância dos patrões chega a ser repugnante. Definha-se um organismo no trabalho e, depois de perder todas as forças, enriquecendo alheias bolsas, nem no período de sua caída encontra quem lhe cuide da conservação. Que importa que assim seja, aos patrões? Que interesse tem eles em fazer, de um braço inválido, um braço forte, se milhões de braços encontram por aí, robustos e são, prontos para o seu serviço?

Dolorosa, tristemente verdadeira situação do trabalhador!...

As crianças, essas mesmas, que serão os braços fortes de amanhã, atirados ao ambiente da oficina, não têm o desvelo que fora mister houvessem.

Doentes e inaptas para qualquer atividade, encontram a indiferença dos que as exploram, arrancando-lhes a última gota de sangue das artérias.

No nosso meio, principalmente, em que se entoam loas à liberdade e ao altruísmo dos poderes públicos, quais as iniciativas em proveito das crianças operárias?

Verificou o diretor do Instituto da Assistência à Infância, no exame que fez nos trabalhadores menores da Imprensa Nacional, que todas as crianças, que trabalham no serviço de impressão, acham-se tuberculosas, e, das que se entregam ao serviço de fundição, só uma verificou não contaminada pelo terrível morbo, e, no de pautação, apenas duas não apresentavam os sintomas da tuberculose.

Em resumo, das 46 crianças que trabalham na Imprensa Nacional, pelo que se depreende do relatório, somente 15 não se acham tuberculosas. Há, portanto, uma porcentagem de mais de 50, o que é doloroso, revoltante ao extremo. E dizer que essas pobrezinhas criaturas servem ao Estado, a inexorável máquina, é ele implacável para com elas, abandonando-as à moléstia, à miséria, à fome, depois de lhes

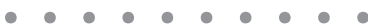
haver roubado, por miseráveis tostões, a saúde e a vida.

É bem esta a situação que nos pode oferecer o Estado.

Que ele se farte. O mel de hoje será o fel de amanhã.

07

*Crônica de S. Paulo*¹⁸



Os capitalistas têm um modo muito especial para bem explorar os escravos que agora não custam um vintém; é uma tática mais que engenhosa, muitas vezes sob a capa de um patriotismo extremo (a filosofia patriótica do burguês é ficar milionário com todos os meios ao seu alcance, mesmo se fosse possível, esquartejando todos os trabalhadores do mundo e vendendo-os como carne seca, para tirar lucro, como de fato acontece nas guerras e nos conflitos internacionais.)

Numa fábrica de qualquer ramo de indústria, há trabalhos pesados e leves, difíceis, simples e complicados; os mais inteligentes (caso raro) deviam fazer os serviços mais complicados e difíceis, os mais fortes (nem sempre) os mais pesados, e os serviços mais simples e mais fáceis, deveriam ser para os que apenas (é raro) para isso são capazes. Mas, nem por isso deixam de merecer todos os mesmos direitos, o que é necessário à vida. Por exemplo: uns fazem os mais difíceis, outros os mais pesados, outros os mais leves; os primeiros não merecem mais que os segundos, porque estes fazem o serviço mais pesado; os segundo não merecem mais que os terceiros, porque mesmo que estes saibam trabalhar melhor, é preciso haver quem faça o seu serviço; sem este, não se pode fazer o outro. E os primeiros, se forem fazer o serviço dos últimos, empregariam o mesmo tempo, produzindo a mesma quantidade; no meu modo de ver, não há distinção de merecimentos. A produção é de todos.

Mas, os capitalistas nada disto sabem, nem precisam de o saber.

A sua sociologia é outra bem diferente. Eles procuram, entre os mais 18 - MASCOLO, L.. **A Terra Livre**. Rio de Janeiro – RJ. – Ano 02 – Nº 46 – Páginas 03 e 04 – 15.09.1907.

inconscientes, os que mais lhes lambem as botas, os que estão prontos para traírem os seus companheiros de escravidão, e fazem-nos mestres, diretores e gerentes, pagam-lhes – como carrascos – um salário superior aos dos outros, muitas vezes, uma porcentagem dos seus lucros e das multas, e confiam-lhes toda a administração; são eles, os carrascos dos próprios irmãos que, para o interesse do patrão e deles, preparam aos trabalhadores a condenação à morte lenta e ao suicídio.

Como faz o capitalista, ou o diretor da fábrica, interessado para ganhar muito? É muito fácil o problema. Começam por pagar 2\$500 a 3\$000 diários aos que fazem o serviço mais bruto, mais pesado e mais difícil. Estes, na maior parte, têm família muito numerosa, e os seus salários, naturalmente, não dão para o aluguel e a água. Que fazer? Têm cinco ou seis filhos, os maiores de seis a 13 anos não podem ir à escola porque não têm o que comer, nem roupa para vestir, nem dinheiro para livros. Para viverem, precisam ganhar. Pois bem, na fábrica, nos serviços fáceis, em lugar de homens que “querem ganhar muito”, preferem as crianças que, por serem mais débeis, ganharão menos ainda. Assim, em lugar de irem à escola, para conhecerem o mundo e a vida, irão à fábrica, para a degradação lenta e desoladora.

Um desses abismos infernais é a fábrica de fósforos de Brito & C. de Vila Mariana, onde há mais de cem crianças, menores de dez anos, que trabalham em serviços perigosíssimos, por um salário que não dá para comer pão e salame, ou bananas. Dali, as crianças saem, ora com um braço fraturado, ora com os cabelos e as faces queimadas, e, às vezes, com a fronte contusa.

Outro dia, – 23 um menino, que conta onze anos, mais ou menos, queimou-se na cara e nos cabelos, ao incendiar-se o fósforo e, retirando a cabeça depressa, para não morrer asfixiado, bateu com o rosto num ferro pontiagudo que lhe furou a cara, de um lado a outro.

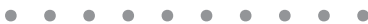
Estes são crimes do capitalismo que, para ganhar milhões, e “elear a sua pátria”, fazem trabalhar crianças que são impróprias para isso.

S. Paulo, 20.08.907

08

O ensino:¹⁹

Liberdade ou monopólio



Em matéria de ensino, quando se fala de liberdade, de que liberdade se trata? Da do pai de família, da do Estado ou da liberdade da criança? Que interesses se hão de pôr a salvo: os dos que dão o ensino ou dos que o recebem? Em que direitos convém inspirar-se, senão nos do destinado a ser beneficiário ou a vítima do ensino?

Como queira que se apresente o assunto, a resposta há de ser a mesma: tem que se assegurar a liberdade, pôr a salvo os interesses e garantir o direito da criança.

A figura da criança domina o problema e, neste ponto de partida, firme e lógico, não pode haver equívoco nem confusão.

A quem pertence a criança? – À família, segundo uns; ao Estado, segundo outros.

Os primeiros, reservam exclusivamente aos pais o direito de lhe dar educadores e a escolha do ensino.

Os segundos, proclamam que a criança, futuro cidadão, pertencendo ao Estado, só este tem a faculdade de educar e de instruir.

Os partidários do direito paterno, denominando-se liberais, querem uma liberdade que se converte na tirania paternal e na confiscação da liberdade da criança.

Os partidários do direito do Estado, vão ao monopólio, ao despotismo governamental e à domesticação das inteligências infantis.

Pois à pergunta: a quem pertence a criança? respondo resolutamente: nem à família, nem ao Estado, mas a si mesma. E, ao

19 - FAURE, Sebastian. **A Terra Livre**. Periódico anarquista. São Paulo – SP. – Ano 04 – Nº 65 – Página 03 – 01.01.1910.

suposto direito da Família e do Estado, cujas entidades não têm respeito pela criança débil, ignorante e desarmada, mais que deveres, oponho o direito da Criança.

A criança tem direito ao pão do corpo, desenvolvimento físico; ao pão da inteligência, desenvolvimento intelectual, e ao pão do coração, desenvolvimento do seu ser afetivo; por consequência, a educação tem por fim: fisicamente, formar corpos sãos, robustos e belos; intelectualmente, constituir inteligências cultivadas e, moralmente, desenvolver corações bons, generosos e fraternais.

Com respeito ao Ensino, quer dizer, à constituição das inteligências cultivadas, que convém fazer?

Neste ponto, o dever é duplo:

1º - *Negativo*. Afastar a inteligência da criança do erro, da preocupação e da mentira.

2º - *Positivo*. Fazer que a criança conheça e ame a verdade.

Mas, onde está a verdade? Quem a possui? Quem pode considerar-se como seu detentor?

A esta capitalíssima pergunta respondo: a verdade não existe, cria-se; não está detrás de nós, mas diante; é como a cidade que se vai edificando, e que, dia a dia, se embeleza e se ilumina.

Unicamente os dogmáticos e os metafísicos se podem ensoberbecer em vão com a posse da verdade e julgar-se com o direito de a impor aos outros. Usem ou não sotaina, ensinem em nome da Religião ou do Estado, esses dogmáticos são sempre perigosos e, como tais, hão de ser repelidos.

Já que a verdade se acha dentro de nós, é necessário deixar que a criança procure *por si mesma* essa verdade cada vez maior e luminosa, para a qual nos dirigimos.

Se não possuímos a verdade, possuímos *umas* verdades.

Estas verdades são as noções já certas, demonstráveis e evidentes;

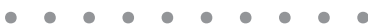
são os conhecimentos adquiridos, as realidades positivas, as proposições comprovadas e comprováveis.

Estas verdades, numa palavra, formam o conjunto de conhecimentos certos, que constituem, no presente, o *capital intelectual da humanidade*.

Por este capital-saber (comunismo cerebral) à disposição de todas as crianças, é o que de nós exige o direito desse pequeno ser inteligente em período de formação e de desenvolvimento.

09

12 de março²⁰



O caso misterioso de Idalina atingiu o culminante ponto. Havia sido desmascarado, para vergonha de seus autores, o repugnante entremez da falsa Idalina. Os ânimos estavam superexcitados. O delegado de polícia, relapso no cumprimento de seu dever, não abria, como lhe cumpria, inquérito para descobrir os autores da nefanda comédia. A acusação dirigida ao diretor do estabelecimento, cognominado o Orfanato sinistro, persistia. A defesa sem base, que apresentaram os acusados, tinha sido pulverizada. Nessa ocasião, amparados pela Constituição, homens corajosos e resolutos resolveram protestar contra a clara parcialidade da polícia com os padres, que se mantinham silentes.

Arbitrária e violentamente, a polícia proibiu o anunciado *meeting* de protesto. Fortes pela consciência de seu direito, os autores do *meeting* insistiram em leva-lo avante.

E assim foi. O convite feito foi atendido. E a polícia, a polícia seráfica do dr. Pinheiro e Prado atacou, com extraordinária bravura, o povo desarmado. Seguiram-se cenas hediondas de vandalismo. Prisões se efetuaram. Mas, se a polícia pensou que assim fazia calar as vozes dissonantes que vinham perturbar a paz, a serenidade, o sono tranquilo dos ministros do Senhor, com a irritante pergunta: “Onde está Idalina?” enganou-se. A reação manifestou-se veemente. A nenhum de nós, que por um dever de solidariedade humana tomamos parte saliente na cruzada empreendida em prol da verdade e da justiça, a nenhum de nós amedrontaram as violências da polícia.

A justiça paulista — honra lhe seja — não pactuou com os

20 - VITAL, Eduardo. **A Lanterna**. Folha anticlerical e de combate. São Paulo – SP. – Ano 11 – Nº 129 – Páginas 02 e 03 – 09.03.1912.

desmandos da polícia, prepotente.

Gastão Mesquita, o íntegro juiz, absolveu os envolvidos em especioso processo. Honra ao ilustre magistrado! Honra à magistratura paulista!

Salve, S. Paulo!... O procedimento da polícia só teve um resultado — estreitar nossa união. E quando, decorrido pouco menos de um ano depois dos fatos vergonhosos de que foi teatro a adiantada capital do mais importante Estado do Brasil, o júri foi chamado de surpresa para julgar Maria Luiza ou Ítala Fonte, a nossa vitória foi brilhante. O júri julgou não provada a existência da mulher-fantasma.

O *meeting* a que nos referimos, no princípio de nosso artigo, se realizou a 12 de março do ano próximo passado.

É essa data que solenizamos, pois a campanha terminou, graças ao íntegro juiz Gastão Mesquita, com a derrota do clericalismo embrutecedor e de sua aliada — a polícia! Derrota essa que se consumou na sessão memorável do júri, em que 12 jurados proclamaram ser um mito a famosa Maria Luiza Bonifácio.

S. Paulo inicia a reação contra o clericalismo, que nos procura envolver em seus tentáculos de polvo!

Salve S. Paulo!... Salve terra ilustre!... Nunca serás presa dos homens de roupeta... Salve S. Paulo! Que teu exemplo frutifique!... Que teu exemplo seja seguido por todo o Brasil!...

Terra da liberdade! Terra ilustre e benfazeja! Salve, S. Paulo! Salve!

Rio, 03 — 03 — 912.

Eduardo Vital

N. da R. – O nosso estimado colaborador exagera os seus louvores à justiça deste Estado.

É justo registrar o ato de independência do dr. Gastão de Mesquita,

mas não devemos olvidar a conduta do Tribunal de Justiça, que reformou a sentença daquele juiz pronunciando o dr. Passos Cunha e Oresti Ristori.

Andou, também, acertadíssimo o Tribunal do Júri com a sua sentença, absolvendo a fantástica raptora de Idalina.

Entretanto, devemos clamar bem alto que a Justiça continua a deixar em paz os criminosos do Orfanato, mesmo depois da citada sentença do Júri.

É preciso ainda não nos esquecermos de que estamos sendo processados por causa do comício de 12 de março.

Há razões para louvores? Por certo que não?

10

*A Religião e a Criança*²¹

• • • • •

Está absolutamente provado que é falsa a afirmação dos teólogos, sustentada por vários escritores de vulto, como Max Muller e M. R. Wacley, de que o ser humano é essencialmente monoteísta. Demonstram-no fatos evidentes apontados por sábios célebres, entre os quais citaremos a autoridade do dr. Kitto, no seu livro *Os sentidos perdidos*, sir John Huhbock nas suas obras *Os tempos pré-históricos* e *As origens da civilização*, e, ainda pela insuspeita opinião do padre Samuel Smith, que refere que, tendo estado em contato contínuo com surdos mudos, reconheceu que todos aqueles que não haviam sido submetidos à educação, desconheciam completamente a ideia da existência de um ente supremo, criador do Universo.

Entre mesmo alguns povos selvagens, se desconhece a religião que subordina os que a professam a determinadas causas sobrenaturais.

Herbert Spencer, o grande filósofo, diz-nos, sobre este assunto, que as ideias religiosas não têm a origem sobrenatural que lhes atribui, e antes devemos afirmar que têm uma origem perfeitamente natural.

E, logicamente, se tivessem a origem espiritualista que se lhes atribui, não haveria tantas e tão diversas (há milhares delas) religiões com ídolos tão opostos e todos em completo desacordo.

Não há, pois, que duvidar de que a religião — qualquer que ela seja — é uma mistificação imaginada pelo homem, para conseguir dominar os povos, apresentando-a como a adoração de um determinado ente, que nunca ninguém viu, e de cuja existência não há provas indiscutíveis, sendo, pelo contrário, muito de discutir os fatos que os

21 - (Não assinado). **A Lanterna**. Folha anticlerical e de combate. São Paulo – SP. – Ano 11 – Nº 131 – Página 02 – 23.03.1912.

sacerdotes e apóstolos, das diversas religiões, apresentam aos povos em que preponderam, afim de demonstrar a veracidade das suas afirmações sobre a existência da divindade suprema que pretendem substituir na terra.

Não se baseiam em princípios de verdade as variadas religiões.

Todas elas são, sem excetuar nenhuma, o instrumento de que servem os tiranos e seus sequazes para oprimir os povos.

E é por intermédio da mulher e da criança que mais facilmente, as diversas seitas religiosas, conseguem realizar, com segurança, as suas catequeses. Espíritos fracos, facilmente dispostos a admitir o sobrenatural, é para elas que o sacerdote, primeiro, lança as suas redes de atração.

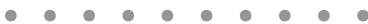
E, havendo-as ao seu seio, relativamente fácil se lhe torna catequizar o homem.

E, pois, para esse lado, para a mulher e para a criança, mas mais principalmente para esta, que devem incidir as atenções dos livres-pensadores, diligenciando tenazmente afasta-la do convívio com seres ou coisas que lhe inculcam, no espírito débil, a subserviência resultante da convicção religiosa.

Porque essa criança, para quem agora se devem dirigir as nossas atenções, constituirá, num futuro próximo, a sociedade, que nada será, nem produzirá de útil para si e para a Humanidade, se o seu intelecto não estiver completamente alheado das diversíssimas peias com que a religião o obceca.

11

Episódios do Sagrado Coração de Jesus – Recordações de outrora²²



Por entre as infindas saudades dos albores da minha infância querida perpassam as recordações, espécie de nebulosas que obscureceram, em parte, as ideias de puritanismo e de esplendor que a minha mente sonhadora formara a propósito do Mundo e dos seus habitantes.

Neste estado de profunda inocência, através da qual se julga o próximo segundo o modo de pensar e de sentir que nos anima, assim como um reflexo das nossas faculdades, entrei para o colégio do Sagrado Coração de Jesus, em qualidade de externo.

A princípio julguei-me feliz: teria a dita de satisfazer a minha sede de saber e de purificar a minha alma e aprender todas as regras de boa conduta, ao lado dos santos varões salesianos que serviam de professores naquele estabelecimento de ensino.

A instrução e a religião fariam de mim um homem perfeito e exemplar.

O tempo encarregou-se, porém, de fazer ruir por terra todas as minhas ilusões.

Os mestres eram verdadeiras nulidades: o seu ensino limitava-se a fazer-nos repetir maquinalmente as lições que decorávamos dos livros e a entreterem o tempo, contando-nos as narrativas alusivas a todos os santos da folhinha e a explicarem, com abundância de detalhes, as bondades e os exemplos de virtude dos papas, dos bispos e de todos os reverendos de que haviam tido notícia.

Para nós eram interessantes estas lições de virtuosidade, porque

22 - CRISPIM, João. **Germinal!** São Paulo – SP. – Ano 01 – Nº 04 – Página 02 – 06.04.1913.

tínhamos a nossa opinião a respeito da honestidade dos nossos próprios educacionistas. Efetivamente, falava-se da luxúria homo sensualista de certos mestres e ministros da religião, correndo os seus nomes de boca em boca, e os alunos internos, os quais passavam talvez de mil, eram pelos externos considerados geralmente como vítimas da incontinência dos padres.

No mesmo conceito eram tidos os alunos do Seminário Episcopal e dos outros internatos eclesiásticos.

Qualquer hediondo atentado, como o que acaba de dar-se no Sagrado Coração de Jesus, pode causar espanto a todos, menos aos alunos desse colégio, para os quais é um fato esperado, que constitui a cadeia de normalidade desses atentados, que se julgam quotidianos.

Os alunos têm por norma ocultar em casa, ou entre pessoas de maior idade, estes fatos porque não se atrevem a relatar tão repelente práticas do clero católico, cortejo de pervertidos e degenerados, que envenenam quanto avistam e quanto tocam.

Estas duras lições devem servir de estímulo para que os pais que verdadeiramente amam os seus filhos não os mandem a esses antros de corrupção.

Todas as pessoas amantes da justiça devem correr em socorro da infância, arrancando-a dos tentáculos aduncos dos negreiros de batina e proporcionar-lhe uma educação racional e científica, tal como a iniciara Ferrer.

Se o ensino religioso, e a conduta fradesca, é um crime revoltante, também é um crime enviar a infância a saciar os instintos bestiais dos bonzos e a sofrer a influência nefasta da sua grosseira educação.

12

*Dúvidas*²³



Também nós somos inimigos irreduzíveis daqueles que, em proveito próprio, exploram a infância, obrigando-a a trabalhos excessivos ou visivelmente imorais. E assim, o ato do “digno” promotor público, tentando impedir que duas crianças continuem a cantar no Politeama, mereceria todos os nossos aplausos, se não nos assaltassem algumas dúvidas que desejamos ver esclarecidas pelos competentes:

– Pode a justiça social impedir que *os menores* exerçam uma profissão qualquer, sob o pretexto de que essa profissão é anti-higiênica, exaustiva e imoral?

– Se, pode, por que deixa a justiça pública que milhares e milhares de menores lentamente se asfixiem e lentamente morram nas fábricas de tecidos, nas oficinas de costura, nas fundições, nas minas, nos armazéns, sob a carga excessiva de um trabalho implacável?

– Ora, respondereis, essas profissões são *apenas* mortíferas, ao passo que o teatro é imoral! São os percalços da pobreza. Quem mandou nascerem pobres essas crianças? Pouco nos importa que elas morram nas fábricas, contanto que arrebentem de acordo com as regras de nossa infalível e respeitabilíssima Moral!

– Mas a moral é uma coisa relativa, muda com os lugares e com os tempos; qual é, pois, a medida, qual o critério, qual o código da imoralidade? A nosso ver, por exemplo, a profissão de cantor público nada tem de imoral, como julgais! Ainda ontem vimos no Politeama senhoras e cavalheiros respeitáveis que certamente lá não iriam se a profissão daquelas crianças tivesse alguma cousa de vergonhoso ou

23 - MASSENA, J.. Edição especial do “Germinal!” e da “Barricata” São Paulo – SP. – Ano 01 –Página 03 – 01.05.1913.

desonesto. E, digamos de passagem, achamos mais desonesto, mais dissolvente do caráter popular, o pernicioso exemplo do tão aplaudido Geraldo, sujeito robusto, que podia ser útil à humanidade e que, no entanto, prefere, sem que ninguém proíba, viver suavemente cantando cançonetas brejeiras!

– Mas, tal profissão é exaustiva, retrucareis; imagine só isto de ficar uma criança até meia noite sem dormir!

– É suavíssima, dizemos nós, comparada com o duro ofício dos tecelões, das lavadeiras, dos pedreiros, dos carregadores e tantos outros.

– Mas é uma exploração dos pais vadios, que não querem trabalhar!

– E tendes certeza de que as outras não o são? E achais que os pais não têm o direito de, aproveitando a aptidão especial revelada pelos filhos, para uma carreira suave e rendosa, destiná-los desde cedo a esse ofício, preparando-lhes um futuro relativamente feliz?

– Fora da moral não há felicidade, direis.

– Pois bem. Mas acaso o ambiente de uma fábrica é mais moral do que o de um teatro? Parece um paradoxo. Lede, porém, as vivas descrições dos escritores naturalistas, que procuram representar a vida tal qual ela é, e vereis que a horrível promiscuidade das fábricas, associada à ignorância das crianças e à brutalidade e estupidez dos homens, gera ali os vícios mais baixos, mais precoces, mais assustadores que a humanidade jamais viu.

Consideramos o jornal como um campo neutro onde todas as opiniões livremente se debatem, para que desse mesmo conflito possa surgir a rutilante Verdade; e assim não será para estranhar que alguns dos nossos dignos colaboradores manifestem opiniões diametralmente opostas a estas. Mas é bem possível que muitos desses nossos ilustres e amáveis letrados, os quais tão gentilmente se confrangem perante aquelas

duas meninas que ganham a vida cantando, tenham passado indiferentes e felizes ao pé das horríveis fábricas, dos pérfidos matadouros, onde, não duas, porém milhares de crianças, transformadas em máquinas humanas, se estiolam e arrebetam sob o jugo de um trabalho assassino!

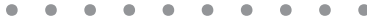
Não, ilustres amigos; se tendes um coração humano, como candidamente mostrais, deixai que aquelas crianças ganhem a sua vida cantando. Assim pudessem todas as outras deste doloroso mundo ganhá-la do mesmo modo!

Não é a melhor maneira; não é decerto o ideal! O ideal, bem o sabemos, seria uma boa educação, bons mestres, bons livros, boas roupas e muitos mimos! Mas o ideal ainda vem longe.

Ficará como uma suavíssima aspiração de vossos generosos corações. E enquanto ele não chega, enquanto não desponta a nova aurora social, que os meigos sonhadores do socialismo suavemente imaginam esforçadamente preparam, deixai que aquelas crianças ganhem a vida cantando, porque se assim não fizerdes, elas serão forçadas a ir ganhá-las gemendo.

13

Cartas aos trabalhadores III - Alfredo Villa-Seca²⁴



Na carta de hoje, e na linguagem serena e descuidada das anteriores, proponho-me contar-vos um grande infortúnio, que um simples acaso me fez conhecer há pouco. Faço-o em carta dirigida aos trabalhadores porque, precisamente, é um filho de desventurados trabalhadores, cedo caído na orfandade, a tenra e indefesa vítima deste lamentável sucesso. Sucessos idênticos enchem, certamente, o mundo, porque o mundo mata os trabalhadores muito antes de poderem criar os filhos. Ouvi-o, pois, e temei – este caso dolorosamente triste – se amais e temeis a sorte de vossos filhos, dos vossos filhos pequenos, sobretudo.

Chama-se Domingo da Cruz, a infortunada criança de que vos quero falar, e tem apenas treze anos de idade. Encontrei-o uma noite de domingo, parada à esquina de uma rua, enrodilhada na sua miséria, concentrada no seu abandono. Era uma doce, suave noite tropical, profunda e luminosa, à hora em que sonolentos burgueses, de ventre próspero e andar incerto, levando nos dentes o último charuto do jantar, vão, embalados pela tagarelice das mulheres e das filhas, em busca da apetecida diversão, cômoda e ligeira, que lhes há de tornar leve e fácil a lenta digestão difícil. Passavam em pequenos grupos compactos e desapareciam defronte, na estreita praça, escoados nos cinematógrafos repletos, cujas luzes numerosas e coruscantes, atraindo e retendo os alegres e os felizes, descobriam e denunciavam, a poucos passos, aquela imensa tristeza e aquela grande infelicidade. Vestia miseravelmente a miséria dos abandonados e dos tristes, e o seu pequeno casaco, um pobre casaco de brim pardo, pareceu-me de desmesuradas proporções, sobre

24 - VILLA-SECA, Alfredo. **A Lanterna**. Órgão da Liga Anticlerical. São Paulo – SP. – Ano 13 – Nº 260 – Páginas 01 e 02 – 12.09.1914.

os seus débeis membros descarnados. Tinha a palidez baça da fome numa face fundamente cavada que lhe alterava, de maneira sinistra, a linha regular do queixo. Os seus olhos, dum brilho fundo e suspeito, eram de uma extraordinária doçura, a doçura dos longos sofrimentos numa longa e silenciosa resignação. Era a viva e heroica expressão da dor, uma dor infantil e já velha que, apoderando-se daquele pequeno corpo quase ao nascer, para sempre, e irremediavelmente, o perdera. Nunca silhueta de criança revelou, num recorte tão vivo e flagrante, uma tal soma de sofrimento nem uma angústia maior. Não era uma dor somente, eram as dores todas da infância obscura e desgraçada, os sofrimentos silenciosos de todas as inocências, todas as augustas e sublimes resignações infantis, caladas, inconscientes, inexplicáveis. Ela – a mísera criatura – não saberia dizer porque sofria, nem se o sofrimento era a dura lei da sua vida, da sua vida de miséria e abandono.

Não poderei esquecer, nunca, a singular impressão que a sua voz me produziu. Era uma voz tênue e lamentosa, infantil e vaga, terna e carinhosa, que parecia vir do muito longe e escoar-se num fiozito prestes a romper-se. Mesmo fraca, porém, mesma vaga, quase imperceptível, ela parecia traduzir riquezas inesgotáveis em ternura e meiguice, que sua pobre mãe, morrendo, não pudera recolher e que, para sempre inúteis, jaziam naquela pequenina alma maternalmente inútil.

Tinha febre, uma grande febre, que me apavorou. Tossia. E foi com um grande esforço que respondeu às minhas perguntas e me disse, talvez sem vontade, a história da sua vida, da sua vida de treze anos, simples, dramática, contemporânea, em episódios esparsos.

Trabalhara até à véspera como vendedor ambulante de doces. Era o seu último emprego, o único que conseguira obter, depois que, por falta de serviço, fora dispensado de uma pequena casa de bebidas, situada num bairro distante. Andara, algum tempo, desempregado, e começava a passar fome, quando lhe apareceu, providencial e salvadora, aquela colocação. Mas não podia mais. Tinha, forçosamente, de a deixar. Era um mau serviço, aquele. Todas as manhãs, às sete horas,

o seu patrão, excessivo e brutal, como quase todos os patrões, lhe passava pelos seus pobres ombros, a suja correia do enorme tabuleiro, cujo peso, desconforme para os seus poucos anos, o fazia dobrar-se todo para a frente e trazer, continuamente encolhido, o seu magro peito de criança. Assim andava todo o dia, assim percorria quase toda a cidade, caminhando léguas sem cessar, às vezes sob um duro sol inclemente, que lhe queimava as carnes tenras, através da roupa singela. Molhava-se muitas vezes também. Fortes aguaceiros surpreendiam-nos frequentemente, atravessando lugares abertos e desabrigados, e como não tinha a esperança de poder trocar os míseros trapos encharcados, deixava que estes lhe secassem sobre o corpo, no calor das longas caminhadas.

Aquela doença, aquela maldita doença, que o não deixava trabalhar, que lhe oprimia o peito, que o sufocava nas longas noites de calor, aparecera-lhe algum tempo depois de andar neste serviço. Estivera muito mal, escarrara sangue. Então, aconselhado por companheiros de ofício, quase tudo gente da sua idade, – mais felizes apenas por terem o bem supremo de uma família e dois braços maternalmente abertos, ao fim do dia – fora à Santa Casa, à consulta. Então já era grande o seu estado de fraqueza. Após um curto exame, feito por um médico sempre apressado, recolheram-no à enfermaria. Melhorou. Ao cabo, porém, de dezessete dias, mal se sustentando ainda nas pernas frágeis, deram-lhe alta. E, ao deixar o hospital, como não pudesse suportar a sede, uma sede horrível que o abrasava, entrou numa taverna e pediu um copo d'água. O taverneiro, um sujeito gordo e baixo, de grandes bigodes pendentes, disse-lhe, encarando-o e franzindo a testa, que não, que o não podia atender, que o hospital era em frente, e que ali não se dava de beber a tísicos. Que tivesse paciência. A criança, humilde, envergonhada, pediu desculpa. E sentira vontade de chorar, de chamar alguém, alguém que devia estar ali para ampara-lo, defende-lo contra aquela brutalidade. Mas esse alguém não o ouviria, por mais ardente e desesperada que fosse a sua súplica, esse alguém, que era sua pobre

mãe, tinha desaparecido há muito.

Fraco, trôpego, com febre, voltara ao trabalho, fora buscar o tabuleiro fatídico. Andava pouco, agora. Deixava-se ficar na primeira praça, à sombra amiga de uma árvore. Mas vendia menos, e o patrão, exigente e ríspido, ameaçava despedi-lo. Como trabalhava à comissão – trinta réis em cada doce – havia dias de não ganhar mais que uns magros seis tostões. Com isto comia – pão e café, raramente outra coisa – e pagava de quarto, cinco mil réis por mês, um estreito e imundo quarto, à travessa do Quartel, onde pernoitava com mais dois companheiros.

Era órfão. Sem pai, que tinha o ofício de carroceiro, morrera havia oito anos, em consequência de sucessivas rupturas, provocadas, segundo diziam, pelas contínuas cargas e descargas de enormes pesos, a que ele, repelindo todo o auxílio que lhe diminuísse o ganho, raramente se furtava. Sua mãe, essa não a conhecera, pelo menos não lh’a recordavam as suas reminiscências. Falecera de parto, um ano depois dele nascer. Lavava e engomava para fora, e o médico que a tratou dissera que fora um resfriado. Ele não sabia ao certo. Seu pai um dia, a uma pergunta sua, falava-lhe, vagamente, no calor dos ferros de engomar, uma noite de muito serviço, num sábado. Alguns dias depois, ela morria.

Ao ficar só e pequenino, fora levado a uma família pobre, vizinha e amiga da sua, que o recebera com sinais de satisfação, no meio da sua pobreza. Aí vivera, se crescera até à idade em que lhe foi possível trabalhar e ajudar a casa, trazendo e entregando, cada mês, à sua mãe adotiva, os poucos mil réis que lhe pagavam. Enfim, era sina sua não ter casa e não ter família: a miséria desta pobre gente aumentando, na proporção dos braços válidos que desapareciam, levados para um novo destino e para uma nova miséria, tinha-o forçado, a ele, a precipitar-se na vida, ao acaso da fortuna, buscando, por sua própria conta, aquilo que já lhe não podiam dar: – casa e meios de subsistência. Errou pela grande cidade – a formosa Pauliceia – durante meses e meses, passou fome, dormiu ao relento pelos portais. Conheceu vários empregos e foi sempre mal pago. Um dia adoeceu, esteve à morte. Salvando-se, encontrava-se

sem força para o trabalho, minado por males irremediáveis. Aos treze anos – idade em que os filhos dos ricos principiam a viver a gozar – ele, a pobre criança, pária inocente duma sociedade maldita, começava a definhar e a decompor-se.

Eis aqui, sem frases de efeito e sem ornatos, a história simples e verdadeira desta infância desventurada. Sobre ela construir-se-ia um belo conto, com grandes e comoventes episódios, capazes de armar à piedade e à... caridade das pessoas filantrópicas. Mas quem escreve estas linhas não é romancista, nem tem veleidades de escritor--- --- - --- ---²⁵ odeia a piedade e odeia a caridade ainda nas suas formas menos humilhantes. Quis, simplesmente, dizer-vos, em carta, e no estilo de carta, como pude e soube, o que sobre uma criança, a sua miséria, o seu abandono, a sua doença, esta criança me contou e o mais que deduzi, preocupando-me, exclusivamente, com a verdade, inteira, completa, absoluta, e sobre esta verdade – tristemente dolorosa – chamar a atenção dos trabalhadores e das mulheres dos trabalhadores, que têm filhos pequenos e que, órfãos amanhã, serão, inelutavelmente, irremediavelmente, outros Domingos da Cruz – abandonados, famintos, doentes, corroídos pela miséria e pela tísica.

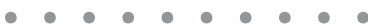
– E a pobre criança, que é feito da infeliz criança de que nos falais? – perguntareis vós, honrados proletários.

Sossegas. Domingos da Cruz não está só. Fez-se lhe o que é compatível com a justiça dos tempos, a justiça como a entendem todos os revoltados. Isto deve bastar.

25 - **Nota do Org.:** palavras ilegíveis na cópia digitalizada consultada.

14

*As manifestações dos acadêmicos*²⁶



Não podemos deixar de aplaudir os conceitos expendidos pelo camarada Orlando Corrêa Lopes no artigo “Algumas verdades amargas”, publicada pelo *O Echo* num dos últimos dias da primeira quinzena de novembro.

Tudo quanto se diz ali, a respeito do exército e da imprensa, é perfeitamente justo e incontestável. Justíssima também é a caracterização do verdadeiro militarismo e do nosso “militarismo” político – cavalo de batalha das campanhas civilistas. “Para mim, diz Orlando, para mim, como para toda a gente liberta dos preconceitos democráticos e patrióticos, o civilismo no Brasil é um militarismo mais ferrenho do que o que ele combate”. Exatíssimo.

Agora, onde nos parece que pecou a observação do camarada Orlando, foi no referente às classes acadêmicas. Acha o articulista que é a “mocidade das nossas escolas superiores, incontestavelmente a fração do povo mais culta, mais ardorosa, mais abnegada e mais sã de sentimento”. Não vemos por quê. Composta, em sua grande maioria, de burgueses filhos de burgueses, e de aspirantes a burgueses, essa classe acadêmica poderá ser, sob certo ponto de vista, uma fração culta, mas não é, de modo nenhum, nem a mais ardorosa, nem a mais abnegada, nem a mais sã de sentimentos. São esses mesmos acadêmicos de hoje que serão os ministros, os deputados, os senadores, os juízes, os policias, os altos funcionários do Estado, de amanhã, e que, fatalmente, farão o mesmo que fazem os governantes de agora. E estes, de onde vieram eles? Vieram dessa mesma classe acadêmica: são advogados,

26 - (Não assinado). **A Vida**. Publicação mensal anarquista. Rio de Janeiro – RJ – Ano 01 – Nº 01 – Página 16 – 30.11.1914.

são médicos, são engenheiros...

Vê, pois, o camarada Orlando que neste ponto se deixou também levar pelas aparências. Exceções? Está claro: em toda a parte as há. Mas, as exceções existem precisamente para confirmar as regras.

15

*Pobres crianças*²⁷



Os correligionários do sr. Nilo Peçanha julgaram interessante promover uma série de manifestações de apreço e solidariedade ao seu ídolo de hoje, por ter sido o mesmo empossado na presidência do Estado do Rio. E têm-nas levado a efeito, com ardor e entusiasmo reais.

É um direito que ninguém lhes nega. Somos muito amigos da liberdade e entendemos que toda a gente deve dela dispor para o que melhor lhe aprouver, inclusive para demonstrar a própria imbecilidade.

Mas, dentre aquelas manifestadelas, uma houve que não pode merecer a nossa indiferença. Queremos referir-nos à realizada no dia 19: a manifestação infantil.

Assistimo-la em parte, por acaso. As crianças enchiam um bonde e daí, pelas ruas de Niterói, vivavam o sr. Nilo, cantando, ao mesmo tempo, o hino nacional aprendido nas escolas primárias.

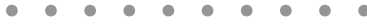
Ora, isso é positivamente imoral. Que diabo têm que ver as crianças com as esterqueiras políticas em que vivemos atolados? Sabem elas quem são e o que fazem os políticos? É claro que não. E claro é que, na sua límpida e feliz ignorância de cousas tais, não podem ter partidarismo de nenhuma espécie. Como, pois, levá-las a manifestar sentimentos e pensamentos que não podem sentir nem pensar? Com que direito?

Pobres crianças!

27 - (Não assinado). **A Vida**. Publicação mensal anarquista. Rio de Janeiro – RJ – Ano 01 – Nº 03 – Página 02 – 31.01.1915.

16

Rápida²⁸



Pobres meninos; parece que os estou vendo na barca “Sétima” no momento de se ir à pique. Educados pelos padres salesianos, não aprenderam outra coisa que não fosse rezar, desconhecendo esse exercício físico tão higiênico e necessário como o é a natação, e assim os vemos, no momento do perigo, não se preocuparem com sua salvação; ajoelhados sobre a coberta, com as mãozinhas levantadas, pronunciando orações, pedindo ao deus das alturas que fizesse um milagre; e o bom deus fez-se surdo às suas súplicas.

Pobres meninos; na idade em que tudo deve ser alegria, liberdade e regozijo, estes meninos, educados nos colégios dirigidos por frades, têm sempre que estar com os olhares dirigidos para o chão, em uma férrea atitude de disciplina, e nessa idade em que outros meninos com seus risos infantis, seus brinquedos, suas maldades mesmas, que são o encanto da vida, estes meninos, com uma educação clerical, já lhes ensinam a ser hipócritas, a fingir, a dobrar-se e até renunciar à vida.

E chega um momento de perigo, como o ocorrido estes dias na barca “Sétima”, e vede-os que se não fiam nas próprias forças, confiando no *deus todo poderoso*, e o deus, que tanto chamam, não aparece, e das alturas lança um sorriso sarcástico, olhando, impávido, aquelas cabecinhas que flutuam sobre as águas; não importa que sejam seus mais queridos filhos e, talvez, dirá como o poeta: “Que haja cadáveres mais, que importa ao mundo?”

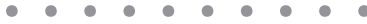
Pobres meninos!

28 - VIEYTES, Antônio F.. **Na Barricada**. Rio de Janeiro - RJ. - Ano 01 - Nº 22 - Página 01 - 04.11.1915.

17

*Não maltrate os animais*²⁹

(mas dê refrigerantes aos homens)



Estou completamente maravilhado contigo. Mas não foram todos os loucos morrer por esta ou aquela pátria, ou por simpatia por essas boas lãs dos aliados que vos assemelham aos alemães como irmãos gêmeos, nascidos no mesmo tempo?

Aparentemente não, pois ainda existem alguns, organizados em sociedade protetora dos animais que, loucos, não animais, se dão ao luxo de ter tabuletas esmaltadas presas nas esquinas nas quais mandam o pintor nos escrever:

Não maltrate os animais.

Então fico indeciso se ele deve matar piolhos com a unha e sarna e percevejos apenas com o saco. E sem saber o que fazer, nem o que decidir, virei-me para o soldado português, que faz amor com as criadas que moram nesta rua, e perguntei-lhe gentilmente:

– Camarada, esse regulamento se refere também aos animais domésticos ou, vamos dizer, pessoais?

Eu esperava qualquer resposta; mas o soldado sacou o revólver e gritou comigo:

– Não se mexa que te mato como a um cachorro, filho da puta!

Fiquei estupefato mais uma vez; e o espanto salvou minha vida. Mas tive que ir no carroção dormir duas noites no calabouço, onde ninguém maltrata os bichos porque é perda de tempo; mas onde, em vez disso, e é um prazer contar, os soldados maltratam homens.

29 - SBADIGLIA, Anargiro. **Guerra Sociale**. Ano 02 – N° 18 – São Paulo – SP; página 02 – 20.05.1916.

No calabouço fiz umas reflexões profundas sobre as travessuras do próximo humanitário, que te deixa muito comovido por duas surras dadas a uma mula teimosa ou porque alguém carrega uma galinha depenada com o pescoço para baixo... mas depois não consegue encontrar uma palavra de protesto contra a exploração das crianças nas fábricas, como se os filhos dos trabalhadores também não fossem animais.

Não sei se os jurados que absolvem com quatorze votos os soldados, que dão um tiro na barriga dos cidadãos, pertencem à sociedade protetora dos animais quadrúpedes; mas, grande parte dos fazendeiros é membro contribuinte dessa honesta associação; o que não a impede de açoiar os colonos cansados de trabalhar sem receber um tostão da moeda nacional.

Fiz estas e outras amargas reflexões enquanto me coçava no calabouço, e cheguei a quase ter de concordar com os anarquistas quando dizem ser preciso derrubar todo este mundo sujo, cheio de infâmia e hipocrisia...

Pense sobre o seguinte: as sociedades que protegem seus animais não são inventadas pelo Brasil. A Alemanha está cheia delas; os ingleses são capazes de perder o apetite por um gato sarnento. E o francês por cães de raça pura? Na Itália, se um carroceiro cansado monta na carroça, agravando o peso que o boi famélico tem que arrastar, o guarda da prefeitura chega correndo e o conduz para a delegacia da regional...

Porque, ao redor do mundo, não se deve maltratar os animais. Mas aos homens proletários sim. Podem maltratá-los e enviá-los para serem mortos na guerra. Mortos pela fome, vituperados, chutados...

Porque os proletários são piores que os animais voadores e quadrúpedes. E não digo só por dizer, mas porque é a verdade.

Porque as mulas às vezes chutam e fazem a justiça delas e até as galinhas se vingam arranhando... mas os homens não; os homens

submetem-se a tudo resignados... e talvez como os trabalhadores da fábrica Crespi, e outros menores, subscrevem o empréstimo nacional para fazer os patrões parecerem bons, e se os tratam como porcos e vagabundos, respondem: sim senhor.

E aí, para se vingar, eles chutam o primeiro cachorro que encontram, ou batem na mulher, ou batem nos filhos... em sua esposa e filhos.

No patrão, não.

Só a mula dá pontapés no seu dono, só o cão o morde, só o gato o arranha, só o galo o bica!...

O que acaba por me convencer de que os bufões, membros da Sociedade Protetora dos Animais, a contragosto, disseram e imprimiram a coisa certa:

Não maltrate os animais.

Por isso somos obrigados a escrever: porque têm mais dignidade que um miserável trabalhador.

Com o que eu assino.³⁰

30 - **Nota do Org.:** artigo publicado originalmente no idioma italiano. Esta versão em português foi feita por mim em tradução livre.

18

*o direito à paternidade*³¹



Somos inimigos irreconciliáveis da lei, e de nenhuma maneira podemos nem devemos aceitá-la, ainda que fosse só em princípio. A lei jamais chega à “causa” das coisas, limita sua ação aos “feitos” e isto ainda de uma maneira injusta e arbitrária. Há épocas da vida em que ela emana de um estado psíquico especial, sendo a resultante do maior grau de desesperação a que pode chegar o espírito. E quando o sentimento se encontra ferido, os nervos abatidos e todo o ânimo oprimido por causas de solução não imediata, o primeiro de que se lembra o espírito abatido, é clamar pela confecção de leis. Assim, Zola, quando o peso acabrunhador da ignorância e imbecilidade popular ameaçava tragar a sua obra de justiça, exclamava:

Por favor, que se façam leis que nos livrem dos imbecis!

E esta mesma exclamação brota dos nossos lábios, em momentos de dor, quando vemos a totalidade dos corações e inteligências infantis esmagados pelo asfixiante e castrador influxo da imbecilidade de seus pais, e gritamos:

Que se façam leis que libertem aos meninos dos seus pais ineptos!

Bem: quem faria essas leis protetoras da inteligência infantil? Os legisladores? Não, esses são os que formam a pedra angular da

31 - ANDES, Flor de los. **A Luta**. Pelotas – RS. – Ano 01 – Nº 15 – Página 01 – 15.07.1916.

imbecilidade humana. Eles chegam ao poder arrastados por interesses particulares, suas ações se inspiram na imoralidade do sentimento da desigualdade social, quando não são o resultado direto da neurastenia crônica ou de um sensualismo grosseiro e repugnante. De sua parte, pois, não é de esperar a regeneração humana!

Donde, pois, virá o remédio? Não poderíamos, quase, precisá-lo. Logo, não é às leis que corresponde solucionar este problema tão complexo. Sua solução está em adquirir regras morais, de virtude tal, que seus efeitos sejam produzidos de “dentro para fora”, isto é, que não sejam uma assimilação aparente em preceitos tordados exteriormente, mas que essa moral se faça carne no sentimento e emane traduzida em ações.

O direito à paternidade, tomado no sentido puramente moral, não o constitui o fato de engendrar um novo fato de ser, mas o cuidar com zelo e carinho a personalidade moral que traga consigo o novo ser. a reprodução da espécie não constitui, em si, valor moral algum, pois é uma propriedade comum de todo organismo vivo, desde as espécies mais inferiores até ao homem.

O homem possuindo sentimentos superiores e uma consciência capaz de mostrar-lhe a relação entre “causa e efeito” de tudo que é acessível à sua inteligência e sentidos, se acha em condições de “valorizar” em toda a sua magnitude a verdadeira paternidade moral, a que consiste em rodear o menino de doçura no trato, que a palavra razoável e carinhosa substitua o violento castigo e a brusca expressão que mancham e atrasam o espírito.

Os pais que têm o látego à destra, que há de cortar a interrogação que constantemente brota dos lábios infantis; os que privam a criança do esporte necessário e inerente ao desenvolvimento do seu organismo; os que hoje dão um beijo e amanhã, dão um empurrão ou pontapé; numa palavra, os pais que só o são pelo fato de fecundar um ventre

transbordando vida e que não elevam esse fato e seu resultante a um plano psicológico de sentimentos e moral superiores, não podem nem devem ter o direito à paternidade.

O ato fisiológico que precede nessas circunstâncias a fecundação, podia haver sido também um caso de onanismo, cujo esperma pudesse haver servido de adubo para fecundar a terra, ou para qualquer outra coisa, reduzindo-se seu valor à propriedade inerente da matéria que consiste em sua transformação.

E para vencer este plano inferior em que atualmente se encontra a generalidade dos pais – para não dizer todos, e inclusive os anarquistas – não devemos recorrer às leis, que em nenhum caso remedeiam mal algum, e muito ao contrário, o agravam.

E esse plano há de ser o resultado de sentimentos superiores que empregam nossas ações diárias.

19

Os pequenos larápios ³²

É verdadeiramente notável a quantidade de pequenos larápios que, ultimamente, têm operado no Mercado desta cidade.

Aos sábados, principalmente, os pequenos larápios tornam-se insuportáveis, atormentando constantemente os azafamados mercadores e trazendo, em contínuo sobressalto, os incautos lavradores que vêm à feira realizar as suas transações.

Constantemente a polícia anda às voltas com essas incômodas criaturinhas, não dispondo, porém, de meios que a habilitem a fazer com que essas crianças entrem no caminho do bem.

Não seria possível educar esses meninos numa escola que não fosse a do vício? Sobre este assunto, pedimos a atenção dos caridosos.

32 - (Não assinado). **Tribuna do Povo**. Órgão dos interesses do povo. Viçosa – AL – Ano 01 – Nº 01 – Página 01 – 17.08.1916.

20

*Apelo aos generosos*³³

... Procurar a felicidade praticando o bem, exercitando-se no conhecimento da verdade, tendo sempre em vista que há só uma virtude: - a justiça; e um só dever: - procurar a felicidade.

DIDEROT

No número passado deste periódico, viemos chamando a atenção das pessoas caridosas de Viçosa, para o futuro de um grande número de crianças que perambulam pelas ruas desta cidade, ostentando uma má educação e fazendo entristecer aqueles que estudam os males sociais e desejam, para a humanidade, um futuro de amor e de liberdade.

Não é só em Viçosa que se encontram crianças entregues ao desamparo e à mercê de todas as perversões: em todas as partes onde o homem repudiou o seio da Natureza para viver em um ambiente artificial e corrompido; em todas as partes onde o homem se “civilizou”, a mendicidade e a vagabundagem são males endêmicos e de extinção impossível. Apesar disto, deve-se procurar, por todos os meios, minorar os sofrimentos daqueles que são atingidos pelas consequências da iniquidade econômica.

Nos países exemplares, (Dinamarca, Suécia, Holanda e Suíça), os homens filantrópicos organizam-se em associações que têm por fim socorrer os desgraçados e cultivar o sentimento do amor ao próximo e chama-se a isto combater os EFEITOS do antinatural regime predominante – mas quem procurar descobrir as CAUSAS, será considerado visionário, socialista, “quixotesco” e etc., etc.

Não obstante isso, a filantropia é um sentimento louvável e que precisa de ser estimulado. Todo o homem deve ser animado por um ideal superior que o nobilite para, então, saber explicar a razão

33 - (Não assinado). **Tribuna do Povo**. Órgão dos interesses do povo. Viçosa – AL – Ano 01 – Nº 02 – Página 04 – 24.08.1916.

da sua existência racional. Esse ideal deve-se traduzir em atos que demonstrem estar o coração acompanhando a evolução do espírito e não em declamações ocas e místicas. Os que amam o próximo devem fazer deste sentimento uma questão capital e fazer convergir toda a sua ação benfeitora no sentido de chegar a um resultado palpável e, para isto, é preciso abandonar a ação individual e seguir a ação coletiva – para se poder, com probabilidades de êxito, abordar grandes assuntos e exercer uma ação ampla e coordenada. Existem, em Viçosa, os elementos necessários para se fundar asilos para a velhice desamparada, instituições protetoras da infância e caixas de socorro aos indigentes.

No Rio de Janeiro, a exemplo do que se fez nos países do estrangeiro, fundou-se o “Instituto de Proteção à Infância”, que é destinado a proteger os recém-nascidos e as crianças da primeira infância. Este “Instituto” mantém diversas secções e, até, já manteve um órgão de publicidade – “O Berço”. O “Instituto” tem a dirigir a sua ação o abnegado cientista, dr. Moncorvo Filho. Entre as secções mantidas pelo “Instituto”, destaca-se, pelo seu alto alcance humanitário e científico, a que tem por título – GOTA DE LEITE – e que tem por fim proporcionar, aos recém-nascidos, todos os cuidados que a natureza exige e, também, os que os aperfeiçoamentos da ciência aconselham.

A “GOTA DE LEITE” é de utilidade universalmente reconhecida; traz benefícios incalculáveis à sociedade; evita, em alguns casos, a mortalidade infantil, pois é sabido que as classes pobres, muitas vezes, não têm os recursos necessários para proporcionar, ao recém-nascido, os cuidados indispensáveis.

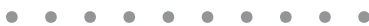
Pelo que expusemos, conclui-se ser inadiável uma ação benfeitora das pessoas humanitárias, no sentido de serem abordados os assuntos acima explanados.

Viçosa possui médicos competentes, senhoras bondosas, homens de dinheiro e miséria a socorrer.

21

*O Chamusco Militarista*³⁴

Pelo Direito à Vida e à Liberdade.



Haverá no cérebro dos homens algum raciocínio, ou alguma lógica?

Poder-se-á encontrar no coração das mães algum sentimento de amor?

Albergar-se-á, ainda, no peito das jovens, irmãs ou noivas, algum afeto ou carinho?

Será possível que a espécie humana possua, hoje, os predicados da bondade, da justiça e da liberdade, que sintetizam a verdadeira cultura, a moral pura e simples?

Restarão no caráter do povo alguns elementos de regeneração física, moral e social?

Eu não padeço de pessimismo.

Entendo que os vícios, as iniquidades, a educação perniciosa, os convencionalismos sociais, o ambiente em geral, da sociedade burguesa, apesar da coação presente, da força do atavismo e da hereditariedade, todos estes fatores do aniquilamento da razão, dos sentimentos humanitários, do egoísmo e do altruísmo, bem compreendidos – que favorecem a vitalidade da espécie em geral e do indivíduo em particular – não conseguiram matar no homem este conjunto de faculdades e de propriedades, porque o artifício não pode destruir a natureza.

Eu escrevo, pois, sabendo que o resultado deste esforço há de ser fecundo em benefícios para o estabelecimento da sociedade civil, para a fraternidade universal, que é fonte de felicidade, de progresso e de vida.

34 - CARVALHO, Florentino de. **Guerra Sociale** – São Paulo – SP – Ano 02 – N° 30 – Página 03 – 14.10.1916.

I

Em atitude ridícula, os magnatas que vivem a *tripa-fora*, e se refestelam nas poltronas das repartições públicas, assim como os sáurios do capitalismo, saem novamente ao cenário público para empreenderem uma *epopeia* inglória, nefasta e tenebrosa, mandando, como cabos de guerra, em miniatura, que as sonoras trombetas do nacionalismo toquem a *alvorada* do ressurgimento cívico e chauvinista, chamando todos os cidadãos ao *cumprimento do dever*, de um dever que não se justifica, e, a *defesa da pátria*, de uma pátria que existe unicamente para os que gozam do privilégio de acessão ao tesouro público, para os que possuem títulos de grandes propriedades da riqueza social, e exploram o trabalho das classes proletárias, como a mais rendosa indústria.

Estes argentários e astros da diplomacia nacional querem um Brasil forte, poderoso e temível, que possa, um dia, cobrir-se com as glórias do luto e da desgraça, regar com sangue e com lágrimas as vastas pampas, os extensos bosques dos países vizinhos.

Conhecedores da psicologia popular, sabendo que o povo, na sua estupidez procede geralmente como os símios, por imitação, os velhos e decrepitos burgueses ordenam a seus filhos que se apresentem ao exercício militar, que enverguem a farda, para fazerem quatro *marchas de honra* pelas ruas da cidade, mostrando o *seu garbo* e dando ao povo exemplo de adesão e concurso à obra do militarismo, terminando aí o seu *sacrifício pela pátria*.

É por esse motivo que nas listas dos nomes voluntários para o exercício militar, publicadas na imprensa diária, constam unicamente nomes de estudantes, de jovens, filhos de *famílias distintas* de alta posição social.

Para estes jovens o exercício militar é um brinquedo, mas esse exercício e o serviço militar obrigatório serão para os jovens operários um inferno, desde o momento em que tiverem de abandonar as suas

famílias, que ficarão no desamparo, e durante o tempo que forem obrigados a sofrer na caserna os insultos dos superiores hierárquicos, os castigos, os efeitos da péssima alimentação, etc.

Tudo o que para os estudantes ou jovens burgueses são flores, para os proletários são cardos.

Os milionários e estadistas cá, da terra, que tanto gritam pela “salvação da pátria”, têm realmente algum sentimento de patriotismo?

Os grandes marechais, os generais e outros oficiais de alta patente, sendo proprietários em larga escala e auferindo rendas fabulosas não dispensam, em benefício da pátria, os três ou quatro contos de réis que cada qual recebe mensalmente do tesouro da Nação.

Os deputados, abastados capitalistas, acham pouco os (100\$000) cem mil réis por dia, que “a pátria lhes oferece”.

O presidente da república, os ministros, os senadores, ganham contos de réis quotidianamente, verdadeiras fortunas que representam o seu quinhão nos orçamentos do Estado.

Os milhares de contos que o povo entrega mensalmente ao tesouro público são enviados para os ministérios e, uma vez ali, os altos magistrados empregam-nos no enriquecimento de uma multidão de parentes, afilhados, ou correligionários políticos, que se ocupam unicamente de intrigas políticas, de aliciar eleitores e capangas para os pleitos eleitorais. Esse dinheiro serve também para subornar a imprensa, para custear no exterior luxuosas embaixadas, e, finalmente, é dedicado à construção de palácios que são habilitados para o recreio e ostentação dos altos funcionários, à edificação de quartéis e cárceres, à manutenção de milícias militares ou policiais, que são os cães de guarda do capitalismo ladravaz.

Sabemos, também que o Estado administra estradas de ferro que funcionam pessimamente, que sustenta escolas onde se catequiza, se enlouquece e se envenena a infância e a juventude com a imposição

de ideias absurdas, de sentimentos perversos; estamos cientes de que o poder público subvenciona numerosas instituições de parasitas religiosos, que se aninham nos conventos, colégios e orfanatos, onde se escravizam e exploram, e corrompem, com os vícios mais repugnantes, os filhos do proletariado.

Pois bem. Enquanto os milhares de conto, que o povo paga, enriquecem marechais, presidentes, ministros, deputados, políticos de toda espécie, bem como os discípulos de Loyola e Torquemada; enquanto o tesouro vai sendo raspado até os últimos recantos e se esbanjam fabulosas riquezas em pomposas festas, intermináveis bacanais e regabofes; enquanto os governantes se sucedem roubando, com o maior descaro a fortuna pública, o proletariado do Ceará, de Sergipe, de todo o país, é vítima do excesso de trabalho e do irrisório salário de mil ou dois mil réis por dia, da extorsão desses mesmos salários, da desocupação, e da fome negra que o dizimam implacavelmente.

Seria conveniente possuímos uma estatística dos milhões de contos que os “pais da pátria surrupiaram” do tesouro público, durante a época colonial, o governo do império e do regime republicano.

E, para isso, para assaltar a bolsa do produtor e viver, com o fruto desse roubo, no esplendor e na orgia, multiplicam-se os impostos, as tarifas, as gabelas, aumentando a indignação e levando a desesperação, a angústia e o luto, aos lares dos trabalhadores.

Mas não para aí as atividades dos nossos magistrados, dos nossos argentários. Em Pernambuco monopolizam o açúcar, no Amazonas a borracha, em S. Paulo o café e, assim por diante, em todos os estados açambarcam céus e terras, extorsionam (sic) sem piedade as populações laboriosas, servindo-se da lei, dos códigos e da força armada “ao serviço da pátria e da república”.

“Altro” que a invasão dos alemães na Bélgica! (sic)

Tratando-se de sacrifícios, os demagogos do patriotismo dizem

que todos os habitantes desta terra são brasileiros. Tratando-se de interesses e privilégios, gritam, apontando no peito do povo as suas armas homicidas: - para trás, plebe maldita! Corja de bandidos!

É preciso repetir que, nos conflitos entre capitalistas e trabalhadores, os estadistas os governantes desta “liberal e democrática” república colocam a pátria e as suas instituições, jurídicas policiais e militares ao serviço dos burgueses, das empresas de exploração, em grande parte estrangeiras, para reprimir os direitos reclamados pelos trabalhadores, em sua imensa maioria, nacionais.

Este é o verdadeiro patriotismo das classes dirigentes, as quais reclamam dos pobres, dos escravos modernos o seu concurso para a defesa da pátria.

_Abandonem, “senhores” a sua riqueza, os seus interesses, deixem de tantas concupiscências, roubaheiras e explorações, coloquem-se ao nível dos brasileiros que trabalham e produzem e, só então poderão ter direito de falar em patriotismo.

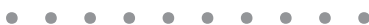
Enquanto assim não fizerem serão considerados como os piores inimigos do povo brasileiro.

(continua)

**Protesto popular contra a exploração de menores
Exploração de crianças nos estabelecimentos industriais –
Da palavra aos documentos – Reuniões dos Libertários para
iniciar um movimento de protesto – Comentários da imprensa
– A propósito das informações do Departamento Estadual do
Trabalho**

22

*Em Defesa Dos Menores Martirizados*³⁵



Aproveitando-se da crise de trabalho, da carestia dos meios de supervivência diária, os proprietários e os diretores das fábricas e das oficinas, como verdadeiros desnaturados sem coração e sem consciência, vão substituindo os homens por mulheres, e menores de ambos os sexos, porque esses pobres seres, inocentes e débeis, sujeitam-se mais facilmente à exploração, pois não têm energia nem inteligência suficiente para resistir à estúpida escravatura que o patronato vai pouco a pouco impondo ao proletariado.

De fato, a indústria, o comércio e a agricultura, limitam as suas atividades, porque assim convém aos açambarcadores e monopolizadores da riqueza social.

Prevalecendo-se desta circunstância, as empresas e os capitalistas em geral atiram à rua, diariamente milhares de operários, que ficam sem ocupação e sem nenhum meio de subsistência. Os que ficam trabalhando sujeitam-se a ganhar um salário que não os livra de passar uma fome de cão, mas resignam-se a essas mortíferas condições de existência, pensando que há um número considerável de trabalhadores dispostos a ocuparem os seus lugares, nas mesmas ou piores condições.

35 - CARVALHO, Florentino de. **Guerra Sociale** – São Paulo – SP – Ano 03 – N° 42 – Página 03 – 10.03.1917.

Sujeito a esta lei de ferro, o operário, forçado pelas assustadoras consequências da falta de trabalho ou da insuficiência do salário, leva à porta dos estabelecimentos industriais e comerciais seus filhos e filhas oferecendo-os, vendendo-os ou alugando-os por qualquer preço, pelo salário que os burgueses queiram pagar. E os verdugos, os proprietários, apanham esta presa, para fazer dela o que os judeus – segundo a lenda – não fizeram de Cristo.

Nas fábricas e nas oficinas, que lembram o inferno de Dante, não somente os adultos, mas também os menores de 07 a 14 anos trabalham de sol a sol, de dia ou de noite, sempre às carreiras, sem um momento de descanso ou de trégua, oprimidos sempre pelos insultos, pelos gritos desaforados dos feitores e o que é pior, esbofeteados, ou açoitados com o chicote dos miseráveis flagelantes que desempenham o infame mister de capatazes. Aterrorizados pela ameaça constante e pelos golpes que maceram as suas carnes, produzindo dores lancinantes, atropelam-se, caem uns sobre os outros, causando-se contusões por todo o corpo.

Trabalho que, pelo seu peso e duração só pode ser feito por homens robustos, é realizado por essas crianças, que nele exaurem as suas energias antes de terem alcançado a puberdade, ficando completamente arruinadas e inúteis para o trabalho e para a vida.

Todos reconhecem que o trabalho noturno é nocivo à saúde, mas como não existe o menor respeito pela vida desses párias modernos, não se trepida em obrigá-los a trabalhar até altas horas da madrugada, ou até o amanhecer.

De ordinário, os menores nada ganham durante os primeiros meses de trabalho e de aprendizagem. Somente depois de passado esse tempo é que começam a ganhar \$300 ou \$500 réis diários³⁶.

36 - **Nota do Org.:** o periódico anarquista LA BATTAGLIA, em uma brochura intitulada *Contra a Imigração*, publicado em São Paulo no ano de 1906, registra ser o quilo de pão trezentos réis (\$300). Registra também ganhar o trabalhador adulto, em 25 dias de trabalho, setenta e cinco mil réis (75\$000), ao passo em que necessitava de cerca de cento e vinte mil réis (120\$000) para satisfazer as necessidades básicas de

Tudo nessas bastilhas é proibido: cada movimento que os pequenos fazem é motivo para aplicar-lhes multas e suspensões que lhes mutilam os salários.

Sob este regime de extorsão e de trabalhos forçados – como se esses menores fossem criminosos – e minados no seu organismo pela miséria, pela fome, pela nudez de verdadeiros maltrapilhos e descalços; atacados os seus órgãos pelas pestilências, pela felpa dos tecidos e pelo ruído das máquinas, logo se lhes manifesta a anemia, a tuberculose e outras doenças, assim como o atrofiamento dos sentidos.

Em cada rosto do menor operário desenha-se com caracteres hediondos o espectro da dor, da miséria e da idiotês. Estes pequenos obreiros são com muita frequência vítimas de acidentes. Poucos há que não tenham alguma parte do corpo decepada ou gravada pelas engrenagens das máquinas, como um estigma da atual escravidão.

As fábricas e as oficinas são antros de torturas que poderiam dar a Otávio Mirabeau uma série de documentos para ampliar com cores bastante carregadas a sua notável obra o *Jardim dos Suplícios*.

Em virtude da concorrência, que os menores e as mulheres são forçados a realizar contra os operários adultos, estes vão formando uma nova classe de vampiros sociais, a dos *Cupins*, vivendo à custa do salário da mulher e dos filhos, como bons burgueses.

Existe, além disso, uma praga de aliciadores remunerados ou gratuitos que, em vez de se dedicarem a um trabalho honesto, ocupam-se em fazer propaganda para que os operários enviem a sua prole ao penoso trabalho das fábricas e das oficinas.

E, por desgraça, não faltam pais ou mães que conduzam aos escritórios dessas empresas os filhos de tenra idade, para que sejam explorados e supliciados, em recompensa de um salário irrisório. Estes pais ou mães que, sem o menor sentimento de carinho pela própria sua família. Essa brochura será publica nesta COLEÇÃO PENSAMENTO SOCIAL ANARQUISTA.

família, a sacrificam estupidamente em benefício dos exploradores, cometem uma monstruosidade revoltante, contra a qual é preciso reagir.

Das influências da lei e da ação do Estado, com relação à exploração de menores, não falamos porque esperar alguma providência favorável das instituições do capitalismo seria uma loucura.

Ao contrário, o que podemos esperar é uma tentativa de repressão contra agitação popular se esta tomar um caráter de importância que obrigue os proprietários das fábricas a modificarem os seus desumanos sistemas de exploração.

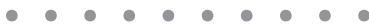
Existe uma lei que proíbe o emprego de menores nas fábricas, mas os fiscais encarregados de fazer cumprir essa lei *fazem a vista grossa...* escravizados pelo suborno.

Cabe, portanto, aos anarquistas, aos homens de sentimentos e princípios elevados a promoção de um grande movimento popular de indignação, de protesto e de revolta contra essas iniquidades.

Tomemos, pois, a decisão inabalável de combater até o triunfo completo desta campanha que visa a abolição completa da exploração de menores, os quais não têm nenhum apoio e somente podem contar com a defesa que possa ser promovida pelos homens livres.

23

*Salvemos as crianças!*³⁷



A classe capitalista, os especuladores, exploradores de mulheres e crianças, em sua ganância de acumular riquezas, são surdos a qualquer sentimento humanitário.

Vá a qualquer fábrica e uma visão dolorosa se apresenta aos seus olhos; crianças de sete e oito anos, desgastarão a saúde em trabalhos exaustivos, encerrados nessas prisões industriais, por 10 ou 12 horas, murchando prematuramente em ambiente insalubre. O corpo em tão tenra idade, exausto e envenenado, nos dará adultos que nunca serão senhores de si mesmos, mas escravos da ignorância e dos senhores que continuarão a explorá-los.

Um dia desses fui até à porta de uma fábrica de tecidos, e dali os vi sair, essas pobres crianças, sacrificadas e esqueléticas, cobertas de trapos, em farrapos. Traziam o estigma da pobreza talhado na testa; meninas pálidas e magras, elas saíam como se estivessem ansiosas para respirar ao ar livre, depois de terem ficado fechadas por um longo dia em um lugar onde se respira um ar fétido, pesado de poeira e predisposto à tuberculose.

Não há homem que alimente sentimentos humanitários, que alimente uma ideia de justiça, que possa contemplar com indiferença tão horríveis infâmias. Aquele que não se insurge em defesa dos fracos, aquele que não corre em socorro das pobres criaturas, que sofrem as torturas a que foram condenados por homens sem coração, por senhores sem escrúpulos, pela ganância do ouro; aquele que não se levanta contra tudo isso, não pode se gabar de possuir uma alma humana.

Vamos, portanto, levantar homens de coração para uma causa

37 - F. C. Guerra Sociale. São Paulo - SP. – Ano 03 – Nº 42 – Página 04 – 10.03.1917

de justiça. Vamos salvar a criança da ganância do monstro capitalista.

Não imploramos aos governantes porque nada resolvem; temos fé na nossa força, na força do proletariado consciente, sempre pronto a insurgir-se por toda causa de justiça e liberdade.

24

*A agitação contra a infame exploração de menores*³⁸

• • • • •

Vai, felizmente, tomando incremento a agitação que o Centro Libertário iniciou contra o infame sistema de escravidão e exploração exercida atualmente pelos modernos industriais e comerciantes de carne humana.

O fato de a classe trabalhadora, especialmente os menores operários de ambos os sexos encontrarem-se submetidos a uma existência penosa, rotos os seus membros pelas engrenagens das máquinas, maceradas as suas carnes pelos castigos físicos, manuseado o seu corpo pelos mandões e pelos fidalgos proprietários, desonradas as mocinhas pelos *D. Juan*, que se aproveitam da sua posição para pôr a carne de fábrica ao serviço dos seus prazeres libidinosos, transformando as fábricas em formidáveis serralhos de prostituição, inspira ódios que não se podem conter.

O atentado contínuo à dignidade moral do pequeno operário ou do trabalhador adulto, o regime do roubo descarado praticado impunemente pela multa, pelo pagamento incompleto dos salários ganhos, pela estafa que se aplica obrigando os operários a pagarem as peças de fazenda ou de tecidos que os fabricantes consideram mal manufacturados, tudo isso e a inesgotável fonte de velhacarias patronais, que seria interminável enumerar, não podiam deixar de impressionar a opinião pública e provocar o formidável anátema de todos que têm noções de humanidade.

Os cidadãos de todas as classes sociais olharam sempre com

38 - CARVALHO, Florentino de. **Guerra Sociale**. São Paulo – SP. – Ano 03 – Nº 43 – Página 01 – 14.03.1917.

repugnância a repelente figura do cáften, do indivíduo que vive traficando com o ventre das infelizes mulheres que caem nessa cloaca de misérias burguesas chamada prostituição, mas a imensa maioria nunca percebeu que existe um tráfico ainda mais hediondo: o das crianças e jovens de ambos os sexos, pobres seres que são alugados por um preço sarcástico, aos compradores ou alugatários, para fazerem desses mártires o que lhes aprouver. Nas fábricas e nas oficinas a vida, a dignidade e a honra dos operários, mormente dos menores e das pessoas do sexo feminino são, fria e calculadamente esmagadas sobre o peso da ambição, da crueldade e da libertinagem nauseabunda dos patrões e dos seus representantes, verdadeiros verdugos da classe trabalhadora.

A tal ponto chegou, a prática desse abuso, que as palavras: *costureira, chapeleira, tecelã* são pelo vulgo julgadas como sinônimos de *prostituta*.

O Estado, ou os funcionários públicos, especialmente os juizes, jamais colocaram no rol dos crimes estes processos de lesa-humanidade porque não conspiram contra os seus privilégios, porque também eles são patrões e negreiros, porque o Estado também explora e escraviza, e não podem vigorar senão sobre este prisma os seus princípios jurídicos, as suas leis e a ação dos seus componentes.

Os pais que arrastam seus filhos menores para as fábricas e as oficinas, também contribuem para facilitar essa traficância, que põe em destaque a vilania e a degeneração sentimental dos que a promovem.

Aos olhos do vulgo, a exploração de menores, assim como o trato e todas as misérias e roubalheiras inerentes aos estabelecimentos industriais e comerciais, parecia uma coisa triste, porém, natural e necessária.

O grito de protesto contra essa estúpida exploração devia, pois, partir dos anarquistas, porque estes são os que têm mais desenvolvido o espírito de justiça, os que possuem em maior grau os sentimentos de

humanidade.

Desta vez a nossa feliz campanha conquistou a simpatia, até dos adversários. E os que tantas vezes nos caluniaram de criminosos, de loucos e desordeiros, inimigos da família e da sociedade, reconhecem a virtualidade e a superioridade da nossa obra de regeneração e de justiça social.

Contra a abolição do trabalho dos menores, nas fábricas e nas oficinas, alguém arguiu que ele é necessário para que os pequenos operários sofram uma longa aprendizagem, afim de que amanhã possam ser bons profissionais. Este argumento é a todas luzes, capcioso, uma mentira grosseira, porque os menores não aprendem nas fábricas uma profissão, pois apenas praticam para *ajudantes* das máquinas, sem nenhuma noção geral de qualquer trabalho.

Criem-se escolas profissionais, por iniciativa particular, pelos próprios operários, sem esperar que o Estado se ocupe dessas iniciativas, mesmo porque é preciso desenvolver a obra espontânea, particular, reduzindo o mais possível as funções das instituições dominantes e draconianas, única forma de auxiliar o combate pela conquista da soberania popular e da liberdade.

Quanto aos operários que por falta de trabalho, por exiguidade de salários, ou pela carestia do pão não possam atender as suas necessidades, antepõem à maldita tendência do menor esforço as suas energias para a luta pela vida. Sacrifiquem os lucros dos patrões encarecendo a mão de obra, deixem de pagar o senhorio e invadam os armazéns de gênero, quando se acharem sem recursos – pois *a necessidade não tem lei* – sacrifiquem os capitalistas, os açambarcadores e exploradores, antes que assassinarem os seus filhos, enviando-os aos matadouros das fábricas e das oficinas.

TRABALHADORES, COMPANHEIROS DE LUTAS LIBERTÁRIAS

Esta agitação visa destruir uma das mais iníquas formas de extorsão e domínio autoritário do capitalismo, suprimindo a exploração e escravidão de menores, pondo ao mesmo tempo em evidência as grandes iniquidades sociais do presente regime e demonstrando a imperiosa necessidade de uma transformação econômica e social sobre bases mais liberais e mais equitativas.

Como consequência deste movimento, intensifica-se no operariado a necessidade da luta pelas reivindicações sociais, e as nossas ideias encontram nesse fato um campo fecundo para o seu florescimento.

Em verdade, há leis que regulamentam o trabalho dos menores operários; haverá políticos que se tenham interessado por estes problemas, para explorar a situação angustiosa do operariado.

Mas nós, anarquistas, não reconhecemos leis nem governantes e, por isso, tudo quanto eles possam fazer ou deixar de fazer, tem que ser-nos, indiferente.

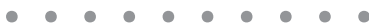
O mesmo cumpre fazer em relação às insinuações da imprensa burguesa.

Nós possuímos meio de ação e finalidades que derivam das nossas doutrinas, dos nossos princípios e, somente, deve preocupar-nos a continuação desta campanha, orientando-a sob estes princípios, isto é, empregando a ação direta, que dará ao movimento um caráter verdadeiramente popular.

Trabalhar por essa agitação é trabalhar pela justiça, pela desmoralização e decadência da sociedade burguesa, é pugnar pela emancipação dos trabalhadores e pela revolução social.

25

Continua com êxito a campanha contra a revoltante exploração de menores³⁹



O êxito da agitação que contra a exploração de menores vem desenvolvendo-se está superando a expectativa dos seus iniciadores. O entusiasmo que este protesto desperta entre o povo, aumenta de dia para dia, e, a cada momento chegam novas adesões de entidades populares ou de pessoas que se apresentam dispostas a prestarem o seu concurso material e moral.

Por sua vez, o Comitê Popular de Agitação, coerente com o caráter da sua constituição e dos fins que se têm em vista, procurou que este movimento, genuinamente popular, não fosse desvirtuado pelos interesses de qualquer partido ou por especulações mais ou menos políticas e legalitárias tendentes a prestigiar os profissionais da exploração eleitoral.

Neste sentido, o Comitê elaborou um programa de ação exclusivamente popular e direta o qual, em numerosa assembleia de delegados das entidades aderentes, foi aprovado com entusiasmo. Delegados de várias associações, apesar da diversidade de princípios que as separam, manifestaram-se justificando a sua aprovação do programa apresentado pelo Comitê. A nota discordante foi dada unicamente pelos socialistas legalitários. Estes, depois de terem dado a sua adesão pela imprensa e declarado publicamente, no comício realizado há dias no largo da Concórdia corroborando a ideia de não recorrer aos processos legais, nem mendigar a intervenção dos politiqueiros, despacharam-

39 - CARVALHO, Florentino de. **Guerra Sociale**. São Paulo – SP. – Ano 03 – Nº 44 – Página 01 – 21.03.1917.

se com toda frescura, dizendo que não aceitavam o referido programa em vista de estarem decididos a apoiar um projeto de lei que o sr. coronel José Piedade vai apresentar a Câmara Municipal, com o fim de regulamentar o trabalho dos menores operários nas fábricas e nas oficinas.

Todos sabem que existem leis que regulamentam o trabalho dos menores e ninguém ignora que essas leis são letra morta, pois não se executam porque prejudicam a desenfreada exploração das crianças.

Para os politiqueros do socialismo, este movimento, como todos os outros de caráter social, só tem valor em virtude dos resultados que possam oferecer em benefício da conquista dos cargos públicos, que livram do trabalho e das dificuldades da... vida, os senhores candidatos. Do resto *se ne infischiano*.⁴⁰

Os tormentos que a infância padece, a premente situação de indigência e de servidão em que se encontram as classes proletárias, segundo esses furiosos defensores da ação legal e da mentira política, não merecem a menor consideração.

Eles repetem a frase: *depois de mim o dilúvio*.

E o mais interessante é que o *famoso* projeto de lei será apresentado por um inimigo da infância proletária, um politiquero e jesuíta de pura casta. Todo o mundo está ciente de que o coronel José Piedade foi um dos advogados que defenderam o imundo, o facínora, padre Faustino Consoni que, com os outros negreiros e tratando de carne humana, no orfanato “Cristóvão Colombo”, deram sumiço à menor Idalina⁴¹. Este

40 **Nota do Org.:** eles não se importam

41 - **Nota do Org.:** em 1910 desapareceu a menina Idalina de Oliveira. Ela tinha sido entregue dois anos antes, por seu padrasto Domingos Stamato, ao orfanato Cristóvão Colombo quando tinha apenas oito anos de idade. Os trabalhadores, dentre os quais Oresti Ristori, Gigi Damiani e Edgar Leuenroth, se reuniram para investigar o acontecido uma vez já terem conhecimento de abusos sexuais, espancamentos e mortes sofridos pelas crianças através dos padres do orfanato. A investigação resultou na descoberta do estupro de Idalina pelo padre Stefani e seguido do seu assassinato pelo padre Faustino Consoni, então diretor do orfanato. Esta descoberta incentivou as

advogado não se limitou a defender os assassinos, mas conseguiu levar ao cárcere os companheiros que mais atividade haviam desenvolvido para descobrir o monstruoso crime.

Os socialistas políticos devem estar ufanos com o seu novo aliado.

Diz-me com quem andas; dir-te-ei quem és.

Sem dúvida *i nostri cugini* tiveram uma ideia luminosa. Apoiando o projeto do coronel Piedade, esperam conquistar a simpatia e o apoio dos trabalhadores, dos padres e dos altos funcionários do Estado. Estes pseudos defensores das classes laboriosas são águias...

Mas deixemos de lado os cavalheiros da indústria política e continuemos a trabalhar seriamente na tarefa que nos impusemos e que está dando ótimos resultados.

Com os bons, com os justos, com os humanos chegaremos brevemente a conseguir as reivindicações exigidas.

Os traidores da infância e do povo só servem de obstáculo à vitória da causa que se defende.

outras crianças a denunciarem as violências a que eram costumeiramente submetidas pelos padres do orfanato, detonando uma campanha intensa através da imprensa operária – durando vários anos e sempre sendo lembrado como exemplo da justiça de classe da sociedade brasileira – cujo mote era ONDE ESTÁ IDALINA? exigindo apuração acerca dos abusos cometidos contra as crianças, explicação sobre o desaparecimento e o assassinato de outras e da situação sob a qual as demais crianças viviam. Esta campanha resultou não na punição dos algozes, mas antes na deportação de Oresti Ristori e de Gigi Damiani, como prêmio por investigarem e descobrirem os fatos que levaram ao assassinato da criança Idalina de Oliveira. Na segunda parte desta coletânea há uma série de artigos tratando do assunto. Sobre a literatura disponível em nossos dias abordando essa matéria, ver Edgar Rodrigues (RODRIGUES, E. *Os Anarquistas: trabalhadores italianos no Brasil*. São Paulo: Global; 1984: 96-104); Wlaumir Souza. (SOUZA, Wlaumir D. *Anarquismo, Estado e Pastoral do Imigrante*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.) e Kleber Rudy (RUDY, Antônio Kleber. *O anticlericalismo sob o manto da República: tensões sociais e cultura libertária no Brasil – 1901 – 1935*. São Paulo: Alameda, 2020). O volume seguinte desta coleção (V. 7), apresenta o caso da criança Idalina num bloco de artigos com mais detalhes.

26

*Agitação contra a exploração de menores*⁴²

A obra do Comitê Popular de Agitação contra a exploração das crianças



Os membros deste Comitê têm sido incansáveis no trabalho de agitação, expedindo circulares a várias associações, distribuindo formulários de informações, realizando assembleias populares no salão “Germinal”, e comícios de protesto nos bairros: Bom Retiro, Lapa, Brás, Cambuci, Ipiranga e Belenzinho. As assembleias, e especialmente os comícios, foram assistidos por grande massa popular, a qual manifestou, em todos os atos, ruidosamente o seu entusiasmo pela humanitária campanha, cobrindo com vivas e aplausos as ideias de justiça e de reivindicação dos direitos da infância, expostas pelos camaradas que falaram ao povo.

O Comitê continuará a realizar comícios e conferências em salões, em diversos pontos da cidade, tentando, para dar mais força ao movimento, a organização do operariado em ligas de resistência.

Por estes dias será dado à publicidade o programa de ação aprovado na última assembleia.

—:—

O Comitê está reunindo numerosas informações sobre o trabalho dos menores, informações que serão publicadas para que o povo tenha conhecimento da inaudita exploração que se exerce sobre a infância proletária.

42 - (Não assinado). **Guerra Social**. São Paulo – SP. - Ano 03 – Nº 44 – Página 04 – 21.03.1917.

Adesão

Até hoje o Comitê recebeu as seguintes adesões:

Centro Libertário – Sociedade da Escola Moderna de São Paulo – Grupo editore di “Guerra Sociale – A Lanterna – Centro Feminino Jovens Idealistas – Grupo “Os Sem Pátria”, da Lapa – Comissão da “Aliança Anarquista” – Escolas Modernas, Nº 01 e 02 – União Libertária, da Lapa – Circolo Republicano “Antônio Fratti” – Sindicato dos Canteiros, de Ribeirão Pires – Centro de Estudos Sociais, de Votorantim – Grupo Libertário, de Jundiaí – Grupo Libertário, de Baurú, e mais algumas lojas maçônicas que se relacionam com a intensificação deste movimento.

—:—

Os socialistas, depois de haverem aderido a esta campanha e aprovado a orientação do Comitê, retiraram-se, alegando estarem unicamente de acordo com a ação legal e resolvidos a apoiarem o projeto de lei que, sobre a regulamentação do trabalho dos menores, será brevemente apresentado à Câmara Municipal, pelo repelente coronel José Piedade.

—:—

Tendo chegado ao conhecimento do Comitê de que muitos dos menores que trabalham nas fábricas ou oficinas, são filhos de proprietários de prédios ou estabelecimentos, ou, ainda, de operários que não reclamam nem procuram trabalho, porque se acostumaram à vadiagem, resolveu-se iniciar uma sindicância, com o fim de conhecer esses verdugos da própria família e desmascará-los ante a vindicta pública.

A exploração na Cia. de Juta,
Rua Barão de Ladário

Na repartição de Fiação, desde que está sendo dirigida pelo mestre Fernandes, utilizam-se no serviço, peças de ferro fundido, vulgarmente chamados “macacos”, que se quebram com muita facilidade. De cada uma destas peças que se quebra, o operário paga 1\$000 de multa. Assim é que, durante o mês, o operário é lesado em 05 ou 06 mil réis.

Na manhã de 19 do corrente, dois meninos de 10 e 11 anos, por não saberem trabalhar a capricho do mestre, este expulsou-os da fábrica e maltratou-os brutalmente.

Aos sábados, esse mesmo mestre, obriga as operárias, depois do horário, que termina as 05 e 30 da tarde, a fazerem, com o gancho e com a vassoura, a limpeza da fábrica, sem pagarem-lhes nada por esse serviço.

Na secção dos teares, se aparece alguma deficiência no tecido, a operária terá que pagar, em cada ocasião, 2\$000 de multa.

O operário ou operária que, por um momento e por qualquer necessidade, abandonar o tear, sofre a multa de 2\$000. Chegar ao serviço, com alguns minutos de atraso, bem como faltar um ou mais dias, constitui crime suficiente para sofrer a penalidade de multa ou de suspensão, conforme a arbitrária vontade dos mandões.

Cristaleira Colombo

Nesta fábrica, instalada num barracão de zinco, e de propriedade de Pietro Scarrone, situada à avenida Celso Garcia, N° 387, trabalham numerosas crianças, entre as quais encontram-se: José do Nascimento, de 11 anos; Antônio Montilho, de 11; João dos Santos, de 12; Afonso Martinez, de 10; Manuel Martinez, de 08, Benedito Caraviele, de 07; Francisco Garcia, de 07; Antônio Pacolino, de 09; Gabriel Garcia, de 09 e Pascoalino Romolo, de 10.

As crianças são empregadas num trabalho mortífero, qual é o

de carregar e assoprar vidros ainda quentes, ao ponto de queimarem. É fácil, portanto, supor que os menores que trabalham nesse serviço estão em contato com um calor horrível, queimando-se e ferindo-se constantemente.

Essas crianças trabalham nesse inferno de suplícios, durante dez horas diárias e, em consequência, perdem a saúde em poucos dias, e morrem, assim, assassinadas pela ganância criminosa dos patrões.

Por um trabalho tão penoso, durante a longa jornada de 10 horas, os pobrezinhos menores ganham um misérrimo salário que oscila entre \$5000 a \$800 réis diários, que apenas chega para tomar café uma só vez.

Além disso, as infelizes vítimas são maltratadas grosseiramente. Quanto à higiene, basta dizer que a fábrica está instalada num barracão de zinco.

Não contentes com a mesquindade dos salários que pagam, os proprietários desta fábrica descontam todos os meses o 03 ou 04% dos vencimentos de cada operário, sem darem satisfação alguma sobre o emprego desse dinheiro.

Agora julguem as pessoas honestas se há ou não uma imperiosa necessidade de reagir contra essa monstruosidade.

S. Paulo, 24 de março de 1917

AFONSO RIO

Votorantim

Caros companheiros da GUERRA SOCIALE

Saudações

É com verdadeiro entusiasmo que nós aderimos à justiceira

campanha contra a cruel exploração dos menores operários nas empresas comerciais e industriais.

Ao enviarmos a nossa adesão, aproveitamos o ensejo para informar o Comitê de Agitação sobre a situação dos numerosos operários que trabalham na fábrica situada nesta localidade, especialmente dos menores. Em geral, o horário é de 10 horas, mas na secção de fiação, onde os operários são, em sua maioria, de menor idade, a jornada é de 12 horas! O excesso de duas horas deve-se à falta de operários. Essa falta, porém, é motivada pela miséria dos salários. A maior parte dos operários menores ganha a irrisória remuneração de \$500 a \$700 réis. A idade destas crianças varia entre 09 e 11 anos. Quase todas apresentam sintomas de anemia, tuberculose e outras doenças provenientes do excesso de fadiga, de fome e de maus tratos morais e físicos aplicados pelos encarregados do serviço, hediondos carrascos dos infelizes filhos do povo produtor, que tiveram a desgraça do nascer numa sociedade egoísta e tirânica.

Os acidentes no trabalho são muito frequentes, porque o serviço é feito a toda pressa, sem um momento de tregua.

Quanto ao pagamento, o caso é mais interessante, pois não se realiza pontualmente todos os meses. De ordinário, soem passar dois ou três meses para que os operários recebam um, e a maior parte em vales, com os quais os operários realizam as suas compras, naturalmente, no armazém da empresa, a preços exorbitantes.

Por esta causa é que muitos pais são obrigados a entregarem os seus filhos a esses vampiros sociais, para que os explorem sem escrúpulo de nenhuma espécie.

N. B. – Hoje, 19 de março, são passados 02 meses e 19 dias que a fábrica se acha em atraso no pagamento dos operários.

Os únicos que receberam os seus salários são os mestres, e os

encarregados, para os quais há privilégio.

Saúde e liberdade

Votorantim, 19 de março de 1917.

O “*Centro de Cultura Social*”

Informações e comentários da imprensa

Além dos documentos, que diretamente recebemos e publicamos, oferecemos aos nossos leitores outros documentos alarmantes, publicados pela imprensa conservadora, pois que à causa da fonte de onde procedem, constituem, mesmo para os que duvidam da nossa veracidade, provas esmagadoras sobre a revoltante exploração das crianças operárias.

Temos visitado, nestes últimos dias, mais alguns estabelecimentos. E a impressão que de todos temos tido é das piores. Crianças de 07, 08 anos e daí por diante, num vaivém contínuo, de um lado para outro, entregam-se a diversos misteres, durante longas e longas horas. Muitas voltam depois do jantar ao seu esfalfante serviço. É incrível que isso fosse feito até aqui, sem que um brado não se levantasse, ou uma medida dos poderes públicos não se fizesse sentir.

D’A Gazeta

.
. .

Não têm conta os operários que são assim vitimados devido à falta de uma simplíssima e baratíssima tela ao redor das máquinas e das correias transmissoras de força, e também devido à angústia de espaço para se moverem livremente.

.
.
Departamento Estadual do trabalho
Do “Estado”

Noticiamos, em nossa edição de anteontem, que o menino Paulo, de 13 anos de idade, filho do sr. Carlos Culmata, havia sido vítima de um desastre numa fábrica de tecidos do Ipiranga, recebendo horríveis ferimentos na mão direita.

Ontem, recebemos uma carta da Sociedade Anônima Fiação, Tecelagem e Estamparia “Ipiranga”, declarando-nos que a única fábrica de tecidos daquele bairro é a da sociedade, e que nessa não trabalham menores.

D o

“Estado”

Um leitor do “Estado” não concorda com a ideia dos nossos governantes em quererem introduzir no nosso Estado nada menos de vinte mil imigrantes japoneses.

Enquanto se pensa nisso, morrem de miséria os sem trabalho, que se contam por muitos milhares. E essa situação, no entender do missivista, deve-se, em parte, ao abuso dos industriais, espezinhando a lei proibitiva do trabalho aos menores.

E não são apenas estes os que enchem as fábricas. Também pobres mulheres, muitas em estado de gravidez, meninos tuberculosos e outras criaturas débeis e doentes são diariamente submetidos a um regime de trabalho incompatível com as suas forças e a sua saúde comprometida.

Há, no Belenzinho, fábricas que dispõem de um subterrâneo onde os menores são escondidos, sempre que a campainha elétrica da portaria avisa a presença de alguma autoridade, burlando assim o empenho dos executores da lei.

D o

“Estado”

DESASTRE NO TRABALHO

O pedreiro Francisco Maurício, de 17 anos, morador à rua Belo Horizonte, 30, foi ontem vítima de um acidente, depois das 16 horas, na rua Sampson, caindo de um andaime com tanta infelicidade, que recebeu forte contorção na região lombar e um ferimento contuso na testa.

Foi socorrido pela Assistência, sendo os curativos aplicados pelo dr. Luiz Hoppe.

D o

“Estado” (14 de março)

.
.

Não são casos isolados; 80% do pessoal que empregam em diversas fábricas, está composto de meninos e meninas que realizam longas jornadas em trabalhos acima de suas forças, por salários tão mesquinhos como os indicados mais acima, e horror!, sendo frequente as multas que lhes são impostas pela menor distração.

Do “Diário Español”⁴³

A fábrica

Avoluma-se extraordinariamente na capital, pelas colunas dos órgãos mais importantes de publicidade, a campanha levantada contra o trabalho dos menores nas fábricas, acarretando, como consequência lógica e inevitável, a depressão moral dos futuros cidadãos brasileiros.

O brado repercute vigoroso e alarmante, e a “Guerra Sociale”, em seu número de 10 do corrente, tratando largamente do assunto, estampa numerosos casos de crianças espancadas dentro das fábricas, com três ou quatro meses de atraso, vergonhosamente exploradas.

Domingo passado, o “Centro Libertário” realizou uma assembleia

43 - Nota do Org.: esta citação vem em espanhol no original. Aqui em tradução livre.

às 19 e meia horas no salão Germinal, com o intuito de tomar as primeiras deliberações para uma luta a todo o transe, em prol das “vítimas do capitalismo explorador e tirano, afim de que não continuem submetidos a esse monstruoso regime de torturas”.

Refere-se, o boletim dos libertários, aos

trabalhos excessivos das fábricas, jornadas prolongadas, aos operários tratados com a brutalidade e castigados a chicote, ganhando salários irrisórios pelos quais arruinam a saúde e sucumbem vitimados por doenças adquiridas pelo trabalho e pela miséria.

O “Estado”, a “Gazeta”, o “Diário Popular”, a “Capital” e outros jornais paulistanos, quebram lanças pela boa resolução deste vitalíssimo problema social, estupidamente descurado até então, entregue a orexia aurifaminta de certos estabelecimentos fabris onde a lei é a

vontade arbitrária da gerência ou o despotismo dos mestres e contramestres, para os que a vontade individual sobrepaira às determinações do poder público, com tanta maior impunidade, quanto se sentem ao abrigo de qualquer incômodo da fiscalização do Estado

como diz a “Gazeta”.

D’A Cidade de Sorocaba

*Da palavra aos documentos*⁴⁴

Para melhor informar o público sobre a vida de sofrimentos, penúrias, vexames, violências e castigos de que as crianças sofrem nas fábricas e nas oficinas, começamos hoje a publicação de uma série de informações diretas, de documentos cujos autores estão dispostos a confirmá-las pessoalmente, se tanto for necessário, mas julgamos que não se deve proceder com leviandade, para não provocar vinganças mesquinhas.

À redação da “GUERRA SOCIAL”

Vou, por meio desta, informar o que observei na fábrica da Cia. Juta.

Esta fábrica, situada à rua Barão de Ladário, na qual trabalham dois ou três mil operários, acha-se em péssimas condições higiênicas.

As suas janelas, de vidro, permanecem sempre fechadas e revestidas de uma grande camada de pó. O ar que ali se respira está envenenado por uma nuvem de fios que se depreendem das máquinas. Os mictórios, em número de cinco ou seis, têm somente uma porta que, por não estar fixa, serve para qualquer deles. As bombas estão de tal forma que a pessoa que entrar deve ir disposta a tomar banho, porque derramam água constantemente.

Sente-se ali, uma pestilência insuportável. Talvez isso convenha aos proprietários para que as obreiras não permaneçam ali muito tempo...

As crianças que ali trabalham, em número bastante elevado, andam sempre correndo, de uma máquina para outra, conduzindo carretéis.

44 - SOARES, Angelina. **Guerra Sociale** – São Paulo – SP – Ano 03 – N° 44 – Página 05 – 21.03.1917.

Atropelam-se e brigam, querendo cada qual ir mais depressa que o seu companheiro, para não ser atingido pelo chicote da contramestra.

Certa manhã, uma menina de corpo franzino, regulando ter sete ou oito anos, muito raquítica, com a sua cor pardacenta, os seus ossos salientes, exibindo a miséria, estampada no seu famélico rosto, recebeu um *empurrão* de um pirralho de 09 anos, indo bater com a testa no chão. A infeliz criança levantou-se no auge da dor, correu para o pirralho estendendo os seus magros braços, para devolver-lhe a ofensa, quando sentiu sobre as suas costas, uma forte chicotada voltou-se, cega de raiva, e ao reconhecer o rosto da contramestra, baixou os olhos rasos de lágrimas e continuou o seu trabalho!

Então a nossa heroína, a contramestra, satisfeita da sua façanha, olhou para as suas companheiras, sentindo-se orgulhosa por ter castigado uma criança de oito anos!

Cenas como esta ocorrem todos os dias.

A alma destas crianças, sublevada a princípio, adapta-se depois à obediência, formando assim o enorme rebanho do trabalho e de conservação da sociedade burguesa.

Os seus gritos de protesto, sufocados a chicote, acabarão por emudecer se não houver um novo estado de cousas, que ponha termo à exploração da infância nas fábricas e nas oficinas.

ANGELINA SOARES

Companheiros da Guerra sociale

Venho por meio desta, declarar que quando trabalhei na *fábrica da Comp. Juta*, situada à rua Barão de Ladário, observei como as pobres crianças eram castigadas barbaramente.

Os mestres e mestras tinham nas mãos o chicote e a palmatória, com cujos instrumentos castigavam as crianças.

Esse repulsivo crime passava-se no ano de 1915. Procurando

saber se continua a praticar-se esse barbarismo, por pessoas conhecidas, que trabalham na referida fábrica, soube que continua.

Jozé Prol Bouzas

D. Luzia Masquarelli, assegurou-nos de que (há poucos meses) quando trabalhou na fábrica da Comp. Juta, situada à rua Barão de Ladário, as crianças eram castigadas barbaramente, pelos mestres e mestras.

Esta senhora tem certeza de que continuam até hoje os castigos aplicados com o chicote e a palmatória.

Relação de alguns menores que trabalham nas fábricas e nas oficinas

breves notas sobre as condições de trabalho

FÁBRICA DE LAMPARINAS – *Largo da Concórdia, 51* – João Teófilo, de oito anos de idade, e mais crianças e cujos nomes ignoramos.

FÁBRICA DE PAPEL – *Avenida Rangel Pestana, 39* – José Pinheiro, de oito anos.

Nesta casa, trabalham crianças de sete à dez anos, as quais são mal pagas. O ordenado é de 500 à 800 réis.

FÁBRICA DA COMP. DE TECIDOS JUTA - *Rua Barão de Ladário* – Menores de 07 a 10 anos: – Fernando Augusto, Américo Marques, Horácio dos Santos, Hermenegildo dos Santos, Bucillo Gallante, Francisco Faustino, José Pereira Cardoso, José Antônio, Pilar da Conceição, João Garcia, Rafael Garcia, Manoel do Nascimento, José Maria Gomes, Manoel Rega, Ida Carnaval.

Algumas destas crianças trabalham de graça. Informaram-nos que só depois de três meses é que ganham salário. O horário é das seis da manhã às seis e meia da noite. Os menores são castigados fisicamente. O número de crianças que trabalham nesse estabelecimento é enorme.

EMPRESA GRÁFICA MODERNA – *Rua Barão Duprat, 27*
– Menores de 10 a 12 anos que trabalham nesse estabelecimento:
Alexandre Storte, Antônio Falotico, José de Freitas.

TIPOGRAFIA ALBINO GONÇALVES – *Rua Barão Duprat, 47* – Operários menores: Joaquim Magalhães, Miguel Vieste, João Gamba, Pedro Crivellari, João de Souza Ferreira, Francisco Bidotti, João Volpe, Luiz José, órfão de pai e mãe. Estes menores deram seus nomes com muito receio, por temerem a vingança dos seus patrões, os quais proibem dar informações a quem quer que seja.

FÁBRICA PINOTTI GAMBA (*Cambuci*).

Nessa fábrica trabalham: Maria Rosa, de 12 anos; Rafaela Bapela, de 11; Holanda Siliotta, de 11; Franquitta Perez, de 13 anos. As operárias têm que pagar a vassoura e o espanador que gastam no trabalho.

Cada operária paga 15\$000 pela estopa que sai dos tecidos.

Horário de trabalho: das 06 às 19 (06 da manhã às 07 da noite).

FÁBRICA DE PARAFUSOS – *Rua alvares de Azevedo, 35* – Nesta fábrica não obtive os nomes das crianças, porque elas disseram que tinham ordens do patrão para não dar os seus nomes a pessoa alguma quando estivessem trabalhando.

Com muito custo, obtive declarações as quais confessam que o patrão aplica-lhes castigos físicos. Quando eu procurava obter o seu nome, foram chamadas para começar o trabalho. Nesta oficina trabalham perto de cem crianças, todas de oito a dez anos.

FÁBRICA DE BORDADOS DE **Said Gebara & Irmãos** – *Rua Maria Marcolina*. Nesta fábrica, trabalha um número regular de crianças do sexo feminino, de oito e dez anos. Por diversas circunstâncias, não me foi possível obter os seus nomes.

Evaristo Ferreira de Souza

Os patrões e encarregados obrigam os operários de ambos os sexos a comprar cartões de tómbolas em benefício, não dos mutilados na guerra, mas na reeducação desses mutilados, para que aprendam, assim mesmo, a trabalhar e a produzir para os comerciantes, industriais, *políticos*, etc.

I. R. F. MATARAZZO – *Rua Monsenhor Andrade* – Horário de trabalho: das 06 às 18:30 (06 da manhã às 06:30 da tarde, com hora e meia para o almoço).

É grande o número de crianças que trabalham nesta fábrica.

A maioria dos operários é composta de mulheres, especialmente de mocinhas raquíticas e anêmicas.

As multas são aplicadas a cada passo, e o tratamento não pode ser mais grosseiro.

COMPANHIA FABRIL PAULISTA (Bom Retiro). Operários: Pedro Tadielo, de 13 anos; Paulo Tadielo, de 11 e Luigi Mari de 11.

A Diretoria da FÁBRICA DE TECELAGEM ÍTALO-BRASILEIRA, situada à travessa Joli, aceita, no seu serviço, somente mulheres e crianças.

A jornada de trabalho é de 10 horas, e alguns dias realiza-se trabalho extraordinário.

As operárias ganham um salário de 2\$000, a 2\$500 por dia.

Na FÁBRICA DE TECIDOS LABOR – *Rua da Moóca, esquina Barão de Jaguará*, o diretor, Celso Piatti e o mestre, João Batista, aceitam de preferência mocinhas fracas e inexperientes, com o fim de aplicar-lhes multas quando não podem dar a produção exigida, o que acontece com muita frequência.

N. B. – Dentre os milhares de crianças que trabalham nos estabelecimentos industriais e comerciais, os nossos auxiliares conseguiram saber apenas os nomes de um pequeno número.

Por hoje, para amostra, julgamos que basta.

AOS LIBERÁRIOS E SIMPATIZANTES

Camaradas

Em vista de aumentar enormemente o número de menores aliciados pelos comerciantes de carne humana, para o trabalho das fábricas e das oficinas, onde são condenados a trabalhos excessivos, a jornada prolongadas, tratados com brutalidade e castigados a chicote, ganhando salários irrisórios, pelos quais arruinam a saúde e sucumbem, vitimados por doenças adquiridas pelo trabalho e pela miséria, numerosos companheiros que mais de perto puderam constatar esse fato revoltante, julgaram de imperiosa necessidade iniciar uma campanha em prol dessas vítimas do capitalismo explorador e tirano, afim de que não continuem submetidas a esse monstruoso regime de torturas.

Com este fim, o Centro Libertário convocou uma reunião de camaradas, a qual teve lugar no dia 04 do corrente, no salão Germinal, rua do Carmo, N° 20, tendo-se resolvido nomear uma comissão provisória para organizar os trabalhos preliminares da agitação e convidar a todas as entidades de tendências libertárias, aos anarquistas e simpatizantes em geral, a comparecerem à assembleia que se realizará no próximo domingo, 11 do corrente, às 19:30 horas (07 e 30 da noite), no mesmo local, afim de tomar as deliberações mais importantes e viáveis para o bom êxito desta campanha humanitária e justiceira.

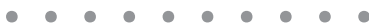
Companheiros: em vista do desamparo em que se encontram esses menores, e da impossibilidade quase completa de defenderem eles próprios a sua vida e a sua liberdade, porque a sua tenra idade não lhe permite, corramos nós em seu auxílio, prestando a esta obra de reivindicação dos direitos da infância operária, a nossa solidariedade, as nossas energias, os nossos entusiasmos de paladinos e da liberdade e da justiça. – Todos à assembleia.

A COMISSÃO PROVISÓRIA:
*Vincenzo Amódio, E. Pellegrini,
José Prol, Evaristo Ferreira de
Souza, A. Colucci, Florentino
de Carvalho, Cláudio Fazioni,
Arnaldo de Battista, João Langone,
Antônia Soares, Encarnacion
Mejia, Rosa Muzitano, Edmondo
Colli e Rafael Esteve.*

São Paulo, março de 1917

Nos primeiros anos da infância e da juventude, quando deviam passar o tempo na escola, desenvolvendo as suas faculdades físicas e intelectuais, para mais tarde viverem a vida do homem culto, moral e civilizado, apto para o trabalho e para todas as atividades do progresso e do bem estar geral da família e da humanidade; quando deviam gozar a vida livre, do recreio, da alegria que enaltece e vigoriza as energias, determinando o desenvolvimento normal do ser humano, os operários são atirados, como carne de trabalho insano, aos redutos das fábricas, onde em pouco tempo se aniquilam sob o império do açoite, da fadiga e da miséria.

28 *O trabalho dos menores no Rio de Janeiro*⁴⁵



Um jornal do Rio descobriu que na fábrica de papel de Mendes, trabalham mais de sessenta crianças, na maioria menores de dez anos. Trabalham das seis da tarde às seis da manhã - a noite toda, ganhando seiscentos réis por doze horas de trabalho: cinquenta réis por hora. Na mesma fábrica, há uma outra turma de crianças de oito ou dez anos, encarregada de fazer a separação do lixo que vem da ilha da Sapucaia.

Entre os numerosos casos de ignóbil exploração de menores, que têm sido trazidos à publicidade, nenhum, talvez, tão ignóbil como este. Trata-se de uma grande empresa industrial, que suga o suor e o sangue da infância pobre de toda uma povoação. E que trabalho! Para uns, doze horas noturnas, - excesso que em nenhum país civilizado se permite, nem mesmo para operários adultos. Para outros, lidar com lixo, com os detritos da rua e das cozinhas, dos estábulos e das praias, mistura horrível e infecta, capaz de envenenar organismos robustos de homens acostumados aos misteres mais anti-higiênicos. Em compensação, essas pobres crianças ganham cinquenta réis por hora de trabalho...

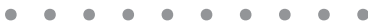
É a monstruosidades desta ordem que chega a ambição humana, quando não há, na sociedade, forças morais nem forças legais organizadas para a repressão dos seus exageros criminosos. A continuar a nossa indiferença e o nosso relaxamento, em matéria de legislação social, não se pode prever até onde irá a falta de escrúpulos, com o desenvolvimento que tem tomado ultimamente a atividade industrial em nosso país.

É por isso que apoiamos, com decisão, a campanha, ultimamente levantada nesta capital, por agrupamentos operários, contra a exploração dos menores nas fábricas e oficinas...

45 - DO "ESTADO". **Guerra Sociale**. São Paulo - SP. - Ano - 03 - Nº 44 - Página 01 - 31.03.1917.

29

*Epístola de Anargiro à Sociedade Protetora dos Animais*⁴⁶



Como é possível que o Comitê de Agitação contra a exploração de menores, formado (como publicaram no “Fanfulla” os socialistas de S. Paulo, Água Branca e outros países), em grande parte por anarquistas, se esqueça de abordar esta respeitável associação de pessoas tenras, para o próximo quadrúpede e pássaros, e esqueça de nos mostrar, como disseram aqueles ilustres e semi-conhecidos cidadãos mencionados acima, majoritariamente extra legal (a polícia está avisada), eu que sou um homem de ordem ou algo assim, venho, com esta carta, apelar também àqueles que são pessoas, como dizem, humanitárias e bestiológicas ou queremos dizer, com expressão helênica, bestiófilas.

E recorro a eles para que, mesmo que o Comitê extralegal não queira se envolver em agitação, eles ainda se envolverão, se os grandes ideais professados, é claro, permitirem. Mas, caso os seus ideais não o permitam, podem recorrer ao Coronel Piedade e persegui-lo juntamente com os outros que querem a lei escrita sem a qual nada se pode concluir.

Mas estou certo de que, daqui ou dali, irão, ou melhor dizendo, intervirão, não sendo inconcebíveis à mente humana, nacional ou estrangeira, como eles que se compadecem com os galináceos, gansos e capões, que os criados desnaturados trazem com as cabeças cortadas, e que não permitem aos carroceiros portugueses adestrar burros, também chamados de mulas, com chicotes, mas depois ficam indiferentes quando se trata de meninos proletários pobres, que estão em pior situação que os capões, porque estes, na sua maioria, ao menos engordam antes de

46 - SBADIGLIA, Anargiro. **Guerra Sociale**. São Paulo - SP. - Ano - 03 - Nº 44 - Páginas 02 e 03 - 31.03.1917.

matá-los.

Mas os educados dirão: mas o proletário menor de idade não é besta!

Com efeito, pelo que se lê também na História Sagrada e no Código Penal, parece que não. Mas, olhando bem para a coisa, ou objeto que seja, vê-se, ao contrário, que o proletário, se nasce *homo*, isto é, um ser superior, imediatamente se torna uma besta. E quanto mais cresce, mais besta se torna, tanto que se mata trabalhando para fazer felizes aqueles que o veem trabalhar, sem nunca se indignar ou se comover, como faz quando vê um cavalo rechonchudo encomendando sua alma a Deus enquanto arrasta uma carruagem surrada com três Senhoras polonesas e um deputado de boa moral dentro, sem contar com o condutor.

Sejamos lógicos, senhores protetores; se o homem proletário não fosse uma besta para vocês, ele refletiria um pouco sobre sua condição e se colocaria nas patas dianteiras, como fazem as mulas quando não aguentam mais.

Mas não. E quando os patrões descobrem que, mesmo comendo pouco, come demais, dizem-lhe: meu caro, tu me és muito caro; mandanos os teus filhos que são mais baratos; ele chuta seus filhos para a porta da fábrica e eles imediatamente começam a entender a felicidade que tiveram em nascer neste globo terrestre redimido pelo sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo e no qual existe também uma associação de pessoas sérias que aconselha a que se tenha consideração até com os ratos que roem seus sapatos, se você os tem, e se não foram já mastigados por se andar muito atrás de coisas que nunca se encontram!

Então, senhores, vocês têm a obrigação civil, e de acordo com os estatutos sociais, de intervir nessa agitação porque as bestas feras estão aí.

O patrão é uma besta fera; o proletário adulto, também chamado de pai, é uma besta que não quer saber que é; e depois tem a besta que é

abusada de mil maneiras diferentes, que é o proletário menor de idade...

Eu recomendo esta última, uma besta inocente e martirizada. No entanto, como vocês são pessoas de coração nobre e sentimentos elevados, também é provável que se interessem imediatamente por aquela outra besta feroz chamada patrão, que poderia ganhar dinheiro a menos, se tirarem dele a besta proletária menor de idade.

Esperando vê-los assumir qualquer comportamento ocasional, peço permissão para, gentilmente, esmagar os mosquitos que invadiram minha nobre mansão.

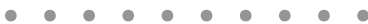
Seu muito dedicado

Anargiro Sbadiglia⁴⁷

47 - **Nota do Org.:** artigo publicado originalmente no idioma italiano. Esta versão em português foi feita por mim em tradução livre.

30

*A infância e seus direitos*⁴⁸



Fala-se muito dos direitos do homem; desses direitos primeiramente negados pela autoridade, depois arrancados pela justiça indignada do povo, e convertidos fatalmente, pela malícia dos governos ou pelo descuido dos governados, em fósseis sem vida, sem força, incapazes de garantir-nos os benefícios sociais e políticos que se imaginava contidos nas *leis*, como o estava Javé dos antigos judeus na arca do Templo. Os direitos do homem e do cidadão, hão de reivindicar-se sempre, e o meio mais seguro de obtê-los consiste em renovar incessantemente nossa concepção do direito, em ampliar seu conteúdo e sua significação social, em reclamá-lo, não como uma propriedade individual nem como a política intachável dos privilégios da fortuna, senão como a herança da humanidade inteira. A solidariedade e a reciprocidade são as leis fundamentais da vida humana; porque os direitos para ti supõem e necessitam dos mesmos direitos para mim; isto é, numa sociedade de pessoas honradas, conscientes de seu caráter, orgulhosas de sua dignidade de homens, a felicidade do sentimento de justiça, a felicidade material e moral do indivíduo, está sempre limitada, ameaçada, aniquilada pelo fato da miséria de todos os demais membros do corpo social. E - é preciso insistir sobre isto - a condição prévia e *sine qua non* dos direitos do homem, são os direitos da infância.

Sem cessar de insistir sobre os direitos do homem e do cidadão, e de reclamar, em todos os países e sob todos os regimes, as mudanças necessárias para sua realização numa medida cada vez maior e generosa, é de urgência capital, à felicidade da humanidade, pedir o

48 - HEADFORD, William. **Guerra Sociale**. São Paulo – SP. – Ano – 03 – Nº 44 - Páginas 03 e 04 - 31.03.1917.

reconhecimento dos direitos da infância e da adolescência, desses direitos imprescritíveis, naturais e necessários, que são anteriores a tudo e superiores a tudo. O menino é, essencialmente, o pai do homem e, como consequência de nossos maus sistemas de educação, é o menino quem põe o homem a perder, mais ainda que o homem ao menino. O menino, naturalmente ouriço, toma, assim, sua vingança contra a loucura de seus pais e preceptores. Cometem o disparate de tratá-lo como uma quantidade moral depreciável, e lhe dizem todas as mentiras, sem dúvida, com o objetivo de inspirar-lhe o amor à verdade. Causa tanta admiração essa misteriosa psicologia de nossos “meninos terríveis” que os leva até o mal, que não se tem a audácia de desmentir o teólogo que proclama que temos sidos concebidos na iniquidade e temos nascidos no pecado, e sua ridícula doutrina nos parece como a sátira de nossas maneiras de massacrar a inteligência dos meninos e a explicação da barbárie que, apesar de todos nossos progressos, surge incessantemente no seio de nossas civilizações, como consequência das más condições que formam as novas gerações.

Examinadas atentamente, essas condições, dir-se-ia que os meninos, em sua grande parte, são condenados no mundo; tanta injustiça há na sociedade; tanta superstição há alojada no coração do homem.

Quer isto dizer que o porvir é de fazer desesperar e acreditar que a raça humana seja vítima da cólera implacável dos deuses, ou condenada, por sua ignorância incurável, a errar de mal em mal?

De modo algum! A bancarrota de nossa civilização não provém da impotência do espírito humano, que se esforça por triunfar sobre o mal, senão que resulta de que o homem tem dado três grandes passos até à ruína moral da sociedade humana; quero dizer que se obstina em renegar os direitos do cidadão, os direitos da cidadã e os direitos da infância.

Por direitos do *cidadão*, compreendo a democratização integral

de todas nossas instituições públicas e de todas as funções e atribuições sociais da vida moderna, sob todas suas relações econômicas e estéticas. De cada um segundo suas capacidades e a todos segundo suas necessidades: tal é o princípio de solidariedade e de reciprocidade que governa na família e que devemos fazer triunfar na sociedade ideal, sob pena de retroceder à barbárie primitiva. Em todas as partes se ataca este princípio, se estabelece a injustiça, que, em resumo, nada é senão a desigualdade estabelecida como base da sociedade humana.

Por direitos da *cidadã*, quero dizer a emancipação integral do sexo feminino da dominação do homem. A submissão da mulher ao jugo político e econômico do homem, não como seu igual na evolução intrínseca dos seres, senão como o satélite do esplendor celeste do homem, ou como o pálido reflexo de sua glória, essa tirania de todos os dias, executada contra a metade da espécie humana, desmoraliza o homem, rebaixa à mulher e faz com que os filhos se ressentam da arrogância de um ou da sujeição da outra. É impossível que a humanidade marche até a conquista definitiva da justiça social, se a mulher permanecer como um brinquedo mais ou menos acarinhado do homem, sem nenhum sentimento de sua alta missão como sacerdotisa do progresso humano, em virtude de sua qualidade potencial de amante, de mulher, de mãe, de inspiradora de todos os grandes sacrifícios passionais, filiais, cívicos, intelectuais. Assim que as mulheres forem livres de encontrar as suas gloriosas carreiras, os direitos das crianças e adolescentes serão garantidos para sempre.

A que tem direito a infância e a adolescência? Dito de outro modo: quais são seus direitos? Tentarei fazer um bosquejo sumário desses direitos por tanto tempo esquecidos, traçar sua filiação e sua importância capital.

Primeiramente, segundo todas as leis da hospitalidade, o menino tem direito, desde seu nascimento, ser bem recebido. O temos convidado

a que venha a nossa casa; em nome da cortesia, deve ser dado a ele uma boa acolhida.

É inocente de todo crime; no som de seus gritos, cremos ouvir a música do amor; o riso lhe é tão natural como as lágrimas. Como negar o tributo de nossa piedade a esse anjinho, ávido de nossas carícias e do leite nutritivo de sua mãe? Como convidado nosso ao banquete da vida, está seu direito de ser tratado de igual para igual.

Cresce no nosso meio e aprende, pouco a pouco, o mecanismo da linguagem. Todos os maiores são seus preceptores, o universo é sua escola. Para aprender bem a sua lição, ele precisa do nosso amor, da nossa simpatia, da nossa perfeita vontade de suavizar, na medida do possível, todas as dificuldades que o possam perturbar na vida. É certo que a sociedade futura não tolerará que se castigue meninos por ter vindo ao campo de nossa existência através do impulso de causas estranhas a sua própria vontade.

O menino é pequeno, é fraco, se pode massacrar sua inteligência, de modo que chegue a ser um estúpido, ou se pode dotá-lo de qualidades intelectuais e morais de grande valor. O que se fará com ele? Ao nascer a criança, seu caráter é uma terra virgem; a nós nos compete por nelas as boas sementes da instrução, ou deixar crescer nelas os espinhos e as plantas insanas da ignorância.

A criança é a franqueza personificada: ri quando é ditoso, quando machucado grita de dor e chora torrentes de lágrimas; é sincera, sem medo e sem censura. A sinceridade equivale à verdade e precisamente a reclama como seu direito.

O que engana a uma criança é culpável de uma odiosa trapaça. Desnaturalizando os fatos, se desnaturaliza a si mesmo, ao mesmo tempo em que corrompe a cândida inocência de sua vítima. Assim que o homem consegue fazer com que a mentira se torne convencional e “adaptada” às necessidades intelectuais da infância, pode considerar-

se como despojado do caráter de homem honrado para fazer-se envenenador da inteligência das novas gerações.

Sinceridade, solidariedade, simpatia: esses são os princípios que devem ser a base da escola, da vida social, de nossos entusiasmos individuais.

A sinceridade contém a verdade, todas as verdades; aniquila todas as hipocrisias, todas as reticências, todos os equívocos da ignorância e todas as malícias dos que a exploram; descobre todos os mistérios, denuncia todas as mentiras e põe fim a todas as falsificações. A luz, a vida, a saúde, a verdade, são da sã família da sinceridade. A criança é o ser adorado dela, porque é o que a adora.

Solidariedade e sinceridade são irmãs gêmeas. Quando os pais e os professores souberem ser sinceros com as crianças, as novas gerações serão solidárias de sentimento e de amor com as que lhes precederam. Tão ruim é distribuir as mentiras entre as crianças e os sofismas entre os homens feitos, como reter a mulher na ignorância e na servidão, enquanto o homem adquire as ciências e dita as leis que governam a vida de todos os seres na sociedade. A mentira não é a via láctea do progresso humano.⁴⁹

49 - **Nota do Org.:** artigo publicado originalmente no idioma espanhol. Esta versão em português foi feita por mim, em tradução livre.

31

*Aos libertários e simpatizantes*⁵⁰



Camaradas

Em vista de aumentar enormemente o número de menores aliciados pelos comerciantes de carne humana, para o trabalho das fábricas e das oficinas, onde são condenados a trabalhos excessivos, a jornadas prolongadas, tratados com brutalidade e castigados a chicote, ganhando salários irrisórios, pelos quais arruinam a saúde e sucumbem, vitimados por doenças adquiridas pelo trabalho e pela miséria, numerosos companheiros, que mais de perto puderam constatar esse fato revoltante, julgaram de imperiosa necessidade iniciar uma campanha em prol dessas vítimas do capitalismo explorador e tirano, afim de que não continuem submetidos a esse monstruoso regime de torturas.

Com este fim, o Centro Libertário convocou uma reunião de camaradas, a qual teve lugar no dia 04 do corrente, no salão Germinal, rua do Carmo Nº 20, tendo-se resolvido nomear uma comissão provisória para organizar os trabalhos preliminares da agitação e convidar a todas as entidades de tendências libertárias, aos anarquistas e simpatizantes em geral, a comparecerem à assembleia que se realizará no próximo domingo, 11 do corrente as 19:30 horas (07 e 30 da noite) no mesmo local, a fim de tomar as deliberações mais importantes e viáveis para o bom êxito desta campanha humanitária e justiceira.

Companheiros: em vista do desamparo em que se encontram

50 ANÓDIO, Vincenzo; PELLEGRINI, E.; PROL, José; SOUZA, Evaristo Ferreira de; COLUCCI, A.; CARVALHO, Florentino de; FAZIONI, Cláudio; BATISTA, Arnaldo de; LANGONE, João; SOARES, Antônia; MEJIA, Encarnación; MUSITANO, Rosa; COLLI, Edmondo; ESTEVE, Rafael. **Guerra Sociale**. São Paulo - SP. – Ano 03 – Nº 44 – Página 05 – 31.03.1917

esses menores, e da impossibilidade quase completa de defenderam eles próprios a sua vida e a sua liberdade, porque a sua tenra idade não lh'o permite, corramos nós em seu auxílio, prestando a esta obra de reivindicação dos direitos da infância operária a nossa solidariedade, as nossas energias, os nossos entusiasmos de paladinos e da liberdade e da justiça. – Todos à assembleia.

A COMISSÃO PROVISÓRIA

Vincenzo Amodio, E. Pellegrini, José Prol, Evaristo Ferreira de Souza, A. Colucci, Florentino de Carvalho, Cláudio Fazioni, Arnaldo de Batista, João Langone, Antonia Soares, Encarnacion Mejia, Rosa Musitano, Edmondo Colli e Rafael Esteve.

São Paulo, março de 1917

32 *Ao Povo:*⁵¹

Contra a exploração da infância proletária



A fim de que malevolamente não se atribua intuitos ocultos à humanitária agitação contra a iníqua exploração de menores, tentando-se confundi-la com os manejos interesseiros de profissionais da politicagem, sempre prontos a aproveitar, hábil e oportunamente, as causas simpáticas para granjear prestígio, o “Comitê” a quem ela está confiada dirige-se ao povo por meio deste manifesto-programa, no qual define, de maneira clara e inconfundível, os seus fins e o método de luta adotado no sentido de alcançar o almejado triunfo para esta causa profundamente humana.

Iniciado por elementos convencidos da inanidade das leis e do Estado, para a solução dos problemas de caráter social, foi dada ao movimento uma feição eminentemente popular, porque somente assim poderia conseguir a adesão consciente de todas as agremiações e individualidades que, por seus princípios ou convicções e sentimentos bafejados pela alevantadas correntes sociais modernas, a ele se sentissem atraídos.

Com a adesão de diversas associações operárias, escolares, maçônicas, democráticas e de estudos sociais, passou a agitação, lançada pelo Comitê Libertário, a ser sustentada pelo Comitê Popular de Agitação Contra a Exploração dos Menores Operários, que, em numerosa assembleia, decidiu prosseguir com o mesmo método de ação, isto é, de pressão direta da massa popular, por meio da imprensa, de comícios, conferências, boletins, etc., sobre os culpados dessa

51 - COMITÊ POPULAR de Agitação Contra a Exploração dos Menores Operários. **Guerra Social** – São Paulo – SP – Ano 03 – N° 45 – Suplemento ao N° 45 – 10.04.1917.

inominável exploração dos filhos do proletariado, assim como sobre todos aqueles que, tendo a possibilidade de a evitar, a consentem por criminosa cumplicidade ou vergonhoso desleixo.

Do acerto dessa maneira de agir são prova eficientes as vivas e entusiásticas manifestações de simpatia com que ela tem sido recebida pelo público nos comícios realizados e também pelos protestos de solidariedade de agremiações cujos componentes têm o necessário critério para julgar que as leis só são executadas quando consubstanciam conquistas populares já feitas e que são permanente e diretamente sustentadas pelo povo vigilante.

Embora a contragosto, a própria imprensa conservadora tem sido, nesta emergência, forçada a confessar que, não obstante as precisas determinações legais, a exploração das crianças se verifica pela negligência, menosprezo e venalidade das autoridades -----⁵² de qualquer fiscalização pública.

É, portanto, confiando apenas na ação decidida e ativa do povo e no concurso espontâneo e desinteressado de pessoas e sociedades avançadas e populares que o “Comitê” está firmemente resolvido a prosseguir, sem tibiezas nem contemplações, na humanitária campanha em prol da infância sacrificada em holocausto à ganância insaciável dos argentários exploradores.

E, para que os aproveitadores de todos os movimentos bem acolhidos jamais tentem nele se imiscuir, desviando-o de seu nobre objetivo, que é o de, pela manifestação franca e ativa do povo, se conseguir arrancar a infância obreira dos ergástulos do trabalho, o “Comitê” resolveu sintetizar o seu objetivo e o seu método de ação no seguinte:

52 - **Nota do Org.:** palavras ilegíveis na cópia digitalizada consultada.

Programa:

1 – Estando demonstrado à saciedade que o emprego de crianças em qualquer categoria de trabalho não tem por fim ministrar-lhes uma educação profissional ou proporcionar-lhes uma retribuição mais ou menos equitativa e, conseqüentemente, uma vida doméstica de relativo conforto, – mas única e exclusivamente a preocupação da parte dos patrões de aumentar os seus ganhos, pois que, pela perfeição da maquinaria, os pequeninos e improvisados obreiros podem produzir tanto quanto os adultos, percebendo salários misérrimos, – o “Comitê”, por meio de sua agitação, reclamará que os menores de 14 anos não continuem a ser ocupados nos centros de trabalhos industriais, comerciais e agrícolas, acolhendo com simpatia e patrocinando as iniciativas particulares que tendam à criação de escolas profissionais, onde os filhos dos trabalhadores possam se habilitar suficientemente em um ou mais ofícios, a par de uma educação sã e racional.

2 – E tendo a experiência evidenciado que somente com a sua união os trabalhadores poderão, com vantagem, defender os próprios direitos menosprezados, – o “Comitê” trabalhará no sentido de, com a precisa urgência, estimulá-los a se reunirem em sociedades de resistência, pois que assim terão a possibilidade de conseguir melhorar de situação, sendo-lhes permitido manter as suas famílias sem serem obrigados a enviar seus filhos às fábricas e oficinas.

É dessa forma que a classe trabalhadora poderá imediatamente tratar de:

- a) Conquistar a jornada de 08 horas, abolir trabalho noturno e os extraordinários, aumentando a procura de braços e permitindo a ocupação dos operários agora atirados aos azares do desemprego;
- b) Obter que o trabalho das mulheres tenha remuneração

- equivalente ao dos homens, deixando de fazer-lhes uma grande e ruínoza concorrência;
- c) Conseguir aumentar os salários hoje grandemente reduzidos e abolir os descontos para pagamento de utensílios de trabalho e subscrições, assim como das multas;
 - d) Fazer com que os operários não sejam forçados a executar serviços excessivos e brutais e que os lugares de trabalho ofereçam todas as necessárias condições de segurança, de higiene e conforto para evitar os acidentes e as moléstias hoje tão habituais e que determinam o agravamento da sua penúria;
 - e) Tornar efetivo o direito de, quando vítimas de acidentes ou de enfermidades adquiridas no trabalho, perceberem a remuneração devida até se restabelecerem completamente, ou uma indenização correspondente à mesma, em caso de ficarem impossibilitados para o exercício de seus misteres.

Com coesão de seus esforços, hoje deploravelmente dispersos, os trabalhadores poderão tornar-se, dentro em breve, unidades ativas em nosso meio social e conseguir, então, todos esses melhoramentos e um sem número de outros indispensáveis para a garantia de um relativo bem-estar, assim como, pondo fim ao odioso regime de tirania dominante no trabalho, criar um ambiente moral elevado, impedindo que, amiúde, se desrespeite o seu direito de associação e de reunião, chegando-se, muitas vezes, a se pretender coatar-lhes a liberdade de propaganda de seus ideais.

Não somente por esse meio, solidarizada e disposta à ação, tratando de tornar mais humanas as condições de trabalho, mas agindo com energia contra os gananciosos causadores do encarecimento da vida, conseguirá a classe laboriosa estabelecer uma situação menos penosa e livrar os seus filhos do ambiente atrofiador das fábricas e encaminhá-los para as escolas.

Sim, porque como os capitalistas da indústria -----⁵³para

53 - **Nota do Org.:** palavras ilegíveis na cópia digitalizada consultada.

aumentar os horários de trabalho e diminuir os salários, conseguindo, dessa forma revoltante, acumular fortunas consideráveis, também os abastados senhores do comércio não têm hesitado em tudo açambarcar para fazer crescer, a proporções colossais, as suas riquezas à custa da miséria do povo.

Urgia, portanto, uma reação decidida contra esse intolerável estado de coisas, – e foi com esse nobre intuito que se constituiu o Comitê Popular, empenhado na luta contra a ignóbil escravatura da infância proletária, sumamente odiosa sob qualquer aspecto que se a encare, pois, entre outras horríveis consequências, contribui para a degeneração da espécie humana.

Esta sacrossanta campanha, na qual também se tem em mira exercitar os homens do povo no patrocínio dos próprios direitos, – dos os caçadores de botos se dizem, como nesta ocasião, defensores extremos – reclama a participação de todos os homens de consciências libertas, de todas as agremiações verdadeiramente populares, porque somente assim, tomando ela as proporções necessárias, conseguirá impressionar a opinião pública e fará com que as portas das fábricas e oficinas se abram para deixar sair a infância sacrificada em holocausto à ganância dos capitalistas e dar entrada aos homens hoje entregues à ociosidade forçada e causadora da penúria da família proletária.

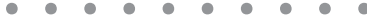
Certo de ter ao seu lado bons e numerosos campeões da simpática causa, o “Comitê” prosseguirá ativamente na luta, realizando comícios e conferências, distribuindo manifestos e boletins, denunciando à justiça severa da opinião pública os execrandos indivíduos que fazem repetir em pleno século SS, de maneira diversa, o crime hediondo do sacrifício dos inocentes, de que nos fala a lenda que tem vencido os séculos em explorada forma religiosa.

E vitoriosa que seja esta campanha, ter-se-á vencido mais uma etapa na estrada que nos conduz à sociedade de justiça e equidade, onde

a felicidade de uma minoria não seja argamassada na miséria da maioria e onde o bem-estar e a liberdade serão um patrimônio caro de cada um e de todos os membros da comunidade humana, irmanada numa imensa e harmônica família.

33

*Comitê Popular de Agitação contra a exploração dos menores operários*⁵⁴



Com o fim de realizar uma grande manifestação de protesto contra a infame exploração das crianças operárias, o Comitê convida aos operários de todas as classes e ao povo em geral a fazerem ato de presença no grande comício que se realizará na próxima quinta-feira, 12 do corrente, às 07 e meia da noite, no *largo da Concórdia*.

Falarão oradores em português, italiano e espanhol, respectivamente.

Cidadãos:

Pela vida e a liberdade da infância martirizada pela barbárie capitalista:

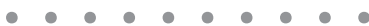
Todos ao Comício

O COMITÊ

54 - O COMITÊ. **Guerra Sociale** – São Paulo – SP – Ano 03 – N° 45 – Página 04 – 10.04.1917.

34

*Pela criança, pela mulher e pela humanidade*⁵⁵



Ao observarmos o que ao nosso redor passa, não podemos reprimir um gesto de cólera, um grito de revolta, com a consciência indignada ante as monstruosidades que a toda hora, que a cada passo, devemos suportar. E, em nosso íntimo sentimos o transbordar de um ódio acerbo contra uma sociedade tão iníqua, tão vil, que coloca o ser humano muito abaixo do último animal da escala zoológica, reduzindo-o à humilhante condição de pária, que tudo sofre e a tudo se resigna, ou à repugnante e vergonhosa figura de parasita insaciável que, oprimindo e explorando impiedosamente aos seus semelhantes, infelicita e degrada a Humanidade.

A ambição e a malvadez dos poderosos causa a dor e a miséria dos proletários; o servilismo e ignorância destes permite que aqueles ajam a seu prazer.

Onde quer que nos encontremos, teremos de ouvir lamentos e maldições, presenciar injustiças e infâmias tão revoltantes, misérias e humilhações tão dolorosas, que não podemos deixar de sentir uma imperiosa necessidade de destruição imediata, de destruição justiceira, que ponha fim a tanta monstruosidade.

Observamos sempre com tristeza a indigente vida das criancinhas operárias, representantes das gerações vindouras, promessa, esperança risonha de um futuro melhor, mais humano.

Vemo-las encerradas em edifícios horríveis, enormes, tétricos como a alma daqueles que ali as encerram.

55 - SOARES, Maria Antônia. **Guerra Sociale**. São Paulo – SP. – Ano 03 – Nº 46 – Página 07 – 01.05.1917.

Vemo-las ao amanhecer, quando os filhos dos privilegiados dormem tranquilamente em macios e quentes leitos, serem despertadas brutalmente por pais embrutecidos, ou com piedade por mães que não têm outro sustento que o que lhe podia dar o trabalho dos seus filhinhos.

Vemo-las finalmente tiritando de frio, mortas de sono e de fadiga, entrarem nas fábricas e nas oficinas onde têm que permanecer encerradas todo o dia, entregues a um trabalho esfalfante, lidando com engrenagens perigosas, entre as quais deixam a miúdo, um membro ou a própria vida.

E, à noite, abatidas sob o peso do seu imenso infortúnio, chegam a casa, onde não encontram um consolo, um alento, nem ao menos o alimento necessário para satisfazerem o seu estômago debilitado.

As infelizes crescem sem instrução, sem educação, sem carinho; e, por isso, o nosso coração sente-se muito comovido.

Contra essa injustiça surge do nosso coração, dos nossos lábios, o mais veemente protesto!

A nossa atenção dirige-se instintivamente para um caso que se relaciona bastante com este: o trabalho das mulheres.

Quem desconhece a exploração escandalosa que se faz com o trabalho feminino?

As injustiças que se comentem com os homens são muitas e grandes; porém os que com as suas companheiras de miséria se verificam, são inqualificáveis.

E, senão, pesai bem nestes dados que são conhecidos de todos.

Nas oficinas de costura, o horário estabelecido é geralmente das 08 horas às 19, tendo um intervalo de 01 hora ou hora e meia para o almoço.

Sabe-se, porém, que este horário nunca, ou quase nunca, é respeitado.

O trabalho prolonga-se quase todos os dias até as 20 e 21 horas, e

aos sábados, até as 23 ou 24.

Só a essa hora é que vão jantar, fato este que muito contribui para o enfraquecimento orgânico de que padecem a maioria das costureiras.

É preciso também fazer constar que esse trabalho, realizado fora das horas marcadas, não lhes é pago, isto é, não é considerado extraordinário.

Os ordenados são irrisórios. São estas, as costureiras, talvez, de todas as operárias, as mais mal remuneradas.

Há muitas que passam inclinadas sobre a máquina 12 ou 13 horas do dia para ganharem, durante o mês, a quantia de 50\$000. E, para isso é preciso que tenham muita prática do serviço, muitos anos de serviço.

Mencionamos também as engomadeiras, cujo trabalho se poderia qualificar de bestial, dadas as condições em que hoje se realiza.

É um trabalho insano, pesado, e as que nele vão ganhar o pão de cada dia, devem suportá-lo diariamente até hora bem avançada da noite e recomeçá-lo no dia seguinte bem cedo, não tendo, portanto, tempo para recuperar a metade das energias perdidas.

Com relação ao salário, não supera muito ao das costureiras.

A situação das operárias que trabalham nas fábricas não é, por sua vez, mais invejável.

Como se não bastasse para destruir o seu organismo o trabalho excessivo e a péssima alimentação com que se nutrem, acrescente-se ainda o ar impuro, cheio de fios e imundícias, veículo do terrível mal que destrói a humanidade: a tuberculose.

E tudo isto para ganharem, geralmente, 2\$000 ou 2\$500 rs. diários.

E... seria nunca acabar.

Na indústria, no comércio, nos trabalhos domésticos, em toda parte, a mulher trabalha todo o dia e parte da noite, por um salário que não chega para as despesas mais indispensáveis, não devendo esperar de

tantas fadigas e sofrimentos, mais recompensa que a de ficar inutilizada em pouco tempo, pela anemia ou a tuberculose, ou por ter perdido parte do seu organismo em alguma engrenagem perigosa.

E, uma vez reduzida à triste condição de não poder ganhar o seu sustento, resta-lhe ainda o grande *consolo* de esperar com ânsia, de invocar a morte, como sendo o único meio de livrar-se de uma vida tão estúpida, tão miserável.

Esta é, em pálida realidade, a condição da mulher operária.

Instrução, distrações, alegrias, satisfações morais e materiais, são para ela cousas desconhecidas.

Tendo em consideração essa vida obscura e dolorosa da mulher, acertamos a compreender o porquê do embrutecimento da imensa legião dos proletários.

Tendo o sangue envenenado, não pode a mulher operária legar aos filhos sangue puro; não tendo educação nem instrução alguma, não pode educá-los.

E, assim, a humanidade vai debilitando-se cada vez mais, tornando-se cada vez mais enferma, mais degenerada.

Por isso é que, ao pensar na criança, pensamos também na mulher.

Para que se salve aquela, é preciso salvar esta!

Nós queremos ver a humanidade livre do lodo que a degrada; queremos vê-la mais feliz, mais forte, cheia de vida e de alegria.

A nossa aspiração suprema é uma sociedade na qual a criança se dedique ao estudo e ao folguedo, e a mulher se ocupe na própria conservação, para que possa ser uma verdadeira mãe, uma carinhosa companheira; uma sociedade na qual o homem possa elevar-se moralmente, contribuindo com o seu esforço para o progresso da humanidade e para a felicidade da família, do lar amado, o qual deve inspirar a paz e o amor.

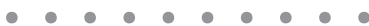
Na mulher é que reside o futuro; é dela que depende em parte a

realização do nosso sonho.

Livrá-la da iníqua exploração burguesa, e educá-la, deve ser o pensamento constante de todos aqueles que põem o interesse da humanidade acima dos preconceitos estrupidos e dos interesses mesquinhos.

35

*Aos anarquistas*⁵⁶



É triste e dolorosa a situação que atravessamos. Feliz de quem não vê, nem sente, nem pensa. Mas eu vejo, penso e sinto.

Vejo além os campos regados com o sangue dos nossos irmãos queridos!

Vejo por toda a parte a fome, a miséria, a tuberculose e a prostituição, e sinto a dor dos que nos campos de batalha dão o último suspiro, lembrando-se dos seus entes queridos que ficarão – quantos deles! – ao desamparo!

Sinto as dores das pobres viúvas, mães e irmãs e penso nos orfãozinhos – os nossos sucessores!

Que se poderá esperar dessa juventude anêmica, enfezada e raquítica – essa juventude a quem falta o alimento mais essencial, medrando num meio viciado, com uma educação inveterada e falsa – que poderemos esperar dela futuro?!

Chego a perguntar a mim própria se não se poderia ter evitado, em parte, pelo menos, este tremendo desastre...

Quer-me parecer que sim. Erramos. Faltou uma orientação sólida; faltou união, solidariedade, inteligência – e tudo isto talvez porque fomos demasiado tolerantes para com os inconscientes e, sobretudo, para com os trânsfugas e para quantos têm procurado entravar a marcha da nossa causa cheia de beleza, amor e justiça.

56 - PAULA, Margarida. **Guerra Sociale** – São Paulo – SP – Ano 03 – N° 54 – Página 03 – 07.07.1917.

Temos desprezado a organização das nossas forças e este foi o nosso erro principal. Esta lição não a deveremos esquecer. Precisamos olhar o passado, ver bem o presente e prepararmos as nossas forças para a luta do futuro.

Ao futuro pertencem os pequenos seres; mas estes, definhados, anêmicos e com o cérebro cheio de ideias falsas, jamais poderão preparar um futuro desanuviado e mais livre, se nós os não orientarmos desde já, se não lhes dermos o nosso exemplo, uma vez que reconhecemos erros nossos, não os evitando tão depressa como aconselham as necessidades.

Seremos uns criminosos se esquecermos aquelas vítimas da injustiça e velhacaria burguesas.

Por isso, unamo-nos, inteligenciemo-nos com amor, para melhor podermos defender o ideal – a Anarquia – porque sem o seu advento, a humanidade jamais será livre e feliz.

Não esqueçais, camaradas, que sem a colaboração da mulher, pouco ou nada se poderá fazer para a libertação, a emancipação, dos oprimidos, dos sem pão e sem liberdade, porque, além do mais, são as principais educadoras das crianças.

Pouco, muito pouco, se tem feito em favor da libertação das nossas irmãs; e, para isso, muito há também a fazer, se se quiser conseguir uma humanidade verdadeiramente emancipada.

Lisboa

36

*Belicosidades*⁵⁷



Não há dúvida que o polvo do militarismo não para um momento na obra inglória de estender os seus tentáculos por toda a parte, ainda mesmo nos lugares que tudo indica deverem estar-lhe completamente interditos – como, por exemplo, as escolas infantis.

Vendo, pois, fugir-lhes o terreno de baixo dos pés, o militarismo que, neste país, empunha a vara do mando, sente-se invadido dum medo extraordinário, dum terror muito semelhante ao das crianças quando lhes falam do *papão*...

Isto vem a propósito do fato verídico, autêntico, insofismável, de ter o governo do nosso Estado mandado distribuir pelas escolas particulares – *pelas escolas particulares, notem bem!* – uma enorme porção de espingardas, destinadas a ministrar às criancinhas a instrução abominável da caserna.

Uma dessas escolas – a denominada 07 de setembro – acha-se instalada à rua da Cantareira, Nº 59, e é regida por uma senhora, com certeza, pertencente à Liga Nacionalista das Mulheres Brasileiras...

Pois um dia destes, essa ilustre senhora do professorado paulista, chamou todos os pequenos, confiados à sua guarda e educação e, após uma inflamada lenga-lenga a respeito da pátria e das batatas, entregou a cada um deles uma espingarda; – que, nem por o ser somente no feitio, deixa de evidenciar a infâmia, a ignomínia e a podridão das almas negras que tal ideia conceberam.

57 - (Não assinado). **A Plebe**. São Paulo – SP. – Ano 01 – Nº 13 – Página 01 – 08.09.1917.

Muitos desses meninos, ébrios de alegria, inconscientes aos perigos que ao ameaçam desde que cheguem a amestrar-se no manejo das referidas armas, saíram a correr do edifício escolar para mais depressa irem mostrar aos pais a *prenda* com que os haviam mimoseado...

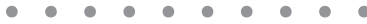
De um pai sabemos nós – pai consciente, honesto e trabalhador – que ficou tão cheio de indignação e de revolta perante o caso tão ignóbil que, imediatamente, proibiu seu filho de voltar a pôr os pés em semelhante antro de crimes e opróbrios, pois não fora para ensinar a matar gente que ele andava a pagar à respectiva professora.

Tal atitude merece os nossos veementes aplausos, sendo para desejar que todos sigam tão salutar exemplo.

E a isto chegou o tartufismo dos sacerdotes da pátria, cuja barriga, de gorda que é, ainda se sente ávida de mais vítimas, de mais desgraçados, mortos em holocausto ao terrível moloque do Milhão!

Mas... falaremos mais de espaço no próximo número.

*Um grande crime da burguesia⁵⁸ A
exploração da infância proletária
Hoje, como ontem, urge dar-lhe
combate decidido*



Entre as vítimas inocentes atirados na flor da idade para as garras aduncas da exploração capitalista avultam, indiscutivelmente, as inúmeras legiões de infelizes crianças condenadas desde o berço a arrastarem pelo mundo as grilhetas de réprobos sociais.

Erguendo-se quando o sol é nado, compunge vê-las, a caminho do portão sinistro das bastilhas do trabalho, numa abstração absoluta do que seja a vida para aqueles que jazem sob o jugo do Milhão, puxando ao carro do servilismo mais ignóbil e infamante.

Foi por isso mesmo que, entre nós, vai a fazer dois anos, um pugilo de homens de coração e sentimentos tomou a tarefa humanitária de pôr fim a semelhante ignomínia, promovendo comícios na praça pública, espalhando manifestos, intensificando, enfim, uma agitação de protesto em todos os centros laboriosos.

Não resultou em vão todo o trabalho de propaganda então realizado, porque o proletariado paulista, cientificando-se da razão que assistia aos justos clamores desse núcleo de propagandistas dedicados, acabou por erguer-se em julho de 1918 como uma muralha de granito e lançou fogo ao estopim do grandioso movimento que fez tremer a burguesia e os governantes.

Os menores trabalhadores continuaram, todavia, sujeitos à mesma

58 - ANDRADE, Elmano de. **A Plebe**. São Paulo – SP. – Ano 02 – Nº 06 – Página 03 – 29.03.1919.

escravização e ao mesmo martírio. O gesto de abnegação e sacrifício em prol da sua liberdade não bastou para conseguir pôr fim à grande infâmia. Perdura ainda a tirania econômica e moral. Encareceram os gêneros. Diminuíram os salários. Paralisou-se o trabalho. E a situação abominável das crianças produtoras prossegue do mesmo modo sem nenhuma consideração.

Hoje, como ontem, os menores vão palmilhando a estrada ínvia do calvário do labor, amarrados como burros de carga aos varais opressivos da carripiana burguesa, exploradora e assassina.

Mas, pergunto-vos, ó Mães: Tendes amor a vossos filhos? Gostais de vê-los martirizados e sofredores? E vós, ó Pais: Não vos revoltais de ver a vossa carne servir de pasto à insaciabilidade usurária dos capitalistas? Não sentis repulsa de assistir à usurpação dos escravocratas, feita em detrimento dos entes queridos do vosso afeto?

Ah! Eu adivinho o vosso estado de espírito. Palpita-me que estais intimamente indignados contra esses bandoleiros e tartufos. Mas é tempo, a qualquer hora, de acabardes com essa situação por todos os motivos insustentável. Basta que vos associeis. Basta que tenhais consciência. Basta que adquirais a noção exata dos vossos deveres.

Retirai das fábricas e oficinas a infância mártir! E, para compensar o prejuízo material que daí vos advier, – exigi maior soma de bem estar e de conforto.

Uma grande causa⁵⁹ Pela infância proletária Arranquemo-la das garras do capitalismo!



A exploração de menores nas fábricas é tanto mais ignominiosa e revoltante quanto é certo refletir ela uma das maiores iniquidades praticadas pela cupidez capitalista.

Não basta obrigar-se a trabalhar de sol a sol toda essa legião de filhos da miséria, cuja idade orça entre os 09 e os 14 anos; não basta dar-se lhes uma remuneração irrisória e mesquinha, que nem chega para o pão com que se alimentam; não basta esgotarem seu vigor físico no lapso de tempo em que deviam frequentar a escola; não basta todo o desconforto e provação a que os sujeitam o rigor férreo e a disciplina violenta das bastilhas laboriosas.

O burguês, o parasita, o sanguessuga não se contenta só com isso. Quer mais. Quer gozar do próprio sofrimento desses infelizes. Para isso arranja diretores despóticos, mestres e contramestres verdugos, enfim, um núcleo de esbirros encarregados de exercer apertada vigilância sobre os produtores.

E esses homens, esses bandidos, esses miseráveis, esquecendo-se de que também têm filhos, de que também têm esposas, de que também são pais – se transformam em carrascos e, ao mais leve pretexto que se lhes depare, fustigam as carnes tenras, langues e macilentas dos pobres seres inocentemente tornados vítimas do Moloque insaciável da exploração!

Diariamente se registam por todas as fábricas aí existentes as

59 - ANDRADE, Elmano de. **A Plebe**. São Paulo – SP. – Ano 02 – Nº 07 – Página 03 – 05.04.1919.

brutalidades contra os menores. Num lado, é uma saraivada de insultos os mais pesados e atrevidos. Noutro, são os sopapos e pontapés que magoam o corpo dos desgraçados.

Tais horrores revoltam e enojam ao mesmo tempo. Os filhos dos burgueses, tratados como são no meio de todos os carinhos e desvelos, cercados de todo o conforto e abundância, obesos de luxo e de grandeza, nem ao menos se lembram que há criaturas iguais a si, contando a mesma idade, que comem um escasso pedaço de pão amassado com sangue e lágrimas, fabricado com sacrifícios e martírios. Esbanjam a torto e a direito o produto do suor alheio, ou seja, um pouco de existência de infelizes crianças, de cuja desgraça e infortúnio é responsável a sociedade em que vegetamos, a qual se baseia na exploração do homem pelo homem e, inclusivamente, no servilismo e escravização dos menores.

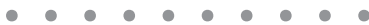
Mas, essa infâmia precisa ter um paradeiro. Uma geração de indivíduos, constituída de raquíticos e enfezados, nenhum proveito pode trazer para a espécie, antes será a veiculadora de todos os contágios e infecciosismos, propagando a tuberculose, a sífilis e demais moléstias provenientes da fraqueza orgânica dos indivíduos.

Portanto, ó pais, ó mães, ó todos vós que sofreis o peso bruto do jugo capitalista, reivindicai a liberdade de vossos filhos, de vossos entes queridos, em idade imprópria para o trabalho, e ide depois ocupar também o vosso lugar à mesa do bródio social.

O melhor caminho para alcançar esse objetivo é a associação. Associai-vos, uni-vos, congregai-vos como um só corpo, porque assim sereis fortes e invencíveis.

39

*Salve 1º de maio*⁶⁰



AOS MENINOS

Uma saudação à infância neste dia de festa e de esperança, em que tão pouco pensais ainda.

Nunca como hoje tão carinhosamente o nosso pensamento vos procura e vos abraça, percorrendo todos os países, “civilizados”, onde a cupidez, aliada à fome, curva a infância a uma fadiga que lhe contrista a alma e lhe devora as forças.

Em meio duma atmosfera tétrica, velada pelo fumo das oficinas, pelas nuvens do enxofre, pelo pó do carvão, pelas exalações deletérias, passa a procissão infinita dos pequenos trabalhadores, dos sepultados nas minas do Septentrião (*sic*), que se arrastam nus e de rojo no lodo e nas trevas, com o saco pendente ao pescoço até àqueles que suam nas cavas da Sicília, crianças de ventre inchado e de ossos contraídos, alimentadas com um pão horrível, embebido no azeite nauseabundo de suas lâmpadas; passa o exército miserando dos meninos oprimidos, com o rosto descarnado e exangue, de mãos e pés cheios de feridas, uns caindo de sono, outros chorando em silêncio; fileiras de meninos engelhados e anêmicos, curvados como velhos, ferindo o ar com os acessos de tosse seca e anélitos dolorosos; passam os envenenados pelo fósforo, os cegos pelas fornalhas, os mutilados pelas máquinas, os queimados pelo grisu, os sepultados nos desmoronamentos – e milhares de olhos, passando, fixam-se nos nossos: – olhos apagados, desdenhosos, duros, suplicantes, que nos dizem: – Tivemos uma infância descurada,

60 - AMICIS, Edmundo de. **Boletim da Escola Moderna**. São Paulo – SP. – Ano 01 – N^os 03 e 04 – Páginas 01 e 02 – 01.05.1919.

temos uma meninice sem alegrias, teremos uma juventude sem saúde e uma velhice sem confortos; e a muitos de nós espera o hospital ou o cárcere, ou, antes do tempo, o cemitério, onde outros inumeráveis filhos de trabalhadores nos esperam, ou nascidos mortos, ou mortos no berço pelos narcóticos, ou vítimas dos maus tratamentos ou da inação; é este o nosso destino; e por que? – E outras cousas nos dizem aqueles olhos. Falam-nos das leis protetoras da infância com mil enganos violadas, da cumplicidade dos parentes famélicos, da cegueira dos inspectores, da indiferença das autoridades e da hipocrisia de uma sociedade civilizada que crê pagar todo o seu débito estendendo a mão a um por cento dos míseros que ela mesma arruína, e as aberrações de uma caridade que vai procurar misérias e dores a milhares de milhas distante daqueles que as sofrem inutilmente em seu rados (*sic*), e a injustiça de um mundo que vitupera a inércia naqueles em que foi apagado, pelas fadigas precoces, o amor ao trabalho e dá, como causa única de sua miséria, os vícios que ela mesmo semeia e de que é a primeira a dar o exemplo, punindo sem piedade as faltas a que são induzidas tantas pessoas por uma ignorância e por uma corrupção de que não têm culpa.

E passam ainda, e passam sem fim, os pequenos escravos resignados, os outros frementes, adoentados, embrutecidos, medrosos, contorcidos, em direção às choupanas ou às cavernas, ou às estrebarias ou pardieiros infectos das grandes cidades onde a selvagem promiscuidade dos sentidos finda por corromper a alma e o corpo. E, enquanto o coração se nos constringe ao ouvir aquele coro de gemidos, de repreensões e de imprecações, mais amargamente nos magoa uma voz grossa e pacata que ressoa acima daquele coro e vos diz: – *Não há remédio.*

Ah, não o acrediteis meninos! Por quanto há de mais sagrado no mundo, não é verdade. Se fosse verdade, deveríamos cuspir na palavra *civilização* todas as vezes que a encontrássemos estampada num livro. Ímpia é a voz que diz ao miserável: – Desespera. – Vã é aquela que diz

para tudo esperar do céu, e nada pretender dos homens. Uma enorme força se levanta no mundo em prol dos vossos pais e de vós, e este é o dia em que essa palpita em milhões de corações e fala por milhões de lábios, por toda a parte onde chora uma criança esfalfada, onde se estende em vão a procurar trabalho um braço viril, onde suspire um velho sem pão, após ter trabalhado, enquanto teve forças. E não somente entre os vossos companheiros de fadiga e de penúria. Mas nas belas casas que invejais, em meio ao bem estar e gozos que nunca gozareis, uma geração desponta, que supondes ignara ou desprezadora (*sic*) das vossas dores, uma multidão de crianças e de jovens de mãos brancas e de rostos floridos, em cuja mente entra, dia a dia uma, ideia que ofusca a serenidade, que atormenta a sua consciência, que aflige, dilata e exalta o seu coração e os impele para vós, os prepara para os generosos sacrifícios, os arma e os instrui a combater, com amorável, coragem pela vossa causa e pela de vossos filhos.

Não, os vossos filhos não terão mais, pensando na infância dos trabalhadores, a visão horripilante que nos enche de tristeza e de vergonha. A infância será poupada, porque todos os homens trabalharão e a produção terá por fim a satisfação das necessidades comuns e não o lucro de poucos, e a máquina será auxiliar e não tirana do homem; vossos filhos frequentarão também a escola, porque todos terão o direito a cultivar o espírito até ao limite reconhecido pelas tendências, capacidade e dignidade do homem civilizado; eles crescerão contentes e benévolos, porque não crescerão mais na miséria tétrica e na canseira bestial que confunde a consciência e perverte o coração; eles amarão o trabalho e a vida, porque o trabalho será humanamente medido e compensado, e a vida não será mais uma guerra fratricida, para a qual uns nascem armados e os outros inermes, na qual por um forte, ou um astuto que triunfa, milhares de débeis mordem o chão; mas a luta, ordenada e honesta de *todos por um e um por todos*, da qual aparecerá

a necessidade e a justiça com a mesma luminosa evidência com que nos aparecem aquelas verdades elementares que são os fundamentos mesmos da razão e da consciência humana.

Sim, isto é o futuro, como é verdade que nos asila a terra e nos ilumina o sol. E vós, crianças, fixai na mente a data do 1º de Maio, que nada talvez vos diz ainda. Um dia chegará em que também signifique para vós: concórdia, esperança, vitória, pacificação. Nesse dia efetivar-se-á o dito evangélico de há vinte séculos: – *Deixai vir a mim as criancinhas* – quer dizer: deixai que sejam crianças, que cresçam com o sorriso nos lábios e com a fronte levantada para o céu, porque é estúpido que se consiga a riqueza com o sangue das suas veias e com a medula dos seus ossos, ao preço da sua inocência e da bondade de sua alma.

A máxima evangélica realizar-se-á, crianças! Tende confiança nisso, meninos, neste dia consagrado à solidariedade fraternal de todos os trabalhadores.

40

*Novos horizontes, novas esperanças*⁶¹



Indubitavelmente, estamos assistindo ao espetáculo mais curioso e promissor que já foi dado contemplar a olhos humanos.

É um mundo velho, cheio de podridões e tiranias, que se desmorona, com um fragor estrepitoso e que nenhuma saudade deixa, pelo contrário, sente, toda a gente, um bem estar de alívio, lamentando não ter sido há mais tempo.

É uma sociedade caduca, jesuítica e corruptora que está prestes a desaparecer no sorvedouro de onde nunca deveria ter saído, e cuja missão se limitou a semear, pelo mundo, desditas sem conta; tantas lágrimas e sangue fez verter, que nem todos os oceanos o conteriam em seus fundos e extensos leitos.

Este vil regime, que anula todas as justas iniciativas, que sufoca todas as elevadas aspirações, que reprime, pela força, todos os movimentos reivindicadores, está em vésperas de ser chamado ao tribunal da opinião universal, para prestar justas contas de seus crimes, de suas usurpações, de suas violências e seus arbítrios. E, esse tribunal, não encontrando atenuantes, condená-lo-á à execração universal, a ser pulverizado e reduzido a nada, pois só assim restará impossibilitada de continuar na consumação da sua série inenarrável de delitos de lesa humanidade.

Este mundo parasitário, em que a minoria calaceira predomina, legisla, desfruta, escraviza a maioria ativa, produtora e realizadora de todo o progresso social, tem os seus dias contados, vai desaparecer das

61 - PINHO, Adelino de. **Boletim da Escola Moderna**. São Paulo – SP. – Ano 01 – N^{os} 03 e 04 – Páginas 02 e 03 – 01.05.1919.

fronteiras do globo, num breve prazo de tempo, deixando o lugar vago para a implantação duma sociedade justa e equitativa, onde reinem a solidariedade, o respeito, a equidade e o bom acordo, porquanto só assim é que a humanidade poderá gozar e desfrutar dos benefícios da paz, do trabalho e do esforço comum.

E a infância, a criançada; a meninice, esse mundozinho infantil, que constitui as nossas mais fundas esperanças, que representa o futuro da humanidade, que é todo o nosso encanto, e quem mais nos impele à conquista dum futuro racional, sensato e equilibrado, bem se pode regozijar com o advento dum mundo novo, que a vai cumular de cuidados, enche-la de satisfações, proporcionar-lhe toda a série de bem estar, estima e felicidade a que ela faz jus, que merece e solicita, com sua graça, singeleza e ingenuidade.

Estabelecido um estado perpétuo de paz e de igualdade, a infância, hoje martirizada, esmagada, maltratada, faminta, rota, explorada, espancada, ignorante, rude, grosseira, transformar-se-á, como por encanto, e gozará de todas as vantagens, terá todos os direitos, beneficiará de todas as possibilidades. Terá abundância de alimento, será agasalhada e vestida conforme as necessidades da estética e da temperatura, frequentará belas, espaçosas e claras escolas, onde o ensino integral seja proporcionado a todos, indistintamente, sem preconceitos de classe, de raça, de cor e de pátria. Cidadãos do mundo, a nossa pátria não terá outras fronteiras fora dos limites mesmo da Terra que nos agasalha. De polo a polo, toda a humanidade confraternizando, trabalhando, ajudando-se uns aos outros, alegres com a alegria comum, tristes com a tristeza dos outros. Hoje, a tristeza, miséria e fome da maioria, engendra a alegria, a fartura e o supérfluo de meia dúzia.

Mas isto vai acabar, eu vo-lo afirmo. Esta desigualdade irritante e odiosa, chegou ao seu termo, não se mantém mais de pé: oscila, desapruma e, em pouco, esfarelar-se-á em pó, o pó das grandes

catástrofes, dos grandes cataclismos, dos supremos esforços.

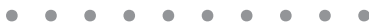
Crianças, meninos, jovens, dai largas à expansão de vossos corações, acalentai as mais doces esperanças, a fé mais funda, os mais fagueiros e ridentes otimismo! Vai surgir o sol da justiça social, que a todos, por igual, iluminará e aquecerá, com seus raios, e acariciará com o seu brilho! Tende confiança nos destinos superiores da humanidade! Acreditai na próxima transformação da sociedade, que muito concorrerá para vos alargar as possibilidades de serdes felizes, justos e respeitados! Regozijai-vos, que novas esperanças alentam os corações!

Com isso, os fundadores da Escola Moderna muito se congratularão, e só então é que a sua missão e o seu programa poderão ser executados em toda a sua plenitude.

Ó Maio vermelho da redenção social, nós te saudamos com alvoroço!

41

*O trabalho dos menores*⁶²



Os proprietários da fábrica de tecidos da Saúde persistem na desumana tarefa de atrair ao trabalho infelizes menores, ali exploradas com um requinte de crueldade sem par.

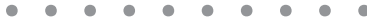
Pretendendo manter o horário de 10 horas, aqueles industriais chamaram, há dias, ao serviço, as moças. As mais velhas protestaram que só o fariam quando os homens tornassem igual deliberação, pois eram inteiramente solidárias com as suas reivindicações. O gerente conseguiu, porém, arrebanhar umas 12 meninas de 10 a 14 anos, declarando que eram suficientes para que a fábrica recomeçasse a trabalhar.

É na verdade revoltante a opressão que esses industriais exercem, aproveitando-se covardemente da fraqueza das crianças. Mas a hora há de chegar em que pagarão tudo por junto...

62 - (Não assinado). **A Plebe**. São Paulo – SP. – Ano 02 – Nº 14 – Página 04 – 24.05.1919.

42

*Filhos?*⁶³



Ter filhos! É belo, sem dúvida.

É belo ser-se pai, viver-se rodeado por um rancho de crianças, entre os seus pisos e os seus gritos, afagado pelas suas carícias angélicas, brincando com elas e beijando-as, passeando-as pelos campos e vendo-as correr, sempre risonhas e infatigáveis, apanhando flores...

A paternidade é uma aspiração delicada, própria dos temperamentos bons e sãos; é um desejo que acalenta, por vezes, os infelizes e os desiludidos da bondade da sinceridade dos semelhantes dos nossos dias.

Mas, ai! Ai daqueles que têm filhos sem os desejarem, que não têm, ou não podem ter, coração de pai! Ai daqueles que, sendo possuidores de belos sentimentos e de generosas intenções, não têm recursos para bem criarem e educarem seus filhos! Ai daqueles ainda que, débeis de organismo, herdeiros de enfermidades ancestrais e contaminados fundamente pelas doenças de que não é fácil precavermo-nos.

Ai de todos estes! O melhor é não procriarem.

Se não desejais filhos, se não tendes coração que vibre na ansiedade de serdes pai, evitai que tal aconteça. Vossos filhos seriam causa da vossa infelicidade e eles próprios muito sofreriam com a aridez do coração dos progenitores.

Se vos seduz a ideia de ter uma prole mais ou menos numerosa, mas se vos faltam os recursos econômicos suficientes, deveis, também, evitar a descendência ou, quando muito, limita-la rigorosamente, na medida dos vossos proventos. Procedendo assim, ficareis privados do prazer de ter muitos filhos, é certo; mas evitareis a dor e o desespero de

63 - SANTOS, G. **A Revolta**. Belém – PA. – Ano 01 – Nº 02 – Página 02 – 09.08.1919.

ver os vossos pequeninos amados sofrendo privações, e evitareis também o suplício dilacerante de os não poder instruir convenientemente, e de lhes não poder assegurar uma vida venturosa. É a eterna iniquidade! O prazer da paternidade só é facultado aos ricos; mas estes raras vezes o sabem apreciar.

Por último, se sois doente e não tendes qualidades físicas que vos assegurem uma descendência regularmente saudável, deveis evitar a procriação, mesmo tendo recursos econômicos para criar muitos filhos. E das coisas mais cruéis para um pai o ter filhos muito débeis, sempre adoentados e vivendo tristonhos, mormente se os achaques são hereditários e incuráveis.

A todos os que se encontram nas circunstâncias citadas, direi que evitem procriar. Desta maneira serão úteis a si próprios e úteis à sociedade, livrando-a de infelizes, de doentes e de ignorantes.

43

*Amor de pai*⁶⁴



Lendo a “Crônica do Foro”, da *Folha do Norte*, deparo um caso singular. trata-se de um pobre pai, Zeferino Viana Dias que, no município de Muaná, altas horas da noite, tendo um filhinho gravemente enfermo, e sentindo que o candieiro se vai apagar, à falta de petróleo, não tendo aonde adquirir aquele combustível, corre ao lampião da iluminação pública, e tira o querosene necessário para que o doentinho não fique à mercê das trevas.

Preso em flagrante, amorável pai é levado à barra do tribunal, sendo, o petróleo subtraído, avaliado em quatrocentos réis, e o delinquente, réu confesso, condenado, pelo tribunal, ao grau máximo da pena.

O réu apela da sentença, mas deixa de selar a petição, poque o estado da sua pobreza é tal que não permite essa despesa.

Se os três juízes do Tribunal Correccional, certamente porque não são pais, condenaram o infeliz, sem que a piedade lhes falasse ao coração, o *arminho da toga dos membros do mais alto tribunal paraense continuou a ondular na sua pureza inconsútil, pois que, deixando-se guar pelo verbo inspirado de um de seus membros, os respeitáveis desembargadores correram ao Código Penal e, no artigo 32, encontraram o remédio preciso para que não entrasse no cárcere um homem pobre e desamparado, simplesmente pelo fato de ser bom pai.*

Que homem, que pai, que juiz, não imitaria a tua ação, ó abnegado Zeferino Viana Dias, vendo o filho a se esvair de febre na miserável

64 - MOREIRA, Rocha. **A Revolta**. Belém – PA. – Ano 01 – Nº 04 – Páginas 01 e 02 – 06.09.1919.

enxerga e pensando que a morte poderia, servindo-se da escuridão, roubar essa vida preciosa e digna dos maiores zelos?

Como poderias tu, deixar assim no abandono da noite esse pedaço do teu eu, quando lá fora, na rua, completamente inútil para uma população que dormia, sobejava a luz que te faltava no lar, em tão grave emergência?

Admirável Zeferino, se assim não fizesses, e o teu filho morresse? Que vida seria a tua nas noites que se seguissem à morte desse ente querido?

Certamente, juiz mais severo, juiz implacável, – o Remorso – gritaria dentro de ti mesmo, a tua infâmia... tu serias o teu algoz. Pelas noites mal dormidas, perseguido pela insônia, ouvirias a mesma voz que ouviu Caim após ter assassinado Abel, o seu irmão, pergunta-te: – Zeferino, que fizeste do teu filho?

Então, não terias sossego. O teu vizinho, o teu amigo, o teu parente, todos, enfim, condenariam o teu descaso. Serias acoimado de impiedoso e de mau; os piores labéus cairiam sobre a tua cabeça.

Fizeste bem, Zeferino; em tais casos, um pai não reflete... é o amor que o guia; ele cede aos impulsos da paixão... e a paixão só pode ditar o que a tua ditou.

Eu te falo com franqueza, chego até a ter inveja de ti...

Faria eu a mesma coisa? Ou, no rasgo de um egoísmo criminoso, deixaria meu filho entregue à treva e aos caprichos da morte, para não perder a minha liberdade?

Quem sabe? Duas gotas d'água não se parecem... Depois, tu és o homem simples, venturoso na sua pobreza; não conhecendo maiores ambições do que a que deriva do aconchego da família e do amor pelos filhos.

ROCHA MOREIRA

(“Da escada de Jacó” – publicação dominical, pela *Folha*)

*
**

O quarto período da emocionante crônica de Rocha Moreira foi bastardeado por nós.

Assinalamo-lo porque foi dele que nos veio a sugestão para algumas considerações...

Esse pobre Zeferino, esse infeliz pai, a quem o Tribunal Correccional condenou como ladrão, ao grau máximo da pena, deve estar convencido (se, então, não estava) que as leis são o maior sofisma inventado para garantia dos privilegiados, pois que, aos miseráveis, aos deserdados, aos pés descalços, não facultam, sequer, o direito de se utilizar da mais infinitésima parte da iluminação chamada *pública*, ainda que num caso excepcional como o de agora.

Esse instrumento a que chamam Código, e que é manejado nos tribunais ao agrado dos da judicatura, aparece-nos, no caso de Zeferino Viana Dias, evidentemente iníquo e insuportável.

E é sempre assim, o *Código*. Se nos dermos ao cuidado de analisar todos os atos da Justiça, – dessa que se baseia nos códigos, é claro – verificaremos que, em todos eles, ressalta a iniquícia e a perversidade...

Não cremos do arminho que orna a toga dos membros do mais alto tribunal paraense!

Seria necessário, para isso, que a nenhum acusado houvessem aplicado quaisquer penas...

Seria necessário que o tribunal reconhecesse a inadmissibilidade dos códigos... Os códigos que nos *governam* apenas preveem os crimes a punir: o roubo, o assassinato, a fraude e a violação, são efeitos duma só causa, – da péssima organização desta sociedade – entretanto, a justiça dos tribunais procura evita-los, castigando o *criminoso* e defendendo a sociedade que gera o Mal no coração dos homens, que os faz assassinos e ladrões.

Como poderá desaparecer o efeito, sem ter desaparecido a causa?

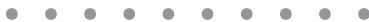
Como se pode dizer ao homem: não roubes, ainda que tenhas de sentir as maiores privações?

O mal não está, verdadeiramente, no criminoso, em si; senão no espírito do crime, que há de subsistir sempre, enquanto a desigualdade for a base da organização social.

44

*Os horrores do cárcere*⁶⁵

Os pequenos “criminosos”, na escola do crime



A sociedade de hoje, para corrigir e regenerar os criminosos, atira-os para o meio de quatro paredes estreitas e úmidas, em deletéria promiscuidade e inação horripilante. E o crime, em vez de desaparecer, aumenta, desenvolve-se e generaliza-se de tal maneira que causa pavor e assombro a grande porcentagem dos infelizes que são sequestrados do convívio dos seus semelhantes.

Na Cadeia Pública desta capital existem inúmeros indivíduos, purgando culpas variadíssimas, que se estiolam numa improdutividade que é a melhor prova da iniquidade e da injustiça do regime burguês.

Um fato, porém, nos revolta sobremaneira: é a detenção de menores, assim tão cedo privados da liberdade e dos prazeres da vida. Segundo carta que acabamos de receber, existem atualmente na Cadeia Pública 6 crianças, de idade entre os 11 e os 16 anos, como autores de vários furtos. Os nomes e as penas desses infelizes são os seguintes:

José Natal, condenado a 12 anos de prisão; Luiz Fancini, a 11 anos, João Pascoal, a 9 anos; Mario Nicola, a 11 anos e Urias Balado, a 11 anos.

Quando um dia todos esses miseráveis saírem da prisão, que se espera deles? Que trabalhem? Que concorram com o seu esforço para o bem-estar coletivo? Mas como? Tantos anos imiscuídos com indivíduos já requintados na perversidade, atassalhados por todos os vícios e aperfeiçoados em todos os crimes, essas criaturas outra coisa não poderão fazer se não reincidir nos mesmo feitos que agora os arrastaram ao ergástulo.

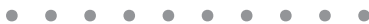
65 - (Não assinado). **A Plebe**. São Paulo – SP. – Ano 03 – Nº 39 – Página 01 – 22.10.1919.

A sociedade, por consequência, não regenera: corrompe; os seus métodos correcionais, os seus sistemas regenerativos produzem somente resultados contraproducentes: são a negação absoluta da razão e da justiça.

No regime comunista o criminoso não subsistirá. E se alguém, por doença ou por outra qualquer circunstância, cometer faltas graves, terá escolas próprias para a sua educação.

45

*Palavras a um Escoteiro*⁶⁶



Nós vimos o entusiasmo com que a tua mocidade em flor, sedenta de ações generosas, acorreu ao chamado daqueles que te dirigem, para “prestar um auxílio à sociedade ameaçada por anarquistas perigosíssimos”.

Cheio de sobressalto, correste em auxílio daquilo que todos *a una voce* te dizem ser a coisa mais nobre e mais justa deste mundo. Nós te compreendemos. Nós te aplaudimos. Nós, comovidos, te beijamos a fronte.

Isto não quer dizer que aplaudamos o teu ato. Muito pelo contrário. Reprovamo-lo severamente. O que nós beijamos em ti, mocidade em flor, é a grandeza da tua intenção de ser útil aos outros.

Estamos certos, porém, de que, se em vez dos teus diretores te haverem dito a metade das coisas, te houvessem dito tudo, tu, generoso que és, ficarias em casa e não irias para a rua com tão grande entusiasmo. Sabes por que? Nós te diremos:

Nem todos têm a mesma facilidade em viver. Teu pai que é formado, negociante, funcionário público, militar ou qualquer outra coisa, já que pode te dar essa educação, é porque ganha bem. Em tua casa não falta nada. Tu e tua família vivem quase felizes.

E sabes por que é que tens essa felicidade? É porque há outros que trabalham, que produzem tudo quanto se consome, do sapato ao chapéu, ou que fazem tudo quanto é necessário à tua felicidade, acendendo a luz que alumia, guiando o bonde que te conduz ou plantando os cereais que te alimentam. Eles, esses anônimos que conheces vagamente pela

66 - (Não assinado). **A Plebe**. São Paulo – SP. – Ano 03 – Nº 40-A – Página 01 – 29.10.1919.

designação de operários, fazem tudo!

Pois fica sabendo, alma generosa, que a casa desses homens não se parece com a tua. Eles vivem amontoados em pocilgas onde a higiene não é possível. O seu jantar é miserável e silencioso, pois na casa onde não existe a fartura, o riso não entra. Eles têm muito filhos, mas as suas crianças não se parecem contigo nem com teus irmãos, despreocupados, saudáveis e limpos. Os pobrezinhos não podem ser bem tratados porque os pais passam o dia e a noite no serviço. Vivem quase sempre desejando o pão que que te sobra. A sua educação é falha e o seu futuro sombrio. Aos oito anos eles pensam na vida! Aos doze vão para a oficina!

Tudo isto, por que? Porque os poderosos que atualmente, devido à ignorância do povo, põem e dispõem da sorte dos que trabalham, aproveitam-se do que eles produzem, dão-lhes o indispensável para viver, e, em caso de protesto, prendem-nos!

Há ocasiões em que os trabalhadores já fartos de miséria, negam-se a trabalhar esperando que, desse modo, venham a conseguir um pouco mais de pão para seus filhos... Isto é a greve...

Sabes tu, generoso escoteiro, o que fazem os poderosos nesses dias? É o que acabam de fazer contigo. Vão enganar-te, vão mentir à tua candura de flor. Vão transformar-te de criatura amável e compassiva em crumiro, em inimigo dos humildes que pedem mais pão, em traidor!

Nós sabemos que tu não tinhas pensado nestas coisas, por isso não te queremos mal. Pensa agora. Se o fizeres guiado pelo teu puríssimo coração chegarás a compreender que os teus diretores abusaram da tua inocência e te obrigaram a um ato desleal, vergonhoso, desumano, em desacordo com os ensinamentos de tua Mãe compassiva e boa.

46

*Aos filhos do trabalho denominados obreiros*⁶⁷

• • • • •

Obreiros! Uni-te vos aos vossos companheiros, e trabalhai em progresso de vossa sociedade, trabalhai pelos vossos direitos e trabalhai para sempre serdes grande e fortes, porque o trabalho é que constitui o vosso ideal.

Se tiverdes filhos, fazei com que eles sejam trabalhadores, e que sempre se saibam guiar pelo caminho da virtude, da honra e da honestidade.

Poque esse é o caminho em que o obreiro deve-se guiar, e, desde então, sendo guiado por esse caminho, deve levantar a sua frente em transporte de entusiasmo, porque está cumprindo o seu dever, como verdadeiro filho do trabalho e do progresso.

Obreiros! Lembrai-vos sempre que o dever é o que temos de mais sagrado na nossa vida, porque aí encerra-se tudo, o Trabalho, a nossa honestidade, a nossa honra e dignidade.

Obreiros! Termino essas poucas linhas, esperando que vós sabereis guiar pelo caminho da virtude, sempre com esperança, sim esperança, poque a esperança é o que nos acompanha, desde o berço até aos últimos momento de nossa vida, esperando que nunca deixeis de cumprir o vosso dever, sempre trabalhando pelos vossos direitos e pela vossa sociedade tão bem constituída. E vos peço que recebaís essas poucas linhas, como um afeto que vos dedico, por serdes filho do trabalho.

67 - LIMA, José F. de. **A União**. Uruguaiana – RS. – Ano 01 – Nº 44 – Página 01 – 06.12.1919.

47

*As leis sociais*⁶⁸

Legislação sobre menores

• • • • • • • • • •

A comissão nomeada pela Câmara, para estudar a questão social e elaborar um projeto regulamentando o trabalho, continua nas suas tarefas, reunindo-se os seus membros quase que diariamente, empenhados todos em dotar o Brasil de leis que o resguardem de futuras comoções populares, como está acontecendo na Europa e em alguns países americanos.

Ao deputado Maurício de Lacerda pertencem as seguintes emendas já aceitas pela comissão:

– Os menores, de qualquer dos sexos, até a idade de 14 anos, não serão admitidos em nenhuma classe de trabalho.

– Os menores de 14 a 18 anos só serão admitidos, em qualquer oficina ou trabalho industrial, mediante certificado de frequência anterior na escola primária.

– Os menores a que se refere o artigo anterior, quando seu trabalho for indispensável à subsistência de ascendentes velhos, ou inválidos, poderão ser admitidos sem o certificado pelo mesmo exigido, sendo, porém, obrigado a frequentar na escola primária local, pública ou particular, nos termos da lei.

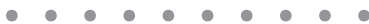
– O trabalho dos menores de 14 a 18 anos não poderá exceder de seis horas por dia, não consecutivas, com intervalo mínimo de uma hora de descanso, de modo que nunca exceda de cinco horas o trabalho total diário.

– A qualquer tempo, o Departamento do Trabalho poderá proibir o serviço ou trabalho ao menor que, mediante exame médico, revelar condição de saúde incompatível com o trabalho respectivo.

68 - (Não assinado). **A União**. Uruguaiana – RS. – Ano 01 – Nº 44 – Página 03 – 06.12.1919.

48

*Pelas criancinhas*⁶⁹



Pungente o desfilar de pequeninos esquifes, róseos ou azuis, atravessando a cidade, para o cemitério.

A mortalidade infantil é assombrosa: esperanças que se esfolham, aljofradas de lágrimas, deixando nos lares tristes a merencória saudade.

Os lares se despovoam; a alma das mães, toda carinho e meiguice, confrange-se na dor acerba. E àquelas, cuja fortuna única é o sorriso das criancinhas, miniaturado clarim de ouro, vibrando a alvorada da vida na miséria dos casebres, a Morte parece mais impiedosa, na majestade trágica. É que nem resta, às pobres mães paupérrimas, a consolação de todos os esforços envidados, de todos os recursos, o entezinho querido cercado de inadiáveis confortos.

Nada! Nada! Se elas só têm o frio, a dor, a fome!

Nada! Nada! Se elas só tinham o sorriso do filho, miniaturado clarim de ouro que a Morte estalou!

- Que recursos?

O ambiente rarefeito, negras paredes enfumadas, onde a mão avara do senhorio não airou nunca o conforto higiênico de uma brochada de cal.

A água morta nas cisternas fundas, sem arejamento, carregadas de pérfidos venenos, de detritos, mau grado o poderoso filtro que é a terra;

O leite, principalmente o leite, com pena adquirido, com inauditas economias de vinténs, com lágrimas, com esmolas; o leite que o organismo reclama, de milhões de micróbios contaminado, vendido em vasilhas de folha ou zinco, impuro, corrompido, ou pela fraude dos

69 - VELLOSO, Dário. **A Obra**. São Paulo – SP. – Ano 01 – Nº 06 – Página 08 – 10.06.1920.

leiteiros, ou pela insuficiência dos pastos de má qualidade, da água deletéria dos banhados.

E os esquifes passam, róseos ou azuis, levados que são por mãos de outras crianças, na luz indiferente, caminho do túmulo.

Certo, D. Morte é natural, mesmo simpática, e mesmo piedosa... Mas, tudo tem seus “qq”...

As máquinas se gastam pelo uso; e o organismo humano é máquina. Mas, o razoável é que esse maquinismo funcione um século.

Arrebatam, assim, uma criancinha, em toda a vitalidade; ou uma donzela no frescor de quinze primaveras; ou um rapaz, ou um homem, ou uma senhora... é iníquo. Justo é, somente D. Morte se apodere das carcaças, já corroídas pelo atrito dos anos.

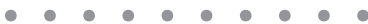
E D. Morte está, em “saque mate” ainda não; porém, “xeque”: de torres, Dama e cavaleiro: Os filhos do divino Esculápio que era filho de Apolo, ganham terreno, dia a dia; e sobre D. Morte, neste ou naquele arriscadíssimo, perigoso lance, vão levando vantagem.

Não conseguiram ainda, como é corrente, o velho Pai fazia, ressuscitar os “mortos”; dos vivos, entretanto, é grande o número abandonado em campo pelas cortes da Rainha Negra.

Quem sabe, muito breve, nesta boa terra, seja D. Morte repelida do “Vale de lírios” da infância, onde se apraz, infatigável, ceifando criaturinhas.

49

*Grave e imoral*⁷⁰



Tivemos conhecimento, ao mesmo tempo que a polícia da cidade, de que o sr. Carlos Kerim, mestre geral da Fábrica Sarmiento, seduziu e desonrou uma menor operária daquela fábrica.

Este é o terceiro caso aí verificado.

O sr. Carlos é casado e mantém as suas duas primeiras vítimas nesta cidade, pomposamente, afrontosamente.

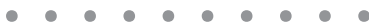
Não podemos calar a nossa indignação diante de semelhantes fatos, e mais nos indigna e mais nos revolta o fato dos diretores daquele estabelecimento manterem no exercício do mesmo cargo, – como prova acaladíssima de menosprezo à reputação das centenas de moças que aí trabalham diariamente – o mesmo sr. Provadamente indecente, cinicamente imoral, inconveniente e indigno de se aproximar de uma donzela pundonorosa.

Urge que se ponha um paradeiro a tão grande ultraje!

Estamos para dizer que os srs. da Fábrica Sarmiento não haviam de gostar que filhas suas trabalhassem às ordens de um sedutor contumaz, e forçoso é confessar, perante as consciências puras – tanto vale a honra de uma moça pobre que se esalfa num trabalho insano para alimentar os que lhe são caros, com a honra de uma moça que goza a vida através do luxo e dos prazeres e cujo pai possui automóveis, possui fábricas e possui dinheiro em quantidade bastante para prodigalizar-lhe tratamento.

70 - (Não assinado). **O Proletário**. Órgão da Federação Operária Mineira. Juiz de Fora – MG. – Ano 01 – Nº 21 – Página 03 – 24.10.1920.

50
O conto da revista⁷¹
Do natural



Acabava a minha refeição quando um pequenito, esfarrapado, descalço e macilento, entrou timidamente no modesto restaurante, volteando nas mãos sujas e magras a sua boina esburacada e sebenta.

Havia sobre a minha mesa, uma travessa com uns restos de carne. Ao ver o ávido olhar que ele lhe lançou, coloquei-a na sua frente, com um pouco de pão.

Ele agradeceu e pôs-se a comer, d'olhos baixos, sofregamente...

De súbito, porém, pousou o garfo, pareceu refletir e acabou por meter os últimos bocados de carne no pão que lhe sobrava...

– Não tens fome? - perguntei-lhe.

Ele fez que sim, com a cabeça. Tinham os seus olhos negros e profundos, uma expressão de intraduzível tristeza...

– Então, - tornei eu, porque não comes?

E o pequenito, simplesmente, docemente, retorquiu, olhos nos meus, num fio de voz:

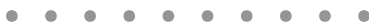
– É pra minha mãe...

71- BACELAR, José. **Revista Liberal**. Estudo e crítica social - Livre pensamento - Racionalismo. Porto Alegre – RS. – Ano 01 – N° 04 – Página 02 – julho de 1921.

51

*Consequências da guerra*⁷²

O martírio da infância



Segundo os cálculos mais aproximados, fornecidos pelo Comitê de Socorro à Criança, há na Europa 13 milhões de crianças que se encontram na dura condição de não prosperar um só dia de vida normal.

Sem parentes, sem abrigo, sem teto e, algumas vezes, sem pátria, os acontecimentos levam-nas de terra em terra, numa terrível peregrinação.

Impossível sopitar um frêmito de revolta contra os causadores de tão espantoso martírio imposto às inocentes criancinhas lançadas no roldão de uma vida tão tristemente desgraçada.

Não há expressões que definam ver a caravana infantil, numa verdadeira odisséia de miséria, que passa procurando o que jamais encontrarão as pobres crianças, - a doçura do conforto que só a família proporciona.

Os espíritos positivos, os que veem as coisas com clarividência e na exposição rude da realidade, as suas terríveis consequências, preveem que desse fato, a Europa, que perdeu milhões de braços, sentirá a falta desses futuros produtores, em anos não remotos.

Na França, o dr. Calmette assinalou já que, nas regiões libertadas, porém, ainda privadas de vacas de leite, de forragens e abrigos suficientes, as crianças que foram privadas do necessário, durante as hostilidades, se tornarão raquíticas, franzinas, delicadas, se uma pronta assistência lhes não for oferecida.

Na maioria dos países que provaram da guerra, a situação, neste ponto, é atroz, e constitui uma grande ameaça ao mundo inteiro, 72- ARQUIMEDES. **Revista Liberal**. Estudo e crítica social - Livre pensamento - Racionalismo. Porto Alegre – RS. – Ano 01 – Nº 06 – Página 13 – outubro de 1921.

influido nefastamente na sua potência econômica, já atingida pela cruel hecatombe e pela ruína.

Todos os povos civilizados devem encarar a situação infantil da Europa, procurando socorrer as crianças famintas.

Mesmo para aqueles que só veem nos filhos do povo, pasto de oficina e carne de canhão, abstraindo da questão sentimental, a questão primordial é a salvação de um grande capital humano, que, mesmo pelas razões de egoísmo, urge que seja salvo.

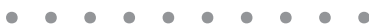
A senhorinha Reverchon, que exerce as funções de tesoureira do Comitê de Socorro à Criança, recebendo um jornalista francês, disse-lhe:

Precisamos salvar 13 milhões de membros da futura sociedade. Ninguém de fora pode imaginar a extensão da miséria infantil da Europa: é indescritível, grande demais para ser significado com palavras.

O martírio de 13 milhões de crianças, em pleno século 20, ultrapassa a hipotética matança dos inocentes, com que os católicos pretendem realçar a crueldade dos perseguidores de Cristo.

Os vindouros não terão anátemas suficientes àqueles que concorreram para tornar a nossa época merecedora da execração humana!

*Pelo futuro das crianças do povo*⁷³



O regime capitalista corre velozmente para as profundezas do abismo, onde não mais se reerguerá, para felicidade da espécie humana. Chegamos ao mais alto desprezo por aqueles a que os revolucionários russos chamam - as flores da vida - as crianças. Hoje, em todos os países do sistema burguês, os fios telegráficos, as revistas, mesmo os jornais burgueses, nos relatam as condições péssimas e miseráveis em que vivem as crianças. Na Europa, pelo menos, devido as condições da última guerra, outra coisa não poderíamos esperar em proveito das crianças.

Vamos, agora de relance, lançar as nossas vistas sobre o futuro da criança aqui na Bahia. É uma miséria geral nos filhos dos operários, causando compaixão até aos corações mais empedernidos! O povo baiano, que se ufana de *religioso e caridoso*, nos deixa transparecer a sua farsa diante da nossa observação. Tudo isso não passa de um requintado egoísmo das classes que nada produzem, com o fito de passar por benfeitora daqueles a quem exploram. Quando, nos dias de *esmolas*, nos conventos e nas igrejas, vemos meninos seminus, com latas, recebendo migalhas, juntamente com velhos depauperados. Uns que esgotaram suas energias, construindo riquezas e que hoje recebem, como recompensa, as sobras que lhes atiram; outros que vão entrando na vida para o mesmo fim... Mas, se as religiões são baseadas no sofrimento e na dor, dizem eles, tem que ser assim mesmo!...

Por isso, esta Bahia religiosa, e os poderes que a compõe, se tornam indiferentes a tantas desgraças.

73- MARINHO, E.. **A Voz do Trabalhador**. Órgão das classes proletárias da Bahia. Quinzenário de propaganda socialista e defesa do proletariado. Bahia – BA. – Ano 02 – Nº 33 – Página 02 – 16.09.1922.

Mas, em grande parte, nós, os operários, somos os principais culpados, por não termos erguido a nossa voz, baseados na união de classe, conquistando o necessário para melhorar a sorte dos pequenos, que não podem ter reponsabilidade do seu nascimento.

Não é colocando o mesmo em oficinas, muitas vezes entregue a um mestre grosseiro e sem educação, só querendo vingar-se na criança o que outrora lhe fizeram seus mestres.

Nós, os operários modernos, não devemos seguir estas normas retrógradas, pois as nossas luzes deverão ser mais claras, mais positivas e mais justas. Nós, os precursores deste século grandioso, devemos tudo fazer pela Era Nova, mãe querida do “Amanhã Social”.

Organizemo-nos nos princípios sindicalistas, princípios de ação e criadores de energias, de conquista e bem estar, para nós e nossos filhos.

Operários de todas as profissões, não deixeis que os vossos filhos venham a ser os escravos desta sociedade sem coração e sem entranhas, por culpa dos pais que, muitas vezes, não têm coragem para conquistar melhorias dos patrões, deixando essa falange de crianças, de ambos os sexos, morrerem de miséria moral, física e social.

Aqui, por exemplo, tornou-se ao alcance de qualquer *pé rapado* tomar as filhas de operários com os pretextos de *ensinarem* trabalhos domésticos, outra coisa não faz senão carregarem os filhos dos burgueses, pelas ruas da cidade, de sacola ao ombro, enquanto aquelas que os geraram, durante os nove meses, se desdenham em carregar aquilo que conceberam.

Quem não tem filhas de operários como criadas aqui na Bahia?!
Só quem não quer.

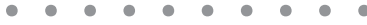
E tudo isso por nossa culpa. Agora, vejamos os filhos dos burgueses: todos, desde tenra idade, bem nutridos, bem abrigados; alguns deles, ou na sua maioria, aos 10 anos, tocam piano, bandolins e outros instrumentos, etc.

É daí que vêm nascendo os *luminares*, os herdeiros da natureza, os privilegiados para a vida; futuros donos do mundo e das coisas e, conseqüentemente, dos esforços dos proletários do mundo. São estes, pois, que desejam a perpetuidade secular de todas estas angústias dos homens, mulheres e crianças que nasceram para a vida, como todos os outros, e não somente para serem encerradas nas fábricas, ou melhor, nas bastilhas burguesas, outros nos fundos de padaria, outros vendendo jornais pelas ruas, vendendo pirulitos, doces, etc. Façamos todos um esforço gigantesco, pela nossa união consciente, onde se não deprea aos nossos olhos, estes crimes, que vêm degenerando a espécie humana em proveito único e exclusivo das classes capitalistas. Se queres melhorar a tua sorte, e dos teus filhos, eis o caminho.

Avante, pois.

53

*Em pós o Oriente social*⁷⁴



Quando surge o grande astro, quando rasga mil nuvens e aparece ufano, espalhando raios purpúreos que se refletem nas águas de um oceano imenso, onde gaivotas pipilando parecem despedir os barcos que se afastam; e se reflete nas águas do pequenino regato, que entre seixinhos murmura canções ou entoia murmúrios; e criva de diamantes as plantas orvalhadas; e acorda a passarada que voando corta os ares e trina alegremente, nessa hora, quando tudo parece transbordar alegrias, quando a natura é toda festança, levanta-se uma enorme multidão de seres, famintos e rotos, e se afasta dos seus casebres onde falta o pão e a alegria, e se dirige atravessando as ruas para as fábricas, oficinas ou campos, onde é explorada.

São homens, velhos, mulheres e crianças a formar uma legião, que arrasta há muitos séculos, martírios mil, numa terrível escravidão.

São os párias e os escravos de outros tempos; são os obreiros, os pobres de hoje; são os famintos, e sempre, de todas as épocas.

Em seus rostos demarcados, lê-se a horrível história de sua existência, arrostam pesadas algema, suportam o peso de uma grande opressão; e seus dorsos são encurvados e os seus rostos refletem dores, muitos martírios, muita amargura e muito sofrimento; seus olhos contam lágrimas derramadas, e seus corações, esses não se vêem, não se mostram para contar, uma a uma, suas angústias, seus desesperos.

Quantos não ansiarão o sossego das selavas, para longe das vistas humanas, dar expansão a sua grande amargura; quantos não desejarão, no silêncio lúgubre dum cemitério, desabafar seu sofrimento; e quantos

74 - SOARES, Angelina. **A Voz da União**. São Paulo – SP. – Ano 01 – Nº 08 – Página 01 – 04.11.1922.

ainda, com um resíduo de energia, num acesso de desespero, não ansiarão o esfacelamento do planeta, a destruição do gênero humano!

E lá vai a plebe, a grei dos famintos, a legião dos descamisados, a multidão dos maltrapilhos.

O Sol surgiu lá no horizonte, luminoso, belo. Acordou a passarada; refletiu-se nas águas, espalhou mil raios pelas selvas, pelas matas, nas praias, nas cidades, nos campos.

E a grande massa dos que sofrem, segue taciturna para o trabalho, com o rosto demarcado e encorpado de dores.

Pobre gente sofredora! Para ela, ainda não surgiu o Sol; ainda não lhe aqueceu a alma.

54

*Cães!*⁷⁵



Por duas vezes se repetiu já a tragédia da fábrica de tecidos do benemérito sr. Penteadado.

A reprise prevê novos sucessos para o futuro: mais crianças, mais jovens imberbes para serem estraçalhados pelos cães policiais, a guarda de honra dos interesses do famigerado explorador.

Mais carne para as fábricas; e carne moça, porque a carne velha dos anciãos está podre, em decomposição, e não mais produz: mais carne adolescente para ensaio dos cachorros, para alimento, pois a carne de boi não é tão suculenta como a humana.

Sófocles devia viver a nossa época para encontrar motivos para suas tragédias; Ésquilo saberia, desta tanta miséria, achar o novo Zeus: o capitalismo; e o novo Prometeu acorrentado: o povo trabalhador.

Mas Sófocles e Ésquilo seriam, como nós, perseguidos pelos homens-cães, ou despedaçados pelos cães de verdade.

Que diferença há entre os cães do explorador Penteadado e os cães da guarda branca? Nenhuma: ambos inconscientes, ambos perversos, astutos, educados na escola da maldade. Mas mordem, estraçalham, prendem, maltrataram; e todos defensores noturnos da propriedade privada.

Mas o objetivo não é este. O objetivo desta não é verificar se o cão tem o privilégio de fazer salsicha de urna criança ou um polícia receber dinheiro dos proprietários para perseguir trabalhadores, senão o de despertar alguém que dorme em cima dos teares, nas fábricas, nas oficinas, nas construções, nos campos, em toda a parte onde há um

75 - (Não assinado). **A Voz da União**. São Paulo – SP. – Ano 01 – Nº 08 – Página 02 – 04.11.1922.

vestígio de exploração; e esse alguém é o proletário, o homem que nada possui, produzindo tudo.

Clamar constantemente contra determinado regime de horário e de salário; contra certas disposições disciplinares nas fábricas, nas oficinas e nas ruas; contra os cachorros a guardar as fábricas, com perigo de vida para os trabalhadores, é triste, é lamentável, é covarde. Porque clamar foi de épocas absurdas; em tempos em que as consciências humanas esperavam, do altíssimo, as grandes justiças e as liberdades.

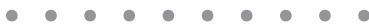
Necessário é que a classe trabalhadora tome novos meios de vida na salvaguarda dos seus interesses, impedindo os fatos imperativos quotidianos e os desastres diários, como o que registrou esta última semana rubra.

O proletariado deve zelar pelos seus, pois que, zelando, cumpre consigo mesmo, e com a humanidade.

Enfrentando o patronato e as classes dirigentes, pela abolição do salário e da propriedade, os trabalhadores hão de adquirir os bens que a burguesia usurpou, acanhalhou e emporcalhou.

55

*Devorado pelos cães*⁷⁶



Por duas vezes se repetiu já a tragédia da fábrica de tecidos do benemérito sr. Penteadado.

O título macabro, que encima estas linhas, mais parece de uma cena selvagem, passada no silêncio insondável dos matagais. Mas, a triste realidade não é de uma tragédia no seio recôndito das florestas; mas numa cidade populosíssima como é S. Paulo, e que se diz civilizada. Um pequeno operário foi estraçalhado pelos cães, dentro da própria fábrica em que alugava seus tenros braços à ganancia da burguesia ladravaz.

Belezas da carcomida e desequilibrada sociedade atual, baseada na exploração do homem pelo homem; prêmio da indiferença proletária pela própria sorte; indiferença sim, porque, infelizmente, não foi esse o primeiro mártir da desumanidade patronal.

Não faz muito tempo, na mesma fábrica, os mesmos cães dilaceraram outro menor, sem que da parte dos interessados surgisse um protesto que fizesse aos proprietários retirar da fábrica não só os cães, mas também o guarda que, com visível desprezo pela vida de seus semelhantes, solta a matilha antes de passar revista na fábrica.

Desta vez, porém, um punhado de operários conscientes bradou alto a sua indignação. E logo os diretores da fábrica manhosamente propalaram que tinham sido retiradas cinco feras, das oito que montavam guarda, á rapina dos exploradores; vem isto sobremodo provar que esses biltres sabem quanto pode a consciência proletária, e quanto eles temem a explosão da revolta da eterna besta de carga.

76 - MALHADAS, Umbelina A.. **A Voz da União**. São Paulo – SP. – Ano 01 – Nº 08 – Página 03 – 04.11.1922.

À segurança dos operários que trabalham naquela fábrica; à tranquilidade das mães proletárias e à dignidade proletária, importa, não a retirada de parte da matilha, mas de todos os cães, inclusive, guarda e diretores, a quem a perda de uma vida em tão trágicas circunstâncias não serviu de lição para terem mais respeito, pela vida dos operários; do contrário, será possível que tais infâmias se repitam, para vergonha da consciência humana em pleno século XX.

Mães proletárias, que o meu grito de revolta encontre eco em vossos corações.

Movimentemo-nos em defesa dos entes que nos são caros. Velai pela segurança de vossos filhos, entregues à rapacidade dos exploradores. Protejamos a humanidade de amanhã, tão cedo arrancada à preocupação da infância, e aos cuidados maternos, para ser lançada à engrenagem brutal das máquinas e à ferocidade de cães bravios.

Protestemos, para que não mais uma mãe proletária passe pela dor cruciante de ver um filho, que viria a ser seu amparo na velhice, devorado pelos cães de guarda da canalha dourada.

56

*Para crianças...*⁷⁷



Cada dia que passa, mais se procura cercar de conforto as crianças, criando-se, adotando-se cousas que lhes são indispensáveis.

A Inglaterra é, pode dizer-se sem temor de exagerar, o país onde mais se olha para as crianças e mais se cuida da sua educação.

O carro para *bebês*, movido por um motor a gasolina, é a última novidade inglesa. Deve-se ele a um operoso súdito de Jorge V, que havia algum tempo, vinha procurando proporcionar às crianças um veículo em que pudessem passear, livres da monotonia dos carros que as *nurses* cuidadosas guiavam.

Aí está o “carro-*baby*” como ficou sendo conhecido.

O pequeno motor é acionado por uma roda *extra*, colocada na parte traseira do veículo e, em cada um dos lados dessa roda, foram postos descansos, de sorte que a *nurse*, montando neles, pode guiar o carro servindo-se, para pô-lo em movimento ou para pará-lo, de uma alavanca semelhante às usadas nos automóveis.

O interessante veículo desenvolve uma velocidade de quatro milhas por hora e foi construído de tal maneira que a vibração e o barulho produzidos pelo motor, não incomodam e muito menos conseguem despertar as crianças.

OO

77 - (Não assinado). **Careta** – Rio de Janeiro – RJ. – Ano 15 – Nº 751 – Página 11 – 11.11.1922.

Aprender, brincando

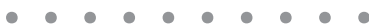
As crianças já podem aprender os símbolos aritméticos por meio de um pião, o qual, na sua superfície, tem duas séries de figuras, como mostra a gravura, encimando pequenos orifícios a elas correspondentes.

No interior do pião, duas pequenas esferas de aço giram sob os furos numerados, parando, quando o pião cessa de mover-se, embaixo das aberturas exatas.

Por meio ainda de um indicador, que se movimenta livremente no *cabo* do pião, os números indicados poderão ser, então, somados, subtraídos e multiplicados, ou divididos, desde que se possa realizar esta última operação.

57

*Novo ano*⁷⁸



Ao Centro
Feminino de
Educação de
S. Paulo

Finda o ano. Dezembro é como um despedir das coisas velhas, que já se foram. É, para nós, um desprender de angustiosas recordações.

Talvez a efeitos de costumes adquiridos, da rotineira educação, sentimos, como toda a gente, entusiasmo, esperança, de melhores dias ante o advir do Novo Ano que se nos depara como a risonha alvorada de uma Nova Era.

Dezembro é o passado; mais um ano que finda. Por isso, quando o ano morre, ante o florescer de janeiro, erguemos por momentos nossa alma das **torpezas** da realidade, elevando-a entre quimeras e nos sentimos também qual criancinhas, entusiasmados na contemplação dos cartões onde figuram carrinhos ou cestas cheias de flores.

Sonhamos com flores, muitas flores, para ornar as cabecinhas, os cabelos revoltos de todos os pequeninos seres que adoramos, da mamãe, da irmãzinha, dos amigos que estimamos!

Puerilidades às que nós acolhemos para amenizar as agruras de nossa vida; quimeras onde vagueia o espírito, dulcificando nosso viver, dando-nos uma pequenina alegria.

Doces ilusões que se abalarão, que findarão, ante a realidade implacável, cruel, tormentosa como sempre, ante os quadros vivos da miséria e da fome.

Os pequeninos seres, essa criançada que adoramos, esses entesinhos que sonhamos lindos, felizes, não os veremos, não, louros,

78 - SOARES, Angelina. **A Voz da União**. São Paulo – SP. – Ano 01 – Nº 10 – Página 01 – 01.01.1923.

graciosos, com os cabelos ornados de flores, ou repousando em berços onde rosas, cravos ou angélicas farão harmonia com seu doce sorriso; não as veremos a correr pelos campos entre os rebentos das plantas silvestres, mas, com a face pálida, onde se imprime uma precoce seriedade oriunda do pesar intenso, descalços, com as vestes esfarrapadas e sujinhas a deslizarem pelas ruas, como em fúnebre cortejo em demanda de um lugar onde se possa adquirir um pedaço de pão!

É triste, muito triste, que as crianças precisem ganhar o pão!

A alma da infância de hoje, desses homens do futuro, não é esculpida com o carinho, os mimos, os cuidados de entes carinhosos e queridos, mas plasmada torpemente pelo açoiar da miséria, que com seu cortejo de fome, frio e abandono, atira-a à indignidade do roubo, da mendicidade, mutilando-a, entorpecendo-a. Triste infância, tristes filhos da miséria, obrigados desde tão cedo a encarar a vida, não com a despreocupação, o sorriso e a garrulice próprias da idade, mas com sentimento, como um castigo, como um peso terrível, insuportável.

Janeiro, como dezembro, nada representa para os pequeninos filhos da desgraça; as flores, as venturas só existem para os abastados e nos cartões de boas-festas ou nas momentâneas quimeras, em nossas ilusões. Nos casebres pobres não há flores. Para as casas da miséria não existem alvoradas joviais.

Por isso, quando nossas mentes sonharem venturas para a humanidade, quando nossos corações anseiem mil felicidades para o mundo e, a contrastar com nossas ambições, se erguer a realidade brutal, teremos compreendido a necessidade de lutar pelo advento de um regime onde a felicidade para os seres humanos não seja simplesmente um sonho.

Saudemos janeiro, com entusiasmo, com ardor! Entusiasmo e ardor que servirão de estímulo para lutarmos, muito, muito, por nossos ideais, no transcorrer do Novo Ano!

58

Carta do Meu “vovô”⁷⁹



Tu, meu caro “vovô”, companheiro de ideal, não podes mais arrogar-te o direito de ser o meu padroeiro espiritual. Nunca te aceitei como tal; porém, ante a tua classificada atitude de roteiro de minha consciência, não posso senão dizer-te aquilo que sinto, que penso, que desejo manifestar. Sabes por quê? Porque representas, atualmente, na nossa propaganda, o curioso fenômeno da retrogradação mental, algo minuetista, e o que é mais, em pleno século das luzes, a idade dos trogloditas.

Perante a minha negação de submeter-me aos teus princípios já caducos nesta nova era de subversão dos valores sociais contemporâneos, cognominaste-me de: criança! Bem, meu “vovô”.

Terno ainda estou a cantar a idade de abril. Gosto muito das flores, do amor e da poesia. Mas, o amor da idade florida da infância não me impede meditar nos fastos figurativos da inteligência através sua história, julgando-os pelo que realmente são e forem.

A tua mediocridade, meu velhinho, é garantida pela mais ampla liberdade de expansão. Nem por isso, palrador de sonoridade abaritonada, as diversas modalidades da vida e do ideal, se podem avaliar pelo que tu dizes. Não te acredito, porque as árvores que dão frutos preciosos valem por eles e não pela erva daninha que emaranha o seu tronco. Tu és a representação do passado; o passado se esquece por morto; a minha “criancice” é a notabilidade do porvir, a esperança, a vida, a revolução.

A minha idade de “criança”, que aceito, analisa tuas exposições,

79 - CRIANÇA. *A Voz da União*. São Paulo – SP. – Ano 01 – Nº 10 – Página 02 – 01.01.1923.

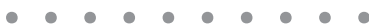
expõe as tuas análises, critica teus argumentos; argumenta tua crítica, perfilhando, em ti, apenas, o teu emulacionismo de ordem pessoal e subalterno.

A minha “criancice”, meu querido “vovôsito”, não permite que em nome de teus lágrimas senis — o que é vergonhoso — faças o alarde de toda a tua obra de antigo soldado combatente das ideias. Levo em conta os teus sacrifícios. Porém te renuncio desde o começo da tua apostasia, da tua claudicância, porque o estado de cultura e moral da nossa época não mais se coaduna com os caducos princípios que representas de uma liberalidade irritante.

Porque já não pensas, não queres que o teu “neto” pense diverso de ti. E é por isso que procuras todas as oportunidades para lhe bateres. E eu, então, meu “vovôsito” amado, te desculpo e te perdoo, pois quem te manda, quem te governa, quem te dirige, é a disciplina do atavismo.

Teu “neto”
CRIANÇA

Uma “enquete” sobre o trabalho dos menores⁸⁰



Acaba de fundar-se em Hakov, Ucrânia, a “Associação Científica para o Estudo do Trabalho de Menores”, cujo fim, como claramente se depreende do próprio nome, é estudar as condições de trabalho dos menores nas fábricas e oficinas, sob todos os aspectos.

Como a Associação quer fazer um quadro comparativo dessas condições de trabalho em todos os países, endereçou ao “Laborista Esperantista Grupo” o questionário que publicamos a seguir.

A sua publicidade equivale a um pedido aos camaradas e às Associações de todo o país para que se esforcem no sentido de responderem e endereçarem as respostas para o “Laborista Esperantista Grupo”, à rua Camerino, 16, Rio de Janeiro.

Assim procedemos para que as informações por nós sejam fidedignas, baseadas em fatos concretos, em realidades, e não fantasias, porquanto todos os relatórios dos diversos países serão publicados ulteriormente.

Eis o questionário:

1º – Com que idade são admitidos os menos ao trabalho?

2º - Quantas horas trabalham por dia? Variam as horas segundo a idade?

3º – Há leis que obriguem os patrões a educar e instruir os menores de ambos os sexos? Se há, quais as formas e amplitude da instrução?

4º – Existem, de fato, escolas para os trabalhadores

80 - DA SECRETARIA DO L. E. G.. **A Plebe**. São Paulo – SP. – Ano 06 – Nº 217 – Página 04 – 01.09.1923.

jovens? (Nas grandes ou pequenas fábricas) (escolas primárias, secundárias, complementares, etc.).

5º – Que espécie de ensino é ministrada? Será em geral “Lições de Coisas”?

6º – É permitido aos menores irem à escola durante as horas de trabalho? Quanto tempo?

7º – Esse tempo gasto no estudo é pago? Por quem?

8º – O ensino prático (aprendizado) nas oficinas é metodizado, obedece a um determinado programa, ou os aprendizes são desviados ora para um, ora para outro serviço?

9º – Há alguma coisa que proteja e defenda o trabalho e a saúde dos menores?

10º – Têm tabela fixa de salário? Quanto? Qual o seu salário efetivo em confronto com o dos trabalhadores adultos?

De desejar seria que os camaradas enviassem programas e planos de escolas principalmente técnicas, ou ainda mais algumas informações que julgarem dignas disso, no menor prazo possível.

Da Secretaria do L. E. G.

60

Comentários...⁸¹

Infeliz criancinha!

• • • • • • • • • •

Início hoje esta seção com o seguinte recorte de um jornal burguês:

Dá-se uma menina de 07 anos de idade, com papeis passados. Só se dá à família rica; pobre é escusado procurar que não se dá.
Av. Tiradentes, 120.

Ignoro quem seja o responsável por esse crime: se os pais da desventurada pequena, ou se outros que a criaram até à idade mencionada. O que sei dizer é que o anúncio acima, quando o li, me causou revolta, seguida de uma intraduzível desolação. Senti-me como que em presença de um quadro horroroso, desumano, brutal. E, num momento de reflexão, disse de mim para comigo: – pais desnaturados, almas desfibradas, criaturas sem entranhas, que expõem em anúncio como objeto de venda ou oferta, como traste de leilão, como um cão qualquer, uma inocente criaturinha – flor entreaberta, lírio em botão, que não tem a ventura de conhecer um coração que a queira, que a ame, que a idolatre com todo o ardor, com todo o frenesi de um coração de mãe, com toda a vibração de um coração de pai!

Que será de ti, que será de tu futuro na companhia e com uma educação recebida de estranhos, sem os ternos carinhos dos lábios maternos! Que será de ti, se chegares à idade em que o cérebro começa a compreender, a discernir, a desabrochar para a vida, – tu que poderás dizer que nunca soubeste o que foi, o que é o amor de mãe!!...

Pobre criaturinha... Nasceste e já tão cedo comesas, embora

81 - ATOM. **A Plebe**. São Paulo – SP. – Ano 06 – Nº 220 – Página 02 – 13.10.1923.

inconscientemente, a provar o cálix da desventura, a solidão do abandono, o desprezo dos pais.

Malditas sejam essas criaturas, cujos corações devem se assemelhar a pedra na sua fria insensível rigidez, que te abandonam e de levam à mais cruel das infelicidades, tornando-te enjeitada.

61

*Eu penso assim*⁸²



Se os trabalhadores soubessem dizer e escrever o que sentem!

Ó burguesia! Como essa leitura vos escaldava a vista. E esses jornais, esses folhetos, esses livros, vos queimariam as mãos! É já vendo por este prisma que vós não lhe deste, nem lhe quereis dar esse direito.

Mas não faz mal!

Os homens, por maiores potentados que sejam, por mais que exerçam leis opressivas sobre os trabalhadores, jamais em tempo algum poderão contrafazer as leis da Natureza!

Pois bem, as leis da Natureza determinam que o homem se eduque para se ajudar e respeitar mutuamente uns aos outros.

Todos os homens que pensam como eu é porque a Natureza determinou que assim pensassem.

Não temos instrução necessária para nos expandir, porque vós não quereis dar esse direito. Mas ele há de ser conquistado por nós, porque as leis da Natureza assim o querem!

Olha para as evoluções da Natureza, desde a era de Cristo, e depois me dirás se é ou não verdade o que eu penso.

Por mais leis opressivas que empregueis sobre nós, por mais entraves que nos ponhais, nada vale tudo isso.

Repara bem o Progresso, é um carro sem freio, que corre vertiginosamente, e jamais alguém o impedirá na sua marcha vertiginosa! Não vês que eu ainda só digo uma parcela do que penso, porque não sei expor tudo o que sinto, e tu já sentes queimar-te o cérebro, e já mostras manifestações de loucura, querendo cometer sobre mim toda a espécie

82 - PEREIRA, José Maria. **A Voz do Fundidor**. Rio de Janeiro – RJ. – Ano 01 – Nº 02 – Página 02 – 18.06.1926.

de represálias e de opressão! Até ao ponto de me desejares encerrar num imundo cárcere, julgando assim fazeres parar o carro triunfal da Evolução! Tira-te dessa ilusão porque tens mais cultivo mental do que eu, para veres o cataclismo que te rodeia!

Pois bem, não vês o Oceano que sendo tão humilde, se torna tão bravo, quando o vento lhe sopra! E quanto mais o vento sopra, mais se mostra enraivecido, parecendo querer destruí tudo quanto nele existe? Seria talvez, a Natureza que determinou que o vento não tenha razão de existir no Mar?

Eu acredito que foi pela razão que a Natureza ensinou ao homem fazer a navegação a vapor. A razão do vento não existir no mar!...

É a razão por que o mar se revolta quando o vento o oprimi! Ora, determinando a Natureza que o homem deve ser educado, tu tirar-lhe a educação, ou, por outra, não lhe dás o direito [de se]⁸³ educar, como a Natureza o determinou, não há razão do trabalhador se revoltar da mesma forma como o Mar? De certo que sim!

Pois bem, vês que se o trabalhador fosse educado, a ponto -----
-----, há muito te ti----- chicote!

-----falta de instrução, que mais adiante exporei; agora vou te mostrar um exemplo, o qual, de certo, já o sabes melhor do que eu. Quando digo que és mais inteligente, quero dizer que tens mais cultivo, porque inteligência também eu posso ter. o que tu tens é dinheiro (que ao trabalhador pertence) para cultivar melhor tua inteligência, o que não posso fazer; mas o teu dinheiro não chega para comprares inteligência! Mas, no entanto, chega para comprares a consciência daqueles que empregam a inteligência em tua defesa e contra a razão que só a nós assiste. De mais, sabem eles que a razão

83 - **Nota do Org.:** página danificada. Depreendi as palavras, inseridas entre colchetes, pelo espaço entre as palavras da linha e o sentido da frase. Todas as palavras entre colchetes seguem o mesmo sentido. Outros trechos da página estão danificados. Deixei os indicativos com traços.

está do nosso lado, mas vendem-se ao teu ouro! São uns miseráveis! De nada vale a inteligência, pois que a vendem! Essa inteligência é tão corrupta como o amor da prostituta, que vende seu corpo pelo vil metal!

Quereis ver como o professor vende sua consciência? Escuta!

Nasceram dois seres humanos ao mesmo tempo, um filho de um burguês, outro filho de um operário; o primeiro é um cabeça de burro, como em geral se diz (porque há burros inteligentes), o segundo começa logo de criança mostrando que é inteligente!

Vão os dois para a escola; o pai do primeiro mandou no dia de anos do professor um peru de presente; todas as noites se juntam no Club, e uma ou outra noite convida-o para ir ao teatro, dando-lhe um lugar na frisa que tem permanente no teatro da Ópera! Como toda a família está reunida, o professor mesmo ali vai dando lições ao aluno.

Mas a criança nunca lhe entra nada na cabeça, talvez com o cérebro avariado, devido ao pai ser um alcóolico, ou um sífilítico; no entanto, o professor na escola nunca deixa de ter junto dele o discípulo rico.

O segundo, como o pai não tem ouro, nem talvez cama para dormir, o professor nem dele se lembra. No entanto, (a criança vai pintando bonecos no livro e contando histórias ao companheiro, apanhando moscas que pousam sobre a carteira, tirando-lhe as asas. Com os bonecos que vai pintando, mostra que é inteligente. O pai vendo que o filho não aprende cousa alguma e precisando dele para ajudar as despesas de casa, o coloca numa oficina imunda, dessas que por aí há, de onde a criança sai tuberculoso e um perfeito analfabeto.

Quando poderia ser um homem útil à sociedade!

No entanto, o primeiro, o pai, tem ouro, que tem sido ganho a custa do suor do pai do segundo, segue nos estudos com ajuda dos presentes ao professor, note-se que é um cabeça de burro, mas o ouro do pai tem que o fazer um intelectual, custe o que custar.

Lá está o outro condiscípulo dele, já trabalhando na oficina a ganhar o dinheiro para o primeiro continuar com os estudos, e depois vai ser uma vítima dele ainda. No entanto, o primeiro faz exames e forma-se [como um] médico; já está autorizado [at]é a matar uma pessoa se lhe apeteecer. Mas a humanidade é que vai ser a vítima dessa inteligência, à força de dinheiro e não por capacidade própria. Agora, pergunto eu, se o segundo fosse aproveitado pela sua inteligência, a sociedade não era mais feliz?

Nós, os trabalhadores, somos as vítimas do ouro, e eles, neste ponto de vista, também são umas vítimas deles mesmos!

Mas nós é que não temos nada com eles, como já disse, têm mais cultivo mental do que nós para ver o cataclismo que os rodeia. E vai-se aguentando essa cambada de médicos, engenheiros e assim sucessivamente. Eu já trabalhei com um engenheiro que me perguntou qual era a contração que podia ter uma chapa de um metro! Pois eu disse-lhe que não sabia, e ele não soube a medida que havia de dar ao modelo. Isto é um engenheiro mecânico! Agora se a instrução fosse em comum, e não o monopólio que é, não era a humanidade mais feliz? A ciência não tinha tantos erros como tem, com certeza! Não quero dizer com isto que na sociedade capitalista não haja inteligência! No entanto, na classe trabalhadora anda muita inteligência incógnita que podia ser mais útil à sociedade.

Por isso eu digo que a instrução na sociedade atual é um monopólio! O trabalhador tem uma parte nas culpas porque deve desprezar os botequins, o jogo do bicho e outras cousas que lhe levam o dinheiro que era preciso para desenvolver a sua associação e dar-lhe força par reclamarmos Pão, Liberdade e Instrução, que muito nos faz falta.

É assim que eu penso.

62

*Coisas da arte*⁸⁴

O APRENDIZ



Em todas as corporações, como em todos os núcleos onde se desenvolve a atividade consciente, devemos observar, como primordial incentivo, o desejo de elevar a distinta posição aqueles que são, pela própria vontade e natural vocação, um elemento fecundo para o progresso da arte a que se dedicam.

Mas não há arte sem princípio...

Devassando o interior de certas oficinas, já trabalhando acidentalmente, já como fundidores, nós vemos, com profunda desolação, o que se passa em relação aos aprendizes.

Encontramos garotos sem vontade... outros que, em vez de escola, tiveram a pressão paterna para ganha minguidos tostões. A sorte desses infelizes merece ser melhorada. É imprescindível a instrução, ainda que elementar, para o aprendiz tornar-se, para o futuro, um perfeito oficial. É o que entendemos.

Em face, pois, da lei básica, sugere-nos o alvitre de indicar, **talvez**, a solução do magno problema que intensamente interessa ao aprendizado.

Os meninos especulados, tidos como se fossem simples instrumentos do chefe, alguns destes prepotentes, outros sem a necessária capacidade para guiar, com acerto, aos incipientes artistas. Os meninos entram para a oficina sem a noção, sequer, dos princípios da língua vernácula!

É um tropeço bastante desairoso!...

O nosso desejo seria que, em todas as oficinas, além da 84 - (Não assinado). **A Voz do Fundidor**. Rio de Janeiro – RJ. – Ano 01 – N° 03 – Página 03 – 01.05.1927.

aprendizagem técnica e artística, os patrões dessem uma trégua, para que os jovens pudessem, com o auxílio de explicadores gratuitos, “colegas nossos, distintos e preparados”, tornarem-se oficiais limpos e aptos a colaborar na confecção de obras de alto valor.

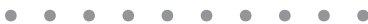
O que aqui fica é simplesmente o esboço de uma ideia.

O tempo dirá o demais.

(Transcrito).

63

“Sou anarquista”⁸⁵



Empolga-nos, alvoroça-nos, estuante a ideologia superna que nos abraça o peito e põe arroubos em nossos corações e fermenta de pilhas elétricas em nossas mentes sonhadoras...

Uns versos, umas linhas bastam, às vezes, para distender a nossa imaginação, a nossa capacidade de criar, e para nos conduzir a magníficas inspirações.

Li uns versos – muito simples, aliás, talvez, mesmo, sem elegância – aquela elegância frívola e vazia da arte que se aprende...

Mas empolgantes e sugestivos – os versos que eu li – pela arte que se adquire naturalmente, sem aprendizado, sem cultura até, – sem escola!

Somente pelo pensamento; mas horas de meditação com que queiramos proceder à nossa auto cultura.

Li esses versos, sob o título “**Divagando**”, de Domingos Braz⁸⁶, e a minha imaginação irrompeu em grossos borbotões de anseios de produzir... E o meu pensamento desdobrou-se em irrequietos voos, colhendo de flor em flor, em outros pensamentos, o pólen fecundante da ideia e depositando nestas linhas as minhas impressões deste lapso de tempo entre o ano de 1924 a 1927.

Três anos. Três anos de mordança e silencio forçado...

Os anarquistas, os portadores das ideias novas, da mais sublime encarnação do pensamento, desapareceram? Acabaram-se?

Nunca se verificou uma tão alta e esplêndida sementeira dos mais caros e legítimos ideais humanos!

85 - CERRUTI, Isabel. **A Plebe**. São Paulo – SP. – Ano 11 – Nº 251 – Página 01 – 14.05.1927.

86 - **Nota do Org.:** este soneto italiano estará no volume ARTE desta coleção.

Por toda a parte em que nos encontrássemos, ao acaso, a esmo, vamos lançando, às mãos cheias, os grãos benditos da doutrina maravilhosa.

Não houve entre os discípulos de Bakunin, Malatesta, Faure, Kropotkin, Reclus, quem deixasse escoar esse lapso de três anos, equivalentes a um segundo na imensidade dos tempos, quem deixasse escoar esse lapso de trevas na inatividade aniquiladora da covardia.

Todos os que sinceramente abraçaram o ideal santo, sem exceção de um só, – desde aqueles que marcharam para o desterro, – que lá, mesmo, entre dores e os maiores sofrimentos, semearam sempre, até os mais ativos, dentre os muitos, que não foram atingidos pela sanha cruel: até os mais insignificantes, considerados como valores combativos.

Todos, todos nós, aproveitamos bem os dias, as horas e os minutos para que maior trabalho se verificasse em proveito da grande causa.

E assim, evangelizamos, pregando por todos os lados, propagando a toda a hora, em qualquer parte ou meio em que nos encontrássemos: entre indivíduos de todas as idades; quando íamos em visita, entre amigos, entre parentes, entre desconhecidos mesmo, com quem nunca faláramos de questões sociais; com todos nos arrebatávamos na precipitação de doutrinar, de instruir, de propagar e de realizar...

E que prazer, quando se nos deparava ocasião ou, de propósito, levávamos a conversação a assuntos de políticas, fazer ressaltar as iniquidades, -----⁸⁷ as injustiças e descrever, contrapondo às misérias atuais, as grandezas futuras depois que se derem, inevitáveis, os choques, que hão de ser tremendos, entre as forças antagônicas do bem e do mal, que cada vez se avolumam em proporções medonhas, para o encontro decisivo da grande batalha, eminente.

A batalha social!

E, depois, a hora da reconstrução, dispondo as bases do trabalho

87 - **Nota do Org.:** palavra ilegível na cópia digitalizada consultada.

redimido e bendito, para o máximo de bem estar para todos, – sem pobres nem ricos.

E, então, que onda de ternura e de amor nos invadiu ao falar aos pequeninos, acariciando as suas cabecinhas ávidas de curiosidade, quando nos envia, e dizer-lhes das esperanças que nos empolgam, da fé que nos acalenta, ao depormos todo o nosso anseio de realização ao pedestal da geração que desponta.

Falávamos, em linguagem fácilima, persuasiva, figurando as narrações para melhor nos fazermos compreender.

E as mães, num enlevo de amor materno, com os olhos fitos no grande sol de amor que reverbera no horizonte áureo do ideal, umedecidas as pálpebras, na evocação dos mártires de todos os tempos e os torturados da Clevelândia, – aquelas mulheres sonhadoras, aquelas mulheres sublimes que existem, em grande número, para honra e glória da espécie humana – ensinaram aos seus pequeninos, de peito ainda, quando apenas começam a balbuciar os doces nomes de mamãe e papai, ensinaram, a eles, a articular a sentença enobrecedora?

“Sou Anarquista!”

E os pequeninos repetem encantadoramente?

“Sô anaquita!”

S. Paulo, em abril de 1927.

64

*Profilaxia racional*⁸⁸



Atados por credos sectaristas de diversas correntes filosóficas, vão os homens, desde o berço, palmilhando o árduo percurso de sua vida, como os cegos que tateiam, com os pés, os passos que dão: Penumbras... Trevas... Caos...

Em que abismos, em que báratros cruéis as mães atiram seus filhos: nas Escolas do Estado, no ensino burguês ou nos colégios de jesuítas?...

Toda a pedagogia da estrutura social de hoje abrange o campo limitadíssimo de algumas ciências e princípios cívicos, adrede preparados para evitar a fuga das mentalidades infantis ainda não desabrochadas.

A inteligência da criança é estrangulada nas escolas do Estado, antes mesmo que se manifeste. Ali tudo é limitado: cela, prisão, masmorra, fronteira, pátria... divindades!

De toda essa bagagem pedagógica que se acumulou aqui no Brasil, nada de útil tem que se aproveite. Tudo são cretinices, demagogias, incultas de ensino aplicável nem sequer aos idiotas, constrangidos toda a vida à mais crassa ignorância.

A verdadeira mãe, e especialmente a mãe operária, tem o dever, a obrigação, de controlar o que seu filho nessas escolas aprende, porque nada ali ele concebe de útil, de inteligente, de humano. Não se formam homens ali – fazem-se soldados; não se burilam inteligências – abafam-

88 - BOSCOLO, J. Carlos. **A Plebe**. São Paulo – SP. – Ano 11 – Nº 257 – Página 04 – 06.08.1927.

Nota do Org.: no final do artigo há a seguinte nota explicativa, do editor, entre parêntesis: Do livro a sair: “Proletcultura”.

se prováveis irradiações; não se libertam indivíduos – escravizam-se gerações para o beneplácito de uma insignificante minoria, de homens de Estado e ordens religiosas.

Para a derrocada dos exploradores do braço e do intelecto dos proletários, e conseqüentemente para a sua elevação moral e equilíbrio econômico, urge uma profilaxia racional.

Como, pois, fazer tal cousa?

1º – Evitar que as crianças se divirtam com brinquedos, tais como soldadinhos de chumbo, bandeirinhas, naviozinhos de guerra, aviõezinhos e toda essa bugiganga que a *cultura*, e os interesses da burguesia, impingiram aos petizes brasileiros. Deem-se, em vez, brinquedos que possam desenvolver sua inteligência em cousas úteis e humanas, como, por exemplo, o navio mercante, o trem de ferro, o aeroplano, a casinha, o arado, as bonecas, sagrado instinto da maternidade, e tudo quanto sirva de distração sadia, calma, feliz, sem lhes corromper o sentimento puro e inocente com os instrumentos em miniatura do progresso bélico de que os homens se servem para o extermínio e para o pavor.

2º – Devem os pais evitar que as crianças concebam os fundamentos morais e cívicos que se ministram nas escolas burguesas, isto é, do Estado, porque ali somente elas aprendem a desobedecer a opinião dos pais, se esta é renovadora, tornando-se, por conseguinte, quando forem homens, inimigos de seus companheiros, de sua família e de si mesmos. Os próprios pais serão seus mestres. Se esses, porém, não têm conhecimentos capazes de controlar e substanciar em princípios mais sadios o que a criança na escola obrigatória adquirir, os sindicatos proletários são fontes inexauríveis de cultura racional.

O que se torna necessário é que não se inoculem no sentimento da criança todos esses dogmas e disciplinas patrióticas e escolásticas.

Livres de todas as peias, de todos os preconceitos com que o Estado

e a Igreja arditosamente emaranham o desabrochar da inteligência infantil, teremos nós, operários, o homem ideal, nos seus primórdios da educação racional, para formar os alicerces da futura sociedade.

O explorado de hoje, sacrificado a maior parte de seu tempo em acumular riquezas para o seu amo, não curvará mais a cabeça, como agora, em dolorosas humilhações. Será o senhor de sua vontade, mediante a consciência do seu dever para com a coletividade.

Compreendidos que forem os princípios da Justiça e da Equidade, forçosamente desaparecerão os brutamontes de hoje. A brutalidade *instintiva* operária existe porque o Estado precisa dessa *brutalidade*, afim de separar classes.

Como poderia a edilidade burguesa sobressair, distinguir-se, elevar-se no conceito das multidões ignorantes e fanáticas, se não sustentasse, com acirrado empenho, a *inferioridade* mental das massas trabalhadoras?

Considerados os operários num plano inferior, pela divisão de classes, – (não que nós queiramos nos igualar em *planos* – aceitando, tacitamente, essas normas e qualificativos), aceitam, aprioristicamente, a sua condição de escravos assalariados, privados do convívio social, e, por conseguinte, satisfeitos com a sua sorte.

Ora, a engrenagem do maquinismo da burocracia estatal, roda de conformidade com os interesses da Igreja.

Para conservar o espírito da tolerância, de disciplina, de *ordem social*, o Estado confere amplos poderes à Igreja, afim de que os seus missionários completem a obra de catequização, evitando, pelo temo a Deus, que mentalidades novas possam surgir e abalar o edifício das explorações humanas.

Nesse sentido, a obra do clero é proficuamente vasta: com rara habilidade ele arranca do intelecto da criança os brotos das ideias novas, semeando cousas velhas e retroativas para a evolução do tempo; prega

moral e, habilidosamente, prepara o campo da prostituição.

A moral escolástica é tão *útil* para os indivíduos, que faz deles criminosos, hilotas e depravados.

Mas essa moral que o cristianismo conseguiu arrastar à luz dos nossos dias,

morre às mãos do socialismo – como diz Merlino – e não morre pela ciência. Contra esta poderia ainda defender-se; mas não pode defender-se contra a consciência moral aperfeiçoada do homem moderno.

65

*O nosso conto*⁸⁹

Súplica inútil

• • • • •

Minha senhora, não adianta dar-lhe mais remédios.

E como ela num olhar angustiado o interrogasse acrescentou: – Está intoxicado e os remédios mais o intoxicam.

Tereza ergueu-se lívida e trêmula. Apertou o filho contra o seio e desceu a correr a escada do posto.

Na porta, parou sem saber porque; no seu íntimo havia uma grande revolta.

Teve vontade de voltar e esbofetear aquele médico egoísta que negava remédio ao seu filhinho.

– Canalha! Naquelas enormes prateleiras repletas de frascos, estava sem dúvida a essência maravilhosa que lhe salvaria o filho! Oh! Se ela a conhecesse iria buscá-la; quebraria as vidraças se preciso fosse, esbofetearia o médico se se opusesse... E depois que a mandassem prender... Iria satisfeita para a cadeia com seu filhinho gordinho e são.

A esta ideia Tereza volveu o olhar para o ser enfezado e raquítico que tinha nos braços e, triste, desanimada, rompeu a chorar. Depois sentindo uma vaga esperança subiu vagarosamente a escada e penetrou na salinha.

O médico receitava para um pequenucho gordinho e cheio de furúnculos. Ela empurrou as mulheres carregadas de crianças que esperavam a vez da consulta. Com mão trêmula segurou o braço do médico e disse gaguejando:

– Doutor... o senhor diz que remédio não adianta... então, o que é que adianta?

89 - SOARES, Matilde. **A Plebe**. Nova Fase. São Paulo – SP. – Nº 20 – Página 01 – 15.04.1933

– Talvez... sim, o leite materno, uma ama de leite...

Duas grossas lágrimas escaldantes rolaram-lhe pela face. Que recursos possuía para pagar uma ama de leite se o seio lhe secara devido à sua insuficiente alimentação?

– Oh! Salve meu filho pelo amor de Deus!

– Peça a Deus que o salve. Os médicos não fazem milagres.

Meia hora depois, no seu casebre, Tereza ajoelhada, tendo na mão um Cristo de madeira rezava com fervor.

Mas, ao ouvir o choro débil do filho largava a cruz e debruçava-se toda para ele e encostando o seu rostinho embalava-o docemente até que adormecesse.

De repente lembrou-se: Jesus talvez não a compreendesse, e voltou-se para uma estampa da Virgem na parede:

– Mãe Santíssima, compadece-te de mim! Tu sofreste a dor de ver teu filho crucificado, mas não sofreste a dor incomparável de ver secar no seio a seiva que lhe dava a vida, viste-o perseguido, mas não o viste enfezado e esquelético gemer meses inteiros no berço. Oh! Mãe de Deus...

Mas, nesse instante, de modo débil, quase imperceptível ouviu o choro do menino.

Tomou-o nos braços suavemente temendo magoar-lhe os ossinhos. Talvez tivesse fome. Na mesa o mingau estava frio e rodeado de moscas. Então lembrou-se: talvez Maria a tivesse escutado; e desabotoando a blusa de chita entregou ao filho o seio materno. A criança fez uma careta e rompeu a chorar. Então pôs açúcar no bico. Desta vez a criança principiou a sugar com avidez, fincando nas magras carnes da mãe dois dentinhos afiados, e quanto mais a machucava mais feliz ela se sentia. Com que doçura e gratidão fitou a Virgem. Mas nesse instante a criança largou o seio, serrou os dentinhos e principiou a estrebuchar.

Compreendeu: era a morte que chegava. Aconchegou-o a si como

se quisesse impedir que esta o roubasse. E assim permaneceu longo tempo.

Já não se movia. Já não tinha vida! Oh! não podia ser! O seu filho dormia... Tinha frio. Foi buscar o xale de lã. Apertou-o contra si o peito ofegante, os lábios entreabertos como se quisesse dar-lhe o calor do seu hálito, emprestar-lhe a sua própria vida.

Depois sacudiu-o. – Acorda, filhinho, acorda! Viu-o morrer, por vezes pareceu vê-lo sorrir. Separou-o um pouco de si para contemplá-lo. Talvez..., mas não, estava frio, dali a pouco estaria rijo. E jogou-se no leito a chorar doidamente. Seu corpo todo tremia... convulsa mordeu a manta, -----... -----⁹⁰ um leão enfurecido.

Aos poucos voltou-lhe a calma. Ergueu-se, enxugou as lágrimas, retirou as guedelhas do rosto. Olhou em volta. Tinha a impressão que acordara de um pesadelo. No seu cérebro turbilhonavam ideias confusas. Parecia que uma mão de aço lhe apertava o crânio.

Dirigiu à estampa um olhar desdenhoso e gritou:

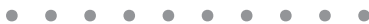
– Ou não és milagrosa, ou nunca foste mãe!

RIO, 10.01.1933

90 - **Nota do Org.:** palavras ilegíveis na cópia digitalizada consultada.

66

*Memórias de Luiza*⁹¹



É assim a história duma mulher.

“Tive sempre frio. Esta impressão de ter os ossos sempre gelados, vem de muito longe, de pequenina.

Nunca tive mãe, nem ninguém. Fecho os olhos e só vejo o Asilo, os corredores úmidos, o dormitório, o frio refeitório abobadado de granito. Toda aquela pedra parecia sepultar-nos.

Também guardo, de pequenina, esta impressão: a vontade que tinha de beijar, sem ter ninguém a quem dar beijos. Todos os que eu conhecia eram hirtos.

Vou ver se me lembro bem... Primeiro, é tudo confuso: depois, vai-se espancando a névoa, e eu recordo a triste existência do Asilo.

Noite ainda nos erguíamos para rezar. Tocava um sino. Mal sabíamos andar, trôpegas, como velhinhas.

A algumas era preciso vesti-las. A Irmã ralhava se nos demorávamos. Aquele sono da manhã de que nos arrancavam, era como a cova e o esquecimento ante nós. Para que vem a gente ao mundo?

De tantas que conheci, quase todas mais felizes, morreram por não terem mãe.

Todas, tão pequeninas, tinham o ar de serem já crescidas. E não sei que de amargo, de refletido, de sofrimento, de experiência da vida. Brincavam, sem risos, pelos cantos, com bichos, com pedrinhas. Uma vez uma disse alto: – Ó mamãe!...

E foi um escândalo. Onde aprendera ela, que não tinha mãe, a

91 - BRANDÃO, Raul. **A Plebe**. Nova fase. São Paulo – SP. – Ano 02 – Nº 20 – Página 02 – 15.04.1933.

pronunciar aquela palavra?

Quereis crer? Só tenho esta imagem: pareciam velhinhas recolhidas, tristes por não terem filhos.

Na cerca havia um curral com vacas, que nos davam um leite aguado. Duma vez, já eu era grande, toda a noite gemem. Por piedade perguntei ao hortelão o que ela tinha.

– Saudades por lhe levarem o filho. E há mães que os deitam fora!

Muito deve custar a morrer uma mãe que deixa no mundo um filho para o Asilo!

Havia as grandes, as médias e as pequenas. As grandes eram desajeitadas, de mãos enormes, com vestidos negros e grossos. E todas eram feias. Faltavam-lhes não sei que graça, que só existe nas que têm mãe, por mais feias que sejam: seres de abandono, plantas que vivem estioladas...

Às vezes o senhor provedor visitava-nos. Era um homem seco, ríspido, de cara rapada, que nos vinha lembrar que vivíamos de esmola:

– É preciso que se recordem disto: a sua vida, devem-na aos benfeitores.

Ele próprio era um benfeitor. O seu retrato lá estava colocado no pé dos outros, com o mesmo caixilho fúnebre. Era o último da sala enorme, gelada, onde os passos ecoavam, toda cheia de retratos em torno.

Os benfeitores!.... – Dir-se-ia uma galeria de afogados, todos solenes, secos, hirtos, de lábios finos e ar de cerimônia.

Todas as noites, as Irmãs nos faziam rezar por eles, a quem devíamos o pão e a vida.

Era proibido falar, a não ser às horas do recreio, e isto explica, talvez, os vincos que todas tínhamos, ainda as mais pequeninas, aos cantos da boca.

O melhor sítio do Asilo era a enfermaria, por isto: era mais

quentinho; dava-lhe o sol todo o dia, e viam-se as árvores da cerca; e por a irmã enfermeira ser a única que tinha coração, e que gostava de nos beijar. Todas éramos amigas dela.

É curioso. Lembra-me das grandes árvores que de lá se avistavam, mas só as recordo descarnadas e despidas, num céu pálido. Sempre no inverno.

Tenho ainda a impressão de ter os joelhos frios e doridos. Nunca mais consegui aquece-los.

O pão do Asilo tinha um sabor que nunca encontrei em outro pão, por mais desgraçados que fossem os meus dias: um gosto amargo e requentado. E em todo o refeitório, havia um cheiro idêntico. Tudo, até o Cristo, até o caldo aguado, a mesquinha ração que nos davam, parecia dizer-nos: “Olhai que vives por caridade! Habituai-vos à desgraça!”

Quereis crer? Muito mais caridosa seria afogar as crianças que não têm mãe. Livrá-las-ei do Asilo, da caridade, da vida. No dormitório, tudo era regular, branco e monótono, e, apesar de branco, fúnebre. O sol, que entrava pelas janelinhas, abertas numa muralha de prisão, era pálido e, mesmo no verão, parecia um sol de inverno; as camas, todas, de branco, alinhavam-se encostadas às paredes caiadas e nuas; só ao fundo, por cima da cama da Irmã, um Cristo de louça azul manchava aquela brancura.

O recreio não era na cerca do convento. Brincávamos sem barulho no claustro.

Parece que tinham medo de nos mostrar árvores e sombras. O claustro... Por cima, via-se sempre, engastado no beiral, um retângulo do céu, e a sombra geométrica estendia-se cá em baixo. Dum lado, era sempre frio e úmido: as paredes tinham musgo. Ao meio do Claustro, um golfinho de pedra deitava, gota a gota, pelos dentes cariados, um fio de água frígida. De tudo aquilo saía uma paz transida de sepulcro. Só andorinhas cortavam em cima o céu; mas, duma vez que, em março,

vieram, afadigadas e chilreando, fazer ninho no beiral, as religiosas deitaram-lhes abaixo.

Destruí-los, por que? Os restos, farrapos de penugem quente, ternos, direis, andaram, por muito tempo, no claustro. Passaram de mão em mão, com alvoroço. Algumas das asiladas clamavam, olhando-os; as mais pequeninas brincavam com eles. Uma disse:

– É um berço...

Destruí-los, por que? Para que não soubéssemos que as aves têm mãe e cuidas dos filhos? Para que ignorássemos?...

Mas que candura, a das Irmãs, se era por isto! Nós pressentíamos, adivinhávamos tudo aquilo, e quando uma das mais pequeninas explicou às que faziam roda:

– É o berço dos passarinhos... – quantas de nós já tinham cismado num berço assim agasalhado e fofo!...

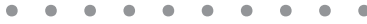
Daquela vida idêntica, seca, dura, vinha um dia, quando éramos grandes, arrancar-nos o provedor. Era um dia solene. Íamos partir. Quem precisasse duma criada, que comesse pouco, procurava-a no Asilo. Uma caderneta, papeis, alguns trapos, camisinhas curtas e o discurso do senhor provedor:

– Sustentou-as este Asilo por caridade. Se vivem, devem-no aos benfeitores. Ora, agora lembrem-se sempre, nas suas orações, do bem que lhe fizeram. E, na casa que as recebem, sejam agradecidas. Tomam-nas por esmola...

E assim, com um trouxa debaixo do braço, partíamos para a Vida. Oh! minha mãezinha!”

67

Aos jovens anarquistas⁹² Pela organização das juventudes libertárias.



Companheiros:

É por demais conhecida de todos a situação cada vez mais caótica e angustiosa em que se debate a humanidade hodierna.

A reação campeia, desenfreada, por toda a parte, de norte a sul, de Oriente a Ocidente. O regime capitalista estatal atingiu o zênite de sua evolução; a dissolução é patente. O arcabouço social apenas pode manter-se à força de injeções ditatoriais. Os partidos políticos da esquerda abandonam a luta, traindo vergonhosamente os princípios básicos dos seus programas.

O seu ciclo histórico encerrou-se com o regime liberal democrático burguês que lhes deu origem. O fascismo é a única forma de que a burguesia deita mão para tentar prolongar o seu predomínio, já agora em franca e acelerada agonia. Para isso, recorre a todos os processos os mais bárbaros, inumanos e vis, que fariam corar aos bárbaros da idade média, de estremecer de horror aos mais selvagens dos nossos primitivos ascendentes.

O povo inexperto jaz na mais abjeta escravidão, tanto física como mental. Os anarquistas são a única força viva e sã, são os únicos valores morais e ideológicos capazes de opor-se vitoriosamente a essa onda de lama e sangue que ameaça tragar a todos os valores sociais e

92 - GRUPO Ação Libertária. **A Plebe**. Nova Fase. São Paulo – SP – Ano 02 – Nº 64 – Página 04 – 09.07.1934.

a todas as conquistas humanas.

Nessa missão está reservado importante papel aos jovens. É necessário, é urgente mesmo, que a mocidade compreenda isso. Por toda a parte a Juventude revolucionária se agita, acompanhando pari-passo o nosso movimento, integrando-se nele pela formação de poderosas agrupações juvenis que, pelo seu entusiasmo e virilidade na luta, são uma poderosa fonte de energia revolucionária. O Uruguai, a Argentina, o Chile, Cuba, Espanha, etc... são o exemplo vivo do que afirmamos. Constantemente, de lá nos chega o eco das vibrações entusiastas dos jovens. No Brasil, ao contrário, a juventude vive dispersa, desordenada, sem coesão, pouco fazendo sentir a sua atuação no conjunto das atividades gerais. Urge a criação de um movimento juvenil anarquista de amplos horizontes, que consiga a integração da juventude no quadro das nossas atividades. Demonstramos, aos nossos irmãos de além fronteiras, que aqui também existe uma falange juvenil que pulsa, anela e luta, com perseverança e energia, por um mundo melhor, justo e humano, que só será realidade quando consigamos, com a nossa força organizada, tornada forte e invencível, subverter a todos os valores arcaicos, morais, religiosos ou filosóficos, criando, sobre os seus escombros, uma nova sociedade, com uma nova ética social.

O momento reclama a organização de todos os valores revolucionários, numa frente comum de batalha ao inimigo.

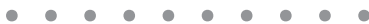
Vivam as juventudes anarquistas! Sus! Pela Revolução Social!

O GRUPO

AÇÃO LIBERTÁRIA

68

“O século da criança”⁹³



A classe burguesa chama de “Século da criança” a este nosso século com que os filhos dos proletários, impelidos pela necessidade, desde cedo se veem de braços com o trabalho social. Essa subtração da criança ao seio da família proletária (se é que se pode ainda falar, hoje, em “família proletária”) para o rude trabalho das máquinas ou dos campos, ela, a classe burguesa, a explica e a louva como sendo a “descoberta da criança”, dos grandes dotes até hoje desprezados das crianças, descoberta, feita pela burguesia. E sustenta que não é o caso de nós outros, proletários, estarmos aí a gritar contra a admissão de nossos filhos pequenos nas indústrias, pelo simples fato de serem eles pequenos. E diz que, em verdade, melhor ficaria para nós, em vez de gritarmos tão injustamente contra isso que consideramos uma calamidade, elevarmos hinos de louvor ao grande industrial, ao benemérito capitalista, que veio descobrir na criança de nossa casa aptidão, qualidades para o trabalho que até hoje ainda não havíamos descoberto. Isso diz a burguesia procurando explorar o novo gênero de exploração achado no aproveitamento do braço proletário infantil. Os proletários, portanto, que se calem e deixem de imprecacões injustas. Que compreendam o significado humanitário dessa grande e louvável descoberta de homem burguês. Que mandem seus filhos, não importa se pequenos, para as fábricas, para os campos, onde serão devidamente aproveitadas suas aptidões para o trabalho e de certo modo recompensados seus esforços pelo bem do regime capitalista. E que não se fale mais, enfim, da calamidade do trabalho infantil.

93 - CARVALHO, Campos de. **A Plebe**. Nova fase. São Paulo – SP – Ano 02 – Nº 71 – Página 02 – 15.09.1934.

A burguesia se esquece de que também tem filhos e que, por conseguinte, como os filhos dos operários, os seus pequenos devem impedir o mau aproveitamento de suas aptidões para o trabalho social. Para o bem da realidade, devia-se evitar o desperdício da força de trabalho da criança, em seus jogos e brinquedos infantis; mas, de qualquer criança burguesa ou proletária, milionária ou maltrapilha. Acontece, porém, que isto que nós desejamos não está certo. Não é nada lógico que o tenro ser burguês sacrifique sua curta infância, justamente esse tempo que é o mais feliz da vida, em trabalhos exaustivos e incompatíveis com o seu temperamento, e isso para o bem da coletividade. Não, absolutamente. Essa história de enviar crianças para o trabalho cansativo das fábricas seria uma desumanidade se se explicasse a criança burguesa, uma vez que deve ser **monopólio** exclusivo da classe proletária. Que nem se fale, portanto, diante de um rico senhor de fraque e cartola, nas grandes aptidões que parece apresentar seu pimpolho para o serviço das fábricas que ele possui. Seria uma sugestão, ao mesmo tempo, ridícula e monstruosa. Deixemos as crianças burguesas em paz, nessa infância que é a idade luminosa da vida, e mandemos nossos filhos, todos eles, grandes e pequenos, para as máquinas, que são, hoje, o brinquedo grande das crianças pobres. Assim, estará tudo conforme a vontade de um Senhor onisciente que dirige os mundos, e tudo haverá então, de progredir, graças a essa harmonia que há de existir entre os homens.

O capitalista, porém, não compreende que este nosso “Século da Criança” representa mais um passo para a emancipação da classe operária; que esse jovem ainda imberbe, que ele lança às máquinas, representa mais um inimigo excelente que, dentro em breve, virá combatê-lo ao lado de seus companheiros de classe, explorados. Já

Edwin Hoernle o diz claramente em seu livro “Educação burguesa e educação proletária”:

– A criança ocupada no trabalho trás já aos dez anos todo o peso da exploração e respira com o ar da fábrica a atmosfera da luta de classe.

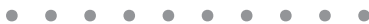
E mais adiante:

A luta da criança existe, desde que existe a exploração da criança.

– Logo, são as forças do próprio inimigo que o capitalista prepara pretendendo estender seu campo de exploração da classe operária, já intensa. Ele não sabe que existe uma diferença extraordinária entre a criança pobre, das fábricas, ou dos campos, e a criança rica, da burguesia; pensa que essa diferença é apenas material, expressa na alimentação, nas vestimentas, na habitação de uma e de outra. Esquece-se, porém, de que a criança proletária também tem cérebro e que, sendo o ambiente em que ela vive muito diferente das casas ricas da criança burguesa, não podem ser idênticas as ideias que se formam no cérebro de uns e de outros. E, assim, ele, o capitalista, ignora o que se passa no espírito da criança pobre, a seu serviço. Não sabe, ou não quer saber, que desde cedo, se forma no menino proletário, já igualado a seus companheiros adultos no trabalho penoso das fábricas e no viver miserável dos casebres, numa consciência nitidamente revolucionária. E o soldado que, então, se levanta daquele corpo ainda tenro em idade, é um soldado mais forte do que os que estão a serviço do capitalista: – porque é um soldado que vai para a luta consciente da causa por que vai lutar.

Ele, o menino proletário, aprendeu, na miséria em que vive, nos tristes espetáculos que a toda hora presencia, no rude trabalho a

que se entrega com os de sua classe, que vai lutar para a emancipação completa de todos os seus irmãos de sofrimento, que ele vê trabalhar sem recompensa. Sabe que, nessa luta formidável, – nada tem a perder, a não ser as cadeias, e que tem um “mundo inteiro a ganhar”, e por isso é um lutador pequeno que espanta pela grandeza de suas ações. Não há obstáculos que não queira transpor e, se, acaso, cai ferido na luta, sabe cair, porque compreende que fez o que estava ao seu alcance e que outros, mais felizes do que ele, não de cair mais adiante. Ele dá o que pode e nada exige, a não ser quando soa a hora esperada da vitória, que marca para a humanidade uma existência mais humana. E é esse batalhador gigante que o capitalista das fábricas prepara inconscientemente. É esse homem ainda criança que, um dia, há de romper os laços de escravidão que o não deixam viver. E é esse menino prodígio, em formação na vida, miserável dos casebres e das fábricas que, mais cedo ou mais tarde, aparecendo gigantesco aos olhos de todos há de justificar aos pósteros porque se chama a este nosso século XX de exploração o “Século da criança”.

*A devassidão revoltante de um padre*⁹⁴SIMULOU A CRIAÇÃO DE UMA ESCOLA PARA ATRAIR
CRIANÇAS E PRATICAR IMORALIDADES**Alguns meninos ficaram contaminados de moléstias venéreas**

Jacuí é uma velha e minúscula cidade, encravada no sul de Minas, distante da estrada de ferro algumas léguas.

População ordeira e laboriosa, vivendo uma vida quase que de camponeses, teve, há pouco, os seus momentos de intensa agitação.

Não porque fosse a povoação assaltada por cangaceiros, à moda de Lampião, ou porque algum beócio tivesse encontrado, em alguma *biboca*, uma “virgem” fazendo milagres.

Pior ainda.

O escândalo que fez a alma jacuiense revoltar foi uma façanha de um padre explorador e devasso, como são todos os indivíduos do sexo masculino que veste saias.

Pois esse padre revelou ser o tipo perfeito do homem depravado, porco, sem vergonha e cínico.

Mantendo em sua casa uma escola de catecismo, lá atraía inúmeras crianças que, na inconsciência própria da idade, procuram o conhecimento das coisas “sagradas”. Mas as *coisas sagradas*, que o tal padre ensinava aos seus alunos, era a depravação, pois que ele, padre, praticava a pederastia com os seus discípulos!...

Dentre os seus alunos, já acostumados à prática de suas imoralidades, destacavam-se três menores, filhos de comerciantes, que

94 - ARINOS, Menoti de O. **A Lanterna**. São Paulo – SP. – Ano 13 – Nº 388 – Página 03 – 09.02.1935.

apareceram doentes, atacados de moléstias venéreas.

Os menores, ao serem examinados, por médico, declararam que o padre é que os havia deixados naquele estado.

A notícia correu célere. O povo, então, revoltado, procurou o padre. Mas este, quando mal percebeu que a multidão relutante ia castiga-lo, embrenhou-se pelo mato e fugiu.

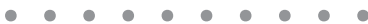
Ficou, então, exuberantemente provado que o “santo” padre estava completamente podre de doenças venéreas, e que a sua piedade era uma máscara.

São assim, na sua maioria, esses malandros, parasitas do povo que, vivendo de explorações, ainda conduzem inocentes crianças às mais sórdidas imoralidades, atirando-as na lama imunda das baixezas e porcarias, que só o clero é capaz de comportar.

Uma *botada* nessa canalha clerical é a mais urgente necessidade, para salvação desta terra e de nós todos.

70

Crianças vítimas de torturas inquisitoriais⁹⁵



O menino José Saraiva, fugindo das garras infames da padralhada do Orfanato Santista, conforme notícias dos jornais de 10 do corrente, cheio de medo, quando, no Posto da Guarda Civil do Cubatão contava a odisseia da sua vida, tão pequena e já tão dolorosa, pediu chorando:

– Por piedade, não quero voltar para o Orfanato! Lá os padres fazem a gente ajoelhar sobre arroz seco e ainda passam o ‘couro’. Quando querem dar um castigo mais ‘duro’ até queimam as mãos da gente! Pelo amor de Deus, não quero voltar pra lá!

E é a esta situação de infâmias que a inconsciência dos políticos pretende arrastar o Brasil, entregando ao clero os destinos da nossa gente. Nunca, jamais, antes a morte! – deve ser o grito de todos os homens, cuja espinha dorsal não foi feita para se curvar ante a baba da víbora jesuítica do Vaticano.

95- (Não assinado). **A Lanterna**. São Paulo – SP. – Ano 13 – Nº 297 – Página 01 – 15.06.1935.

*Impróprio para menores*⁹⁶

Há coisas, nesta sociedade cristã-capitalista, que não chegamos a compreender e que, apesar de tudo, não podem passar despercebidas.

Como sou um pouco curioso e metido a crítico (desculpem a falta de modéstia), vamos entrar em cheio no assunto que motivou estas linhas.

Em dias da semana passada, fui assistir a um filme, – **Os Miseráveis** – e chamou-se a atenção o dístico – **Impróprio para menores** – que estava nos cartazes de reclame dessa obra magistral de Victor Hugo.

Por mais que a gente dê tratos à bola, não atina com o motivo desse dístico proibitivo no filme **Os Miseráveis**. Indiscutivelmente, a censura cinematográfica tem uma curtíssima visão da moralidade! Li muitas vezes a obra de Hugo, assisti várias vezes ao filme **Os Miseráveis** e, com franqueza, confesso a minha ignorância. Não pude nunca descobrir, nesse momento da literatura francesa e universal, nada que possa ser nocivo à mentalidade infantil.

Mas, pasmem os leitores! **Moralíssima**, própria para crianças, dedicada mesmo, às vesperais infantis, é o filme **Trilha Sinistra**, um drama fantástico, de aventuras policiais, onde há tiros, mortos e feridos, cavalgadas, brigas, socos, cadeiras que voam e se partem, móveis em reboição e todas essas trapalhadas que põem os nervos da gente em marcha acelerada para a loucura. Isso, sim, é que a censura cinematográfica de São Paulo acha ótimo, esplêndido, sublime, para educar crianças!

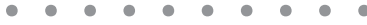
96 - AROCA, F. **A Plebe**. Nova Fase. São Paulo – SP – Ano 03 – Nº 98 – Página 02 – 28.09.1935.

A continuarmos nessa “trilha sinistra”, não será de estranhar que, dentro em pouco, todos os nossos guris saiam por aí afora, às turras com fantasmas e vultos misteriosos, empunhando armas, de olhes esgazeados, à procura de quem matou o pai da criança...

Em vez de se educar a juventude com belos exemplos de solidariedade, de amor e de justiça, exalta-se-lhe os sentidos na força bruta, com cenas rocambolescas, no manejo das armas, isto é, cultiva-se no home e na mulher, justamente ao entrarem na estrada da existência, o que eles têm de mais animalesco, os instintos mais tarados e perversos.

Temos razão, nós, os libertários, quando preconizamos que esse burgo podre está prestes a ruir.

As sociedades subsistem pelos seus valores morais. Quando estes falham, elas, irremediavelmente, caem.

*Jovens, o coração aberto!*⁹⁷

(Palavras proferidas pela companheira O. F. no piquenique realizado domingo, dia 22, em Guarulhos).

Desejo aproveitar o ensejo de nos encontrarmos hoje aqui reunidos, como uma só e grande família, no seio acolhedor da natureza ridente, para dirigir-vos a minha palavra de jovem, cujo peito nutre e anela a consecução dos ideais que são comuns a todos os que aqui vieram.

Dirijo-me, principalmente, às mulheres e, entre estas, sobretudo às jovens, porque, se bem que sejam elas as maiores vítimas da organização social vigente, são, não obstante, as que mais se alheiam ao estudo desse problema que, dia a dia, vai adquirindo maior intensidade e reclama solução imediata. É uma realidade palpável, e já não sofre contradita séria, que a mulher é, de fato, quem mais sofre as consequências da organização estatal capitalista. Vítima de uma educação viciada e perniciosa na infância, que, como ao homem, lhe embota a sensibilidade e a estatifica (*sic*) o raciocínio; sujeita, na juventude, às árduas tarefas da luta pela subsistência; pejada, na maioridade, pela conveniência do meio agreste e vicioso que, muitas vezes, os pais, irmãos, noivos ou maridos corroboram, e as mães aplaudem; comprimida no círculo de ferro de mil preconceitos milenares, odiosos e repugnantes, tudo e todos tendendo a diminuí-la e anula-la, só à custa de um esforço pertinaz e heroico conseguirá libertar-se. Ocioso seria pretender demonstrar essa verdade, por ser demasiado evidente e estar intimamente gravada dentro de cada um de nós. Qual mulher não sente quão terrível é a luta

97 - CATALO, Pedro. **A Plebe**. Nova fase. São Paulo – SP. – Ano 03 – Nº 98 – Página 04 – 28.09.1935.

que livramos diariamente nas fábricas, nas oficinas ou escritórios, em prol do pão de cada dia? Qual não sofre com a miséria e a míngua de recursos que constitui, geralmente, o apanágio dos lares pobres? A qual mulher não revolta a opressão tirânica que hoje massacra e aniquila a toda a humanidade e que, amanhã, com o advento do fascismo, se anuncia mais terrível, mais cruel e mais bárbara, como um flagelo apocalíptico ou uma espada de Dâmocles a pesar, ameaçadora, sobre a vida de seus pais, irmãos, noivos ou companheiros e até, por que não? (se a opressão não respeita sexo ou idade) as suas próprias pessoas? Que mulher, mãe, esposa ou irmã, não sofrerá com a perspectiva sombria de uma nova guerra que os horizontes turvos do mundo em decomposição prenunciam, e da qual não escaparão os seus, sacrificados inexoravelmente em holocausto ao “Moloque” capitalista?!

Quem não sofre, quem não vive, quem não tem gravado nas suas entranhas, no mais recôndito do seu ser, como um azorrague a vergastar-lhe a consciência da sua cumplicidade muda, a tragédia do mundo moderno?! E, no entanto, quão poucos são os que têm a coragem de tomar atitudes, a hombridade dos gestos e a audácia das ações. Todos sentem, com intensidade forte as mentalidades robustas e livres, rudimentarmente os servos e hipertrofiados.

Todos sentem a necessidade urgente de pôr um paradeiro aos males de hoje e aos que se preparam para amanhã. Mas, nem todos sabem de que maneira. Nos momentos que aqui vivemos, confraternizados com a natureza ou quando ouvimos uma oração eloquente de qualquer companheiro a estigmatizar, com o seu verbo ardente e são, os males que nos afligem, prometemos intimamente lutar, reagir. Passados esses momentos fugidios de revolta interior, poucos, muito poucos, mesmo, concretizam, em gestos ou ações, as verdades que lhe sugere a lucidez desse momento. E, entre esses poucos, lógico e doloroso é confessa-lo, elementos de nosso sexo não participam. Voltamos ao aconchego dos

lares, (quase nunca o lar sereno e confortável que nos descrevem os poetas nos seus arroubos líricos), geralmente desolador na parcimônia dos seus recursos, e todos continuam como dantes, dispersos, anulados, quase vencidos nas suas aspirações ideais: os homens, jovens ou idosos, as mulheres, piormente (*sic*) ainda, nas particularidades que os preconceitos sociais tornaram peculiares ao sexo.

* *

*

Até nós chega, constantemente, pelas notícias filtradas através dos jornais e agências telegráficas, o eco vibrante das lutas que, incessantemente, se travam através do globo, na carreira vertiginosa do mundo em marcha para horizontes mais amplos e promissores. E não falta, no calor da refrega, a secundar os homens, a ação do elemento feminino, participando intensamente da luta, em todos os seus setores. Em toda a parte, a mulher opina, trabalha e luta, dando exemplos de coragem, abnegação e estoicismo sem limites.

Por que devemos nós silenciar? Por que conservar-nos alheias a todo esse clamor de angústia e entusiasmo? Por que não secundar, com vontade e denodo, essa luta que é a nossa luta, esse entusiasmo que é parte intrínseca da nossa formação ideal? Urge que todos, absolutamente todos, homens ou mulheres, participem dessa obra. que se unam todos para isso. Em grupos, associações, centros ou sindicatos. Os que já compreendem, guiem e orientem a iniciação dos voluntariosos, dos inadaptaíveis. Que as mulheres brasileiras criem a consciência da dignidade individual e do verdadeiro papel a desempenhar nas lutas sociais, lado a lado, ombro a ombro, com os homens. Às jovens, principalmente, cabe esse papel. Deixemos, por um momento, de imitar as futilidades vulgares das burguesinhas pernósticas, abandonemos o nosso papel de bonecas mimosas e iniciemos uma luta íntima, tenaz, para expurgarmos os estultos preconceitos com que a burguesia pretende manietar a nossa inquietação espiritual. Formemos organizações

onde as mulheres possam aperfeiçoar-se moral e intelectualmente, de maneira a tornar-se aptas á missão que lhes está reservada no futuro; de companheiras e não fêmeas, de mulheres e não bonecas, de mães e não fábricas de material humano. Eu vos concito, jovens, para esta obra que, além de grandiosa, é a que nos corresponde como filhas, noivas ou irmãs dos homens que estão aqui reunidos. Iniciemos logo esse trabalho, com o nosso entusiasmo juvenil, na certeza de que cumprimos uma grande e sublime missão que as gerações vindouras apresentarão orgulhosas, como exemplo a ser imitado: sem receios vãos ou preconceitos todos que não calam os peitos fortes e corações puros.

Mãos à obra, pois!

*Complicações do ensino religioso*⁹⁸

Um exemplo que deveria ser imitado em todas as partes pelos que defendem a liberdade de consciência.

Usando de um direito que o decreto que estabelece o ensino religioso lhes confere, alunos da Escola Secundária anexa ao Instituto de Educação, enviaram ao diretor daquele estabelecimento de ensino o seguinte requerimento:

“Ilmo sr. diretor do Instituto de Educação. – Os abaixo assinados, alunos do Curso de Formação Profissional da Escola Secundária, anexa ao Instituto de educação, veem mui respeitosamente à presença de V. S. requerer, de acordo com a lei, lhes seja concedido o ensino da Religião Budista. – S. Paulo, 26 de setembro de 1935. – (aa) Miguel Costa Junior, Juracy B. Wey, Osório de Mello Castanho, Messias Gonçalves, Arnaldo Ferreira Santos, Rubens Franco do Amaral, Miguel Alano, Manoel Porto, Edmundo Mauer, Carlos Raposo de Magalhães, Renato Pantoja Filho, Edu Rossi, Anísio de Castro Rangel, José Duarte, Marcílio de Castro, Mário Guimarães Ferri, Oscar Milton de Oliveira Godoy, Elisa da Silva Batistoni, Dulce Brito, Niven Rossi, Deoly Cardoso, Diva Cardoso, Maria Antonieta de C. Pacheco, Maria Teresa Prado, Hélia de Castro, Maria Renda, Eunice de Mello Fleury, Lucy Telles Ribeiro, Martha Andrade, Nelly sodero, Cecy Nunes Souza, Elza Fagundes D. Razão, Elba Maria Ramos Pereira, Suzanna Amorim, Ceeira Modon, Wanda Dhucid, Helena Faroco, Laura de O. Orlandi, Regina Gusso, Maria Cavalcanti, Clelia Panizza, Noemia A. Victor, Heloísa Marcondes, M.

98 - (Não assinado). *A Lanterna*. São Paulo – SP. – Ano 13 – Nº 401 – Página 04 – 05.10.1935.

Cecília Soares Camargo, Marília de Menezes, Dora M. Ribeiro, Flora Gaeta, Palmyra Gavu, Luiz Ortolani, José Daniel Pinto, Adair Stocles, Carlos Nascimento, Carlos Embanep Junior, Adelaide M. Cayotto, Maria Aparecida da Silva Prado, Rosina Camargo Guarnieri, João Orlando Moraes, Tabajara F. Oliveira, Ubirajara S. Falcão, Newton França Carneiro, Cliner Lacorte Thomaz.”

74

*Pontos de vista...*⁹⁹

Minhas primeiras ideias



Com os meus doze anos de idade, não penso escrever uma coisa de grande vulto. Quero, apenas, transmitir ao papel os meus primeiros anseios de liberdade, as minhas primeiras impressões em contato com o mundo ideal.

Muitas vezes me ponho a meditar porque a humanidade não se encontra toda unida, não se ajuda fraternalmente, com carinho e com amor.

Os burgueses, que tudo ambicionam e que tudo têm ao alcance das mãos, fecham os olhos aos sofrimentos do povo. Enquanto eles passeiam, vão a festas e se banqueteiam, como verdadeiros tubarões, nos casebres pobres impera o desespero, a miséria aniquila as vidas famintas das famílias proletárias. O operário, trabalhando noite e dia, mal ganha para comprar um pedaço de pão para alimentar a sua família.

Um dos seus melhores negócios, dos burgueses, é a guerra. Conduzem os povos a matar os seus irmãos ou a morrer nos campos de batalha. Quando os sobreviventes dos massacres guerreiros voltam a suas casas, encontram-se num estado de não poder trabalhar e não têm, então, outro recurso que mendigar, exibindo as pernas e os braços mutilados e as medalhas que lhe penduram ao peito, como prêmio da sua bravura...

E quantas vezes, ao pedirem uma esmola ao burguês, este os insulta e lhes diz que vão trabalhar, esquecendo-se de que estão naquele estado miserável por sua causa, por lhe defenderem os seus interesses e

99 - MOSCALEGA, Alba. **A Plebe**. Nova fase. São Paulo – SP. – Ano 03 – Nº 101 – Página 02 – 09.11.1935.

os seus privilégios. Sem nenhuma piedade para com essas desgraçadas vítimas dos seus orgulhos e dos seus apetites, continuam o seu passeio tranquilamente.

A eles todas as regalias; aos pobres, todas as misérias, todas as desventuras, todos os frutos amargos de uma vida escrava.

Só com a destruição dos privilégios burgueses teremos a tão desejada liberdade.

Abaixo a guerra! Viva Liberdade!

Plano inicial da coleção pensamento social anarquista palavras explicativas

A concepção desta coleção me veio quando iniciei as pesquisas em torno dos jornais, revistas e livros elaborados pelos anarquistas do início até meados do século XX no Brasil. A ideia, com esta coleção, é tornar acessível, a quem estude tanto o pensamento social produzido no Brasil como também faça pesquisas e tenha interesse no movimento operário deste período, textos valiosos guardados em arquivos, bibliotecas públicas e acervos particulares. O desconhecimento atual do pensamento social elaborado pelo mundo do trabalho, sob vibração anarquista, é estarrecedor. O apagamento das elaborações intelectuais do mundo do trabalho constitui ação planejada, articulada à decisão política, mais ampla, de supressão, no imaginário coletivo, da presença singular dos setores populares na configuração de nossa sociedade. O nome apropriado para entender esta medida é epistemicídio. Por isso, reeditar livros, cujas edições foram poucas ou, caso mais expressivo, únicas, constitui o objetivo principal desta coleção. Além da reedição de livros, procedi à montagem, em volumes temáticos, de coletâneas com artigos retirados de jornais, revistas, folhetos e demais produções impressas do movimento dos trabalhadores no Brasil. Com a palavra “inicial”, no título acima, procuro indicar o caráter de continuada elaboração e organização dos volumes temáticos nesta coleção. À medida em que retorno aos artigos transcritos, o conjunto desses textos me sugerem o tema em torno do qual eles podem ser reunidos. Alguns já estão definidos. Outros podem surgir porque, como ainda estou caminhando nos textos, os assuntos ainda não estão esgotados. Inclusive a ordem dos futuros volumes pode ser alterada. Por esta razão, exponho aqui uma relação provisória dos títulos dos volumes. Última nota: em todas as capas da coleção, como também no interior de cada volume, os detalhes estéticos (figuras, adornos, molduras, enfeites) foram retirados da mesma imprensa operária aqui estudada.

V. 1 – Lições de Pedagogia. *Maria Lacerda de Moura.*

- V. 2 – Da escravidão à liberdade: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social – *Florentino de Carvalho*.
- V. 3 – Civilização, tronco de escravos – *Maria Lacerda de Moura*.
- V. 4 – Educação anarquista – Conceitos – *Coletânea*.
- V. 5 – Educação anarquista – Experimentos – Francisco Ferrer y Guardia – *Coletânea*.
- V. 6 – Crianças e jovens na imprensa operária (1903 – 1935) – *Coletânea*.
- V. 7 – Crianças e jovens na imprensa operária (1909 – 1968) – *Coletânea*.
- V. * – Ferrer, o clero romano e a educação laica (e outros escritos sobre Ferrer) – *Maria Lacerda de Moura*.
- V. * – A guerra civil de São Paulo: soluções imediatas para os grandes problemas sociais – *Florentino de Carvalho*.
- V. * – A saúde pública analisada pelo mundo do trabalho (1901 – 1935) – *Coletânea*.
- V. * – A saúde pública analisada pelo mundo do trabalho (1908 – 1968) – *Coletânea*.
- V. * – Mulheres (1897 – 1935) – *Coletânea*.
- V. * – Mulheres (1903 – 1967) – *Coletânea*.
- V. * – Racismo e raça (1898 – 1968) – *Coletânea*.
- V. * – Religião e anticlericalismo (1903 – 1935) – *Coletânea*.
- V. * – Religião e anticlericalismo (1898 – 1968) – *Coletânea*.
- V. * – Religião e anticlericalismo (1911 – 1967) – *Coletânea*.
- V. * – Anarquismo e sindicalismo – *Coletânea*.
- V. * – Anarquismo e socialismo – *Coletânea*.
- V. * – Anarquismo e anarquia – *Coletânea*.
- V. * – Artes, poesia e insubmissão – *Coletânea*.
- V. * – Han Ryner e o amor plural – *Maria Lacerda de Moura*.
- V. * – Clero e fascismo – horda de embrutecedores / Clero e Estado – *Maria Lacerda de Moura*.
- V. * – “A mulher é uma degenerada.” – *Maria Lacerda de Moura*.
- V. * – A razão contra a fé – *Benjamim Mota*.
- V. * – Rebeldias – *Benjamim Mota*.
- V. * – Os sicários do jornalismo – *Mota Assunção*.
- V. * – Guerra e militarismo – *Coletânea*.
- V. * – Camponeses – *Coletânea*.
- V. * – Indígenas – *Coletânea*.
- V. * – Brasil visto no mundo do trabalho – *Coletânea*.

- V. * – Revoluções – *Coletânea*.
V. * – Relações internacionais – *Coletânea*.
V. * – Obituários – *Coletânea*.

LISTA DE ACERVOS, INSTITUIÇÕES E SITES

**Acervo digitalizado particular organizado por Francisco Robson
Alves de Oliveira e Francisco Victor Pereira Braga.
Fortaleza – CE.**

Arquivo Edgard Leuenroth – Unicamp. São Paulo – SP.

Arquivo Público do Estado de Santa Catarina – Florianópolis – SC.

Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP. São Paulo – SP.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ.

Arquivo Público Estadual João Emerenciano – Pernambuco – PE.

Arquivo de Memória Operária – IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro – RJ.

Arquivo Nacional – Rio de Janeiro – RJ.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade. São Paulo – SP.

Biblioteca Professor Geraldo Ataliba – PUC/SP. São Paulo – SP.

**Centro de Apoio à Pesquisa em História Sérgio Buarque de Holanda
– CAPH/USP – São Paulo – SP.**

Centro de Cultura Social – CCS – São Paulo – SP.

**Centro de Documentação e Memória da Unesp – CEDEM/Unesp.
São Paulo – SP.**

Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro – RJ.

Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – RJ.

**Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB – Rio de Janeiro
– RJ.**

Sites:

Acervo Digital da Unesp – São Paulo.

Biblioteca Nacional Digital – Rio de Janeiro.

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.

**Rete delle Biblioteche e Archivi Anarchici e Libertari - REBAL –
Itália.**

Última Barricada – Portugal.

University of Florida Digital Collections

